

RICARDO ALVES DE LIMA

O Teste do Desenho do Casal no diagnóstico da satisfação conjugal

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para a obtenção do título de
Doutor em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Irai Cristina Boccato Alves

São Paulo
2010

Este material encontra-se em versão reduzida devido ao fato dos testes psicológicos serem de uso privativo de profissionais psicólogos, conforme a Lei 4.119 de 27 de agosto de 1962, que regulamenta a profissão. A divulgação de instrumentos e técnicas psicológicas, a não psicólogos, fere o artigo 18 do Código de Ética dos Psicólogos (agosto 2005). A tese, na íntegra, pode ser consultada na Biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, por psicólogos e estudantes de Psicologia.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Lima, Ricardo Alves de.

O Teste do Desenho do Casal no diagnóstico da satisfação conjugal / Ricardo Alves de Lima; orientadora Iraí Cristina Boccato Alves. -- São Paulo, 2010.

178 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Avaliação psicológica 2. Teste psicológicos 3. Teste do Desenho do Casal 4. Técnicas projetivas 5. Relações conjugais I.
Título.

BF176

RESUMO

LIMA, R. A. **O Teste do Desenho do Casal no diagnóstico da satisfação conjugal.** 178p. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

O casamento e a satisfação conjugal são aspectos importantes do desenvolvimento humano, que têm despertado o interesse de muitos pesquisadores no campo da Psicologia, principalmente na área Clínica e da Avaliação Psicológica. Este estudo teve como objetivo principal desenvolver um novo instrumento para a avaliação da satisfação conjugal, o Teste do Desenho do Casal (TDC) e estabelecer possíveis indicadores gráficos e dinâmicos para esse propósito. Assim pretendeu-se verificar por meio do TDC se existem diferenças relativas à satisfação conjugal entre pessoas com e sem filho(s) e entre homens e mulheres da cidade de São Paulo. Participaram da pesquisa 201 sujeitos, 100 homens e 101 mulheres, divididos igualmente em grupos com e sem filhos. Todos eram casados pela primeira vez por um período entre um e dez anos completos, não estavam em situação de gravidez e possuíam, no mínimo, ensino médio incompleto. A coleta de dados foi realizada individualmente. Os instrumentos foram: material gráfico para a aplicação do TDC; Formulário Complementar de Satisfação Conjugal (elaborado especialmente para esse estudo); Escala de Satisfação Conjugal (ESC); Marital Adjustment Test, adaptado à realidade brasileira (MAT-MARI) e gravador. Após a avaliação das ESCs e dos MAT-MARIs foram excluídos 27 sujeitos da amostra de análise, pois se enquadravam numa faixa neutra de avaliação da satisfação conjugal. A amostra final foi constituída de 174 sujeitos, metade de cada sexo. Os desenhos foram avaliados por sete juízes, com experiência na avaliação de técnicas projetivas gráficas. Os principais resultados em relação ao TDC foram: coeficientes de precisão acima de 0,600 na avaliação da maioria dos juízes em 28 dos 38 itens propostos; os itens de *impacto da estória* e *impacto da avaliação* global apresentaram validade para avaliação

da satisfação conjugal; sete itens foram considerados esperados, com frequência >85% nos desenhos; foram identificados dez itens como indicadores de insatisfação conjugal; foi estabelecido um número mínimo de indicadores para o diagnóstico de insatisfação conjugal. Quanto às principais diferenças relativas à satisfação conjugal entre homens e mulheres, com e sem filhos, foram encontrados: 14 aspectos que diferenciaram significativamente as respostas de pessoas satisfeitas e insatisfeitas conjugalmente ($p \leq 0,02$), bem como foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres em relação aos aspectos que consideram importantes para a satisfação conjugal. Concluiu-se que o TDC e os dados complementares obtidos podem auxiliar profissionais na clínica de família e casais, tanto no diagnóstico da insatisfação conjugal como na proposta de medidas preventivas ao bem estar no casamento. Entretanto, verificou-se também a necessidade de aprofundamento nos estudos da avaliação psicológica e da detecção de elementos relativos à vida conjugal no curso do desenvolvimento familiar, pois tais variáveis apresentam-se, ao longo do tempo, extremamente dinâmicas e multifacetadas.

Palavras-chave: Avaliação psicológica; Testes psicológicos; Técnicas projetivas; Relações conjugais.

ABSTRACT

Lima, R. A. **The Couple Drawing Test in the diagnosis of marital satisfaction.** 178p. Thesis (Doctoral). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2010.

Marriage and marital satisfaction are important aspects of human development, which have raised the interest of many researchers in Psychology, especially in the areas of Clinical Psychology and Psychological Assessment. The main objective of this study was to develop a new instrument for the evaluation of marital satisfaction, the Couple Drawing Test (CDT), as well as to establish possible graphic and dynamics indicators for that purpose. We intended to verify, through CDT, whether there were differences, concerning marital satisfaction, between individuals with and without children, and also between men and women in the city of Sao Paulo. An initial number of 201 subjects took part in the research, 100 men and 101 women, equally divided in groups of individuals with and without children. They had all been married for the first time, for a period of 1-10 years, without occurrence of pregnancy during research period, and possessed a minimum educational level of incomplete high school. Data was collected individually. The assessment instruments were: graphic material for the administration of the CDT; a Marital Satisfaction complementary assessment form (especially developed for this study); Marital Satisfaction Scale (MSS); Marital Adjustment Test adapted to Brazilian context (MAT-MARI); and voice recorder. After the evaluation of the MSSs and MAT-MARIs, 27 subjects were excluded from the sample analysis because they fell in a neutral range of the marital satisfaction indicators. The final sample had 174 subjects, half of each sex. The drawings were evaluated by seven judges who were psychologists with expertise in the evaluation of projective graphic techniques. The main results concerning the CDT were: reliability coefficients higher than 0,600 in the evaluation of the majority of judges in 28 out of the 38 proposed items; the items *story impact* and *global evaluation impact* showed appropriate validity for the evaluation of marital satisfaction; seven items were considered expected, with a >85% frequency on drawings; ten items were identified as indicators of marital dissatisfaction; a minimum number of indicators was established for the diagnosis of marital dissatisfaction. Concerning the main differences in marital satisfaction for men and women, with and without children, the findings were that 14 aspects significantly distinguished the answers of maritally satisfied and dissatisfied individuals ($p \leq 0,02$) and significant differences were found between men and women with regard to the issues

considered important for the marital satisfaction. The conclusion was that the CDT and the complementary data obtained might assist professionals in their clinical work with families and couples, not only in the diagnosis of marital dissatisfaction, but also in the suggestion of preventive actions regarding the marriage welfare. Nevertheless, we emphasize the need of further studies on psychological evaluation and identification of elements concerning marital life in the course of family development, once the variables researched proved to be, over time, extremely dynamic and multifaceted.

Key words: Psychological evaluation, Psychological tests, Projective techniques, Marital relations.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1. O DESENHO COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA....	14
1.1 Possibilidades de utilização do desenho como instrumento de avaliação.....	18
1.2 O Desenho da Figura Humana como um parâmetro para o Desenho do Casal.....	21
1.3 O Teste do Desenho do Casal: escassez de referências.....	24
2. A SATISFAÇÃO CONJUGAL.....	29
2.1 Um breve histórico do estudo e da avaliação da satisfação nas relações conjugais	32
2.2 Satisfação conjugal: um conceito e vários significados.....	37
2.3 Satisfação e qualidade conjugal: possíveis relações.....	42
2.4 A mulher, o homem, o masculino e o feminino: a satisfação conjugal sob olhares diferentes	44
2.5 A satisfação conjugal e o ciclo de vida familiar.....	49
3. OBJETIVOS.....	55
4. MÉTODO.....	56
4.1 Sujeitos.....	56
4.2 Instrumentos.....	61
4.2.1 Teste do Desenho do Casal.....	61
4.2.2 Formulário Complementar de Satisfação Conjugal (FCSC).....	61
4.2.3 Escala de Satisfação Conjugal (ESC).....	62
4.2.4 Marital Adjustment Test (MAT-MARI).....	62
4.2.5 Formulário de caracterização dos participantes.....	63
4.3 Procedimentos de coleta de dados.....	63
4.3.1 Agendamento da coleta de dados.....	63
4.3.2 O momento da coleta de dados.....	64
4.4 Procedimentos de análise dos dados.....	65
4.4.1 A avaliação dos inventários de satisfação conjugal.....	66
4.4.2 A seleção dos desenhos para avaliação.....	69
4.4.3 Caracterização dos sujeitos com os TDCs selecionados para a análise.....	70
4.4.4 Organização dos critérios para a avaliação do TDC.....	74

4.4.5 Avaliação do TDC pelos juízes.....	75
5. RESULTADOS e DISCUSSÃO.....	78
5.1 O Teste do Desenho do Casal.....	78
5.1.1 Precisão da Avaliação dos Juízes.....	78
5.1.2 Indicadores de satisfação/insatisfação conjugal no TDC.....	83
5.2 As particularidades da satisfação conjugal.....	92
5.2.1 O conceito de satisfação conjugal na amostra total.....	92
5.2.2 A satisfação conjugal para homens e mulheres.....	96
5.2.3 A satisfação conjugal para pessoas com e sem filhos.....	101
5.2.4 Análises complementares da insatisfação conjugal.....	107
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113
ANEXOS.....	127

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição de homens e mulheres participantes do estudo, por grupo.....	58
Tabela 2: Idades dos participantes do estudo, por sexo e na amostra total.....	58
Tabela 3: Escolaridade dos participantes do estudo, por sexo e na amostra total.....	58
Tabela 4: Renda pessoal dos participantes do estudo, por sexo e na amostra total.....	59
Tabela 5: Religiões dos participantes do estudo, por sexo e na amostra total.....	60
Tabela 6: Tempo de casamento de homens e mulheres participantes do estudo.....	60
Tabela 7: Amplitude dos escores e critérios de classificação do MAT-MARI.....	66
Tabela 8: Amplitude dos escores e critérios de classificação da ESC.....	66
Tabela 9: Amplitude dos escores e critérios de classificação das sub-escalas da ESC...	67
Tabela 10: Distribuição dos sujeitos selecionados para análise.....	69
Tabela 11: Percentual de mulheres e homens selecionados, pela satisfação conjugal....	70
Tabela 12: Percentual de mulheres e homens selecionados, com e sem filhos.....	70
Tabela 13: Idades dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total.....	71
Tabela 14: Escolaridade dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total....	71
Tabela 15: Renda pessoal dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total..	72
Tabela 16: Religiões dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total.....	73
Tabela 17: Tempo de casamento dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total	73
Tabela 18: Correlações entre as avaliações dos aspectos gráficos realizadas pelos pares de juízes	79
Tabela 19: Correlações entre as avaliações dos aspectos dinâmicos realizadas pelos pares de juízes	81
Tabela 20: Correlações entre as avaliações dos <i>itens de impacto</i> por juízes de cada sexo e o <i>critério externo</i> .	82
Tabela 21: Indicadores esperados no TDC entre sexos e na amostra total.....	84
Tabela 22: Frequência absoluta das alternativas dos itens do TDC e χ^2 para cada sexo e amostra total (Anexo C)	129
Tabela 23: Indicadores com $p \leq 0,05$ em desenhos realizados por mulheres.....	85
Tabela 24: Indicadores com $p \leq 0,05$ em desenhos realizados por homens.....	87
Tabela 25: Indicadores com $p \geq 0,05$, da amostra total.....	88

Tabela 26: Distribuição de frequências do total de indicadores nos desenhos.....	91
Tabela 27: Porcentagem dos desenhos de acordo com a quantidade de indicadores.....	91
Tabela 28: Frequências absolutas sujeitos satisfeitos e insatisfeitos, por sexo.....	96
Tabela 29: Dados relativos aos escores do MAT-MARI, por sexo.....	97
Tabela 30: Dados relativos aos escores da ESC e suas sub-escalas, por sexo.....	98
Tabela 31: Dados relativos às notas de auto-avaliação da satisfação conjugal, por sexo	99
Tabela 32: Frequências de sujeitos satisfeitos e insatisfeitos sem e com filhos.....	102
Tabela 33: Dados relativos aos escores do MAT-MARI, por grupo de pessoas sem e com filhos	102
Tabela 34: Dados relativos aos escores da ESC e suas sub-escalas, por grupo de pessoas sem e com filhos	103
Tabela 35: Dados relativos às notas de auto-avaliação da satisfação conjugal, por grupo de pessoas sem e com filhos	104

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Distribuição dos escores totais do MAT-MARI.....	68
Figura 2: Distribuição dos escores totais da ESC.....	68

APRESENTAÇÃO

Nas últimas décadas, muitos questionamentos têm sido feitos acerca da eficácia das Técnicas de Exame Psicológico. Apesar do crescente número de pesquisas que envolvem essas técnicas, há ainda lacunas significativas na produção científica da área. Uma destas lacunas refere-se às técnicas projetivas gráficas. Observam-se, de fato, muitas pesquisas envolvendo principalmente desenhos de crianças e suas relações, tanto com os aspectos intelectuais, como com os de personalidade. Os estudos sobre desenhos de adultos são mais raros, principalmente quando objetivam discutir a relação entre a produção gráfica e a investigação de dados referentes à conjugalidade. Aliás, o levantamento bibliográfico, realizado pelo autor para a elaboração desta pesquisa, demonstrou que a produção científica, a qual se propõe relacionar estas variáveis, é praticamente nula no Brasil.

O interesse do autor pelas técnicas projetivas gráficas surgiu desde a sua formação em Psicologia, na década de 90, enquanto aluno e monitor da disciplina de Técnicas de Exame Psicológico (TEP). O envolvimento precoce com o ensino e a pesquisa de TEP fez com que as inquietações inerentes à iniciação científica o colocassem em contato intenso com os fundamentos teóricos e práticos destas técnicas. Já em sua monografia de graduação, com dados coletados num quartel militar, estudou as influências dos estímulos ambientais sobre o conteúdo do teste Wartegg (LIMA, 2001). Os resultados desta pesquisa só fizeram aguçar a sua crítica e vontade de responder às novas perguntas que ali se apresentavam. Logo após a graduação, ingressou simultaneamente na carreira docente universitária e no mestrado, na área de Educação, estudando o papel das atividades práticas no processo de ensino-aprendizagem de TEP. As conclusões apresentadas em sua dissertação mais uma vez o impulsionaram a propor novos estudos e práticas; desta vez como orientador de monografias na área de avaliação psicológica e professor proponente de uma nova estrutura curricular para as disciplinas de TEP

na instituição em que trabalhava. Em 2002 deixou suas atividades com a graduação para se dedicar mais ao trabalho clínico, à docência em cursos de especialização e à elaboração do projeto de doutorado.

Quanto ao interesse pelos aspectos que envolvem a conjugalidade, este teve início em sua atividade clínica, principalmente nos últimos anos. Seu trabalho como psicoterapeuta individual de adultos o fez identificar um grande número de queixas voltadas para a insatisfação conjugal, em diversos níveis. Outro fenômeno observado foi o aumento de casais que buscavam o auxílio psicoterapêutico, fato este que o fez buscar aprofundamento tanto nas bases teóricas, como nas práticas clínicas, com o objetivo de atender tal demanda. O contato com a diversidade de casos clínicos e a complexidade de suas dinâmicas inter e intrapessoais apontou para a necessidade de um instrumento diagnóstico que auxiliasse na identificação do que, muitas vezes, não se expressa por palavras, principalmente na situação de atendimento com o casal. Assim, surgiu a idéia de estudar, no doutorado, as possibilidades de investigação de aspectos relativos à satisfação conjugal, via projeção gráfica.

Com os resultados de seu trabalho, o autor pretendeu apresentar dados válidos para o auxílio de profissionais que lidam com casais e orientação de pais, tanto no âmbito do psicodiagnóstico, quanto durante a intervenção psicoterapêutica.

As possibilidades de relação entre as variáveis a serem pesquisadas são explanadas nas seções seguintes. Primeiramente são abordados assuntos sobre a evolução dos estudos relativos às técnicas projetivas gráficas, suas aplicações no campo da Psicologia, a escassez de bibliografia referente aos desenhos de adultos e do Desenho do Casal. A satisfação conjugal, a sua definição através dos tempos, os objetivos desse estudo, o método da pesquisa e os seus resultados serão assuntos dos capítulos subseqüentes.

1. O DESENHO COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA

O desenho não é uma fotografia, isto é, não constitui uma representação fiel da realidade, mas sim a interpretação desta pelo sujeito. Um desenho representa a maneira de ver as coisas, de se colocar diante delas e de senti-las, e como tal nos dá indicações da maneira peculiar de ser e sentir de uma pessoa. (VAN KOLCK, 1966, p.10)

Para alguns povos o desenho representou, antes mesmo da escrita, a mais clara e direta forma de representar estilos de vida, ideais, sentimentos e pensamentos. Temos, por exemplo, produções desta natureza encontradas em cavernas, indicando uma das formas mais antigas de comunicação humana. Mais adiante no tempo, os povos egípcios, com os hieróglifos, e os babilônicos utilizaram os desenhos muito antes do estabelecimento de um sistema de escrita formado por letras.

No decorrer da história, a linguagem escrita desenvolveu-se no sentido da estruturação dos diversos idiomas, bem como dos seus respectivos alfabetos. Contudo, há algo que parece permanecer universal quanto à comunicação humana: a utilização de símbolos para expressar o que se sente e o que se pensa. Foi a partir dessa premissa que o desenho, já no final do século XIX, passou a se constituir em objeto de estudo da Psicologia e de profissionais de áreas afins.

Entre os pioneiros na exploração do que se pode chamar de Psicologia Projetiva, aplicada ao simbolismo dos desenhos, destacam-se John Buck (1948), Karen Machover (1949), Karl Kock (1965), Louis Corman (1967), Emanuel Hammer (1969), entre outros. Graças aos seus esforços, hoje se sabe mais, por exemplo, sobre a imagem corporal, isto é, sobre a concepção interna que temos a respeito do nosso corpo e de suas funções no meio social, bem como de sua relação com os desenhos produzidos por crianças e adultos. Desde então, muitos outros autores empenharam-se em estudar as possibilidades oferecidas pela produção gráfica na

obtenção de dados referentes à inteligência e à personalidade, tanto em indivíduos ditos normais, como em quadros patológicos.

Van Kolck (1984, p.2) traz sua contribuição ao afirmar que a produção gráfica:

[...] se constitui em condição ótima para a projeção de personalidade possibilitando a manifestação mais direta de aspectos de que o sujeito não tem conhecimento, não quer ou não pode revelar, isto é, aspectos mais profundos e inconscientes; isso porque sendo um meio menos usual de comunicação do que a linguagem tem um conteúdo simbólico menos reconhecido.

Como exemplo desta afirmação, Vels (2007) diz que ao pedir a um indivíduo para desenhar uma pessoa, provavelmente revelará, para aqueles que estudam o grafismo, muito de seus problemas profundos, sua imagem corporal e aspectos de suas vivências afetivas no contato familiar e social. Outra contribuição a respeito da possibilidade de representações inconscientes presentes na produção gráfica é a de Amenós (2007), ao comentar que as tensões e as necessidades, as concepções particulares sobre o mundo que nos cerca, bem como os esforços para organizar os pensamentos e os sentimentos, são expressos nos desenhos livres ou temáticos.

Quanto aos processos psicológicos envolvidos na produção de um desenho, Van Kolck (1984) destaca os de adaptação, projeção e expressão, para fins de interpretação. No âmbito adaptativo, observa como o indivíduo responde à solicitação ou à proposta de desenhar, ou seja, se há coerência entre o desenho realizado com o que foi sugerido como tarefa. Este aspecto relaciona-se diretamente ao que é esperado para a faixa etária, sexo e escolaridade de quem desenha. A projeção é vista pela maneira que se atribui qualidades às situações ou objetos desenhados, isto é, o conteúdo produzido graficamente ou verbalmente (respostas ao inquérito dos desenhos). Finalmente, entende a expressão como a manifestação de características peculiares das respostas gráficas, tais como pressão do lápis, tipo de traçado, localização do desenho na folha e o tamanho do mesmo. Refere-se, neste caso, à forma e não ao conteúdo da produção gráfica. Para elucidar mais amplamente este último quesito, Vels (2007, p.2) cita que:

[...] no desenho das figuras, os fracassos de adaptação se oferecem à primeira vista ao psicólogo experiente, na sua localização, nas desproporções, nas distorções, nas assimetrias, na posição inclinada ou caída das figuras, nas estruturas empobrecidas ou rígidas, nos sombreados, nos contornos extremamente repassados, nos detalhes aberrantes, etc [...].

O desenho, como técnica projetiva, possui características básicas que diferem de outras técnicas de avaliação da personalidade. Tanto Pichot (1963) quanto Anastasi (1977) afirmam que as técnicas projetivas têm como principal característica constituírem uma tarefa relativamente não estruturada, permitindo assim uma amplitude e variedade muito grande de respostas. A partir dessa premissa surge a idéia de que a maneira pela qual um sujeito percebe, interpreta e responde ao que é solicitado, evidencia as características fundamentais do seu funcionamento psicológico.

Acerca deste aspecto, Buck (2003) propõe uma idéia diferente da apresentada anteriormente por Van Kolck (1984). Considera que os desenhos avaliam predominantemente os processos *expressivos*, enquanto outras técnicas projetivas que envolvem apenas resposta verbal, como o Rorschach, avaliam processos *reativos*. Tal afirmação pode se justificar pelo fato de que no desenho, seja ele livre ou temático, há a presença de uma expressão gráfica, enquanto nos testes verbais a resposta limita-se à reação do indivíduo ao estímulo apresentado. Wyatt (1949, *apud* BUCK, 2003) ratifica este pensamento ao afirmar que a profundidade de análise da personalidade, proporcionada pelas técnicas de desenho, é maior do que a dos instrumentos projetivos exclusivamente verbais.

Cabe ressaltar que tal discussão ainda é polêmica nos dias de hoje, principalmente por causa das reproduções gráficas estereotipadas, ou seja, desenhos aprendidos na escola. Assim, a maneira de desenhar uma casa, árvore ou mesmo uma pessoa pode ser resultado de como essas construções gráficas nos foram ensinadas na infância e que, em muitos casos, assim fazíamos para obter êxito escolar. Outra discussão refere-se às reproduções de personagens de histórias em quadrinhos ou seriados de televisão. Seriam essas (re)produções expressões de aspectos

emocionais, apesar de não serem originais? Nesses casos, cabe uma avaliação mais ampla e detalhada sobre não somente *o que e como* se desenha, mas em qual contexto essa produção se insere. Esse aspecto pode ser investigado, por exemplo, pela estória contada ou mesmo pelo inquérito complementar.

Hammer (1969) discute também a comparação entre a avaliação de aspectos emocionais realizada com desenhos e outros tipos de técnicas. Apresenta a idéia de que o desenho atinge o nível do pensamento primitivo pictórico, estando este no mesmo plano do inconsciente. Desta forma, a produção gráfica alcançaria mais profundamente aspectos inconscientes do que a resposta verbal. Arzeno (1995) explica que a linguagem do desenho (por ser lúdica) aproxima-se mais do inconsciente e do ego corporal. Isso ocorre devido à linguagem verbal ser mais suscetível ao controle consciente, quando comparada à expressão gráfica, já que ela é um recurso adquirido mais tardiamente no desenvolvimento humano. Buck (2003) complementa essa afirmação dizendo que o emprego do desenho como técnica projetiva é útil, mesmo de forma isolada, porque os conflitos emocionais apresentam-se mais claramente durante a sua confecção do que em outras atividades diagnósticas.

Características relacionadas à praticidade no trabalho com desenhos, quando comparados a outras técnicas projetivas, são apontadas por diversos autores, entre eles Hammer (1991), Arzeno (1995) e Waehler (1997). A primeira delas é o fato de serem técnicas não verbais, o que facilita o trabalho com pessoas que possuem dificuldades de linguagem, introvertidas, com baixa escolaridade, entre outros. Outro ponto a ser ressaltado é a possibilidade de aplicação coletiva e rápida, o que faz do desenho um instrumento muito útil em situações nas quais a compreensão da personalidade de muitas pessoas é solicitada num curto espaço de tempo. Amenós (2007) considera que a brevidade proporcionada pela avaliação com desenhos também pode ser verificada na sua interpretação, desde que seja realizada por um profissional experiente. Neste caso resalta também que a economia de tempo na interpretação da técnica não deve

representar banalização ou superficialização da mesma. O baixo custo dos recursos necessários para a sua aplicação também é uma vantagem, pois a simplicidade do material gráfico é uma característica muito freqüente dessas técnicas.

1.1 Possibilidades de utilização do desenho como instrumento de avaliação

Van Kolck (1966, p.3), a partir de sua experiência clínica, diz que “o desenho pode ser usado para fins de diagnóstico, tanto quando oferecido espontaneamente como quando solicitado através de instruções mais ou menos precisas”. Porém, a utilização dos desenhos como instrumentos projetivos de personalidade pode ocorrer tanto no âmbito do psicodiagnóstico como no desenvolvimento de um tratamento. No primeiro caso eles podem ser empregados para a averiguação de quadros alterados ou patológicos, como parte integrante de uma bateria de testes, a fim de elucidar modalidades de tratamento. Longitudinalmente, o desenho mostra-se bastante eficaz para registrar a evolução (ou não) do tratamento ao qual o indivíduo se submete. Ao explicar essas possibilidades, Zucker (1948, *apud* BUCK, 2003) diz que os primeiros sinais indicativos de psicopatologia podem ser obtidos pelo trabalho com desenhos, ainda no processo diagnóstico. Ressalta, ainda, que no decorrer do tratamento, as técnicas projetivas gráficas são as que apresentam mais sensibilidade para detectar a evolução dos quadros psicopatológicos. E complementa seu pensamento afirmando que os desenhos são os recursos de avaliação que perdem por último as características inerentes aos problemas emocionais. Isto nos leva a pensar que um mal estar psíquico pode não ser manifestado de forma verbal ou comportamental por uma pessoa em tratamento psicológico, mas provavelmente será detectado em suas produções gráficas.

Quanto ao uso dos desenhos, tanto no psicodiagnóstico quanto no decorrer de um tratamento, Amenós (2007) ressalta a importância do domínio das técnicas de aplicação, avaliação e interpretação por parte do profissional. Entretanto acredita que este conhecimento não é mais importante do que o das teorias da personalidade, do desenvolvimento psíquico e das síndromes patológicas. Ressalta que essas teorias são o alicerce sólido onde o psicólogo deve apoiar seu trabalho com as técnicas projetivas gráficas.

Não obstante essas aplicações, julga-se válido ressaltar a pesquisa como outra utilização dos desenhos no campo da Psicologia. Neste ponto pode-se destacar dois tipos de papéis das técnicas projetivas gráficas em pesquisas científicas. A primeira diz respeito ao desenho como um instrumento de coleta de dados, para o estudo de outra(s) variável(is), como, por exemplo, *o estudo da auto-imagem em pacientes pós cirúrgicos pelo Desenho da Figura Humana (DFH)*, ou mesmo uma investigação dos *aspectos emocionais da terceira idade presentes no Teste do Desenho da Casa-Árvore-Pessoa (HTP)*. Neste caso, a interpretação dos desenhos deveria seguir a padronização desenvolvida pelos autores das técnicas, tanto na sua aplicação como na avaliação e interpretação dos dados coletados. Muitos pesquisadores, porém, ao utilizarem estas técnicas, não realizam um procedimento sistemático padronizado, principalmente no que se refere aos métodos de avaliação e interpretação dos resultados.

Osterrieth e Cambier (1976) julgam que a falta de um padrão para a sistematização da interpretação dos testes projetivos gráficos dá-se justamente pela diversidade e amplitude teórica das Ciências Humanas. Afirmam que muitos dos recursos utilizados na compreensão de significados dos desenhos ainda são pouco fundamentados ou são baseados em “pseudo-teorias parciais” (p.18) que, em muitos casos, não se integram à totalidade dos conhecimentos da Psicologia.

Peres e Justo (2005), em sua pesquisa com desenhos da Casa, Árvore, Pessoa e da Família realizados por andarilhos de estrada, revelam a importância do uso de parâmetros

sistemáticos para a avaliação das produções gráficas coletadas. Justificam essa afirmação pelo fato de que, ao não se tomar esse cuidado, incorre-se no erro de realizar um exame essencialmente intuitivo e, portanto, de obter resultados pouco válidos e precisos. As causas e efeitos dessa falta de padronização na avaliação com o auxílio de desenhos são variados. Originam-se já na formação do profissional para o trabalho com os testes psicológicos, em seu (des)preparo frente à heterogeneidade teórico-metodológica da Psicologia. Conseqüentemente, nas diversas áreas da prática profissional, tal avaliação pode apresentar um caráter superficial e/ou irrelevante do ponto de vista da validade diagnóstica, inclusive no campo científico. Quanto a esta questão, Pasian, Okino e Saur (2004, p.59) afirmam que:

Precisaríamos, na verdade, tomar ciência desta diversidade teórico-metodológica da maneira mais completa possível para, então, termos bases mais precisas para o uso dos desenhos. Entretanto, este movimento não corresponde à prática, onde as técnicas gráficas continuam sendo usadas com muita freqüência por inúmeros profissionais com diferente experiência e conhecimento, a partir de variados sistemas de análise.

Surge, neste ponto, um dos grandes dilemas da avaliação psicológica. Por um lado, o grande número de conceitos e teorias que constitui a Psicologia dificulta a sistematização de critérios universais para o trabalho com os testes projetivos gráficos. Por outro, se os critérios de avaliação são estabelecidos sob determinado (e restrito) referencial teórico-metodológico, é de se esperar que sejam alvo de críticas relativas ao caráter simplista de determinada técnica que se propõe a compreender fenômenos tão complexos como, por exemplo, a personalidade humana.

Se a primeira possibilidade de pesquisa, com as técnicas projetivas gráficas, apresenta o desenho como instrumento de apoio ou coadjuvante metodológico de estudo, a segunda o vê como protagonista principal, isto é, como variável de estudo. São exemplos de como a produção gráfica pode ser objeto de estudo: as tentativas de criação de testes, os estudos de validação, o estabelecimento de normas relativas a um instrumento importado de outro país para a nossa população/cultura e o levantamento da possibilidade de investigação, pelo desenho, de

fenômenos até então exclusivamente observados em outros tipos de técnicas de exame psicológico. Esse último exemplo representou um dos objetivos do presente estudo, como será abordado mais adiante.

Dentre os testes projetivos gráficos, o HTP e o DFH são os que mais recebem atenção e interesse dos pesquisadores brasileiros, ainda que na sua grande maioria sejam aplicados em crianças. Ambos não apresentam dados referentes a normas brasileiras e somente o primeiro foi aprovado para fins de avaliação, até o presente momento, pela Comissão de Avaliação Psicológica, instituída a partir da Resolução nº 025/2001 do Conselho Federal de Psicologia (2001). Daí a necessidade de novos estudos com produções gráficas de indivíduos residentes em nosso país para que se possa, com dados mais consistentes, construir normas para o trabalho com desenhos de adultos.

O presente estudo tem como objeto de investigação o Desenho do Casal e a técnica projetiva gráfica que mais se aproxima desta proposta é o Desenho da Figura Humana de Machover. Desta forma, julga-se necessário mencionar aqui esta técnica específica, pois ela representa a referência mais importante na identificação de parâmetros para o estudo do Desenho do Casal.

1.2 O Desenho da Figura Humana como um parâmetro para o Desenho do Casal

A partir da experiência com o Teste do Desenho da Figura Humana de Goodenough (GOODENOUGH, 1926), utilizado na avaliação da inteligência infantil, Machover apresentou, em 1949, o Draw a Person Test (DAP). Em português ele recebeu o mesmo nome de seu antecessor, o Teste do Desenho da Figura Humana (DFH), mas com o propósito de avaliar aspectos emocionais. Trata-se de uma tarefa simples, pela qual se solicita ao indivíduo que

desenhe numa folha de papel (branco, de tamanho padrão e na posição vertical), uma pessoa. Feito esse desenho, apresenta-se outra folha idêntica à primeira e pede-se para que desenhe uma outra pessoa, do sexo oposto. Após a confecção dos desenhos realiza-se um inquérito como procedimento complementar, visando contextualizá-los com informações que vão além da produção gráfica. Por exemplo, pode-se identificar emoções, pensamentos e até mesmo cenários nos quais se situam a Figura Humana desenhada, os quais não foram expressos graficamente, mas que estão presentes naquela situação. Há a possibilidade, ainda, de se questionar ao examinando dados sobre aquele contexto, que por ventura não foram abordados espontaneamente pela estória contada, mas que têm o seu valor para fins de avaliação.

Dos diversos apontamentos elucidativos sobre o DFH, destaca-se o de Bernstein (1951, p. 235) que diz:

Machover partiu, em suas investigações, da hipótese básica de que, sendo o corpo a referência substancial e concreta do eu, o Desenho da Figura Humana não só serve para a expressão e medição da capacidade pictórica, senão também de veículo singularmente adequado para a projeção da personalidade: a Figura Humana produzida representa a pessoa e a folha em branco o ambiente.

De acordo com Van Kolck (1984), dentre as várias técnicas projetivas gráficas o DFH pode ser classificado como um *desenho temático sem modelo*, ou seja, é uma produção gráfica com um tema proposto. São exemplos desta classe de desenhos, com a presença de Figuras Humanas, o HTP (BUCK, 1987), o Teste do Desenho da Família (CORMAN, 1967), o Teste do Desenho Cinético da Escola e o Teste do Desenho do Professor, estudados no Brasil por Duarte (1992) e Fonseca (1995), respectivamente. O Teste do Desenho do Casal, objeto de estudo desta pesquisa, também se refere a um desenho temático sem modelo e com figuras humanas.

Talvez a mais comentada finalidade de avaliação do DFH seja a da imagem corporal. Dado que a produção gráfica solicitada é uma pessoa, pode-se imaginar que, ao desenhar uma Figura Humana, o sujeito projeta nela a percepção de seu corpo, que não necessariamente

condiz com a realidade física, mas principalmente com suas fantasias e/ou idéias de estrutura corporal. Schilder (1950, p. 11) entende por imagem corporal “aquela representação que formamos de nosso próprio corpo em nossa mente, isto é, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós.” Acrescenta ainda que ela seja “a imagem tridimensional que todos têm de si próprios [...] esse termo indica que não estamos tratando de uma mera sensação ou imaginação [...] não se trata de uma mera percepção. Existem figurações e representações mentais envolvidas [...]”.

Além da imagem corporal, outros aspectos podem ser identificados pelo DFH, como os citados por Vels (2007, p. 3):

Os desenhos de figuras humanas (DFH) colocam de alguma maneira em evidência as preocupações, as preferências, as necessidades, os desejos reprimidos, as frustrações, o equilíbrio e o desequilíbrio interior e a maneira de conduzir e elaborar o comportamento diante do ambiente. Indica-nos também, qual é a situação afetiva do momento com relação ao outro sexo, com a sua esfera profissional ou com o ambiente social e quais são as razões inconscientes que determinam suas reações, suas atitudes, suas posturas, etc.

O mesmo autor complementa seu raciocínio, afirmando que pelo Desenho da Figura Humana é possível identificar não somente problemas de ajustamento social ou de personalidade, mas também é um instrumento que pode apresentar situações onde a normalidade e o bom ajuste à realidade caracterizam o sujeito avaliado. Essa gama de possibilidades justifica a afirmação anterior de Zucker (1948, *apud* BUCK, 2003) acerca da possibilidade de utilização das técnicas projetivas gráficas longitudinalmente, no decorrer de um tratamento.

Aqui reside a primeira hipótese deste estudo, pois, se o Desenho da Figura Humana é capaz de identificar aspectos da imagem corporal, maneiras de elaboração de emoções e pensamentos e também qualidades das interações sociais, pode-se supor que ao desenhar um casal (contextualizando-o por meio de estória e/ou inquérito), o indivíduo pode expressar dados relativos à sua conjugalidade real e ideal. Essa idéia pode ser reforçada pelo pensamento de Grassano (1996), de que a produção gráfica não apenas revela conflitos inerentes a quem

desenha, mas também traz à tona ansiedades e fantasias significativas com relação ao corpo e às funções de outras pessoas. Boutonier (1953, p.25), apesar de trabalhar com desenhos infantis, também revela que a produção gráfica é uma “[...] projeção de sua própria existência e também dos outros ou ainda da maneira pela qual sente a existência de si mesmo e dos outros”.

1.3 O Teste do Desenho do Casal: escassez de referências

Antes mesmo do início da construção do projeto desta pesquisa surgiu a seguinte questão: Como deve ser a técnica gráfica a ser utilizada e estudada? A realização dos primeiros levantamentos bibliográficos com vistas a identificar que instrumentos projetivos gráficos já foram criados ou quais deles são utilizados para avaliar a relação conjugal não foi tarefa fácil. Como apontado anteriormente, a escassez de obras e mesmo de técnicas projetivas gráficas que propõem a investigação de dados referentes à conjugalidade, ou mesmo à satisfação conjugal, foi apenas a primeira dificuldade encontrada.

Tal fato apresentou duas situações distintas: se por um lado a pouca quantidade de material bibliográfico encontrado não forneceu parâmetros claros para a obtenção de critérios de pesquisa já utilizados por outros autores, esse mesmo fato propiciou certa liberdade na escolha dos mesmos. Isto é, ofereceu ao autor a oportunidade de criação e testagem de critérios a partir de hipóteses surgidas na experiência clínica, além da combinação, num mesmo estudo, de critérios avaliados por outros autores em pesquisas distintas. Dentre os critérios para a escolha da técnica estudada, destacam-se: que o desenho deveria ser uma técnica dinâmica em sua administração e interpretação; ser de aplicação individual; que possibilitasse investigar hipóteses sobre aspectos específicos da satisfação conjugal; e com o desenho de um casal. Algumas destas características, justificam-se pela opinião de Juri (1979, p.58), em que:

[...] a preferência pelas técnicas individuais escolhidas é dada pela possibilidade de indagar através delas o ‘par interno’ de cada examinando. Por sua vez também, são ‘econômicas’ no sentido do tempo que a sua aplicação e análise demandam.

O motivo pelo qual o desenho de um casal foi escolhido para este estudo pode ser explicado pela posição de Corman (1967) ao se referir à técnica do Desenho da Família. Segundo ele, para o esclarecimento de como um indivíduo vivencia as relações interpessoais, sobretudo no âmbito familiar, é mais relevante saber como ele representa uma família, do que como é de fato a sua família. Desta forma, ao se representar graficamente um casal, sustenta-se a possibilidade de esta ser uma via significativa para a avaliação de aspectos específicos da conjugalidade, além das fronteiras da relação real. Os conceitos referentes à conjugalidade serão abordados no próximo capítulo.

A partir do pioneirismo de Karen Machover, com o DFH, fez-se um levantamento das técnicas projetivas gráficas utilizadas com adultos, bem como de estudos relevantes, caminhando no sentido de se identificar procedimentos específicos para o trabalho com o desenho do casal, que atendiam aos critérios acima mencionados. Dentre os trabalhos de pesquisa relevantes apresentados até o presente momento, destaca-se o de Levy (1971) com a técnica do “Desenho da Pessoa” (DAP)¹. Em seu estudo com 5.500 adultos, ele afirma que a interpretação pode ser realizada pela comparação das duas pessoas desenhadas e discute relações interessantes quanto aos aspectos gráficos entre a figura masculina e a feminina. Mesmo assim não atende aos critérios estabelecidos para o desenho, objeto desse estudo, pois o procedimento de aplicação do DAP prevê que os desenhos sejam feitos separadamente, primeiro um e depois o outro, na ordem que o examinando preferir. Desta forma têm-se dois desenhos, mas não necessariamente, uma cena que represente um casal.

¹ *Draw-a-Person de Machover.*

Este foi apenas o primeiro estudo localizado, mas que não atendia às características do instrumento que se propõe pesquisar. Ainda em bibliografia estrangeira, foi encontrado o “Test de la Pareja em Interacción”² (TPI) de Luis Juri (1979), utilizado no diagnóstico do relacionamento conjugal. Porém, esta técnica é de aplicação conjunta, ou seja, um dos cônjuges desenha uma pessoa; depois, o parceiro produz um desenho de outra pessoa. Esta técnica não atende ao quesito de individualidade na aplicação, pois, mesmo que cada pessoa desene de forma individual, o desenho do cônjuge é realizado na mesma folha e na presença do parceiro.

Dois trabalhos brasileiros, encontrados no levantamento bibliográfico deste estudo, servem de exemplos de pesquisa acerca da investigação da relação conjugal utilizando técnicas gráficas. Gomes (2003) verificou a possibilidade de aplicar a técnica do Desenho Livre com Estórias em crianças, a fim de detectar conflitos no casal parental. Por sua vez, Farias (1997, p.98), afirma que “o Procedimento de Desenhos-Estórias tem se mostrado valioso na complexa tarefa de realizar uma boa avaliação da dinâmica inconsciente dos parceiros conjugais”. Apesar do primeiro estudo não lidar com desenhos de adultos e o segundo utilizar uma técnica que não solicita diretamente o desenho de um casal, eles representam as poucas referências desta natureza, com resultados que apontam a viabilidade da confirmação das hipóteses desta pesquisa.

O primeiro contato com o título “Test de la Pareja”³ foi na mesma obra de Juri (1979), que se refere à criação da TPI a partir do “Test de la Pareja” de Jaime Bernstein. Após este primeiro contato, o título foi encontrado em ilustrações de casos apresentados, no texto original argentino, por Piccolo (1974). Mas em sua edição brasileira, apresentava-se traduzido como “Teste das Duas Pessoas”, não como “Teste do Par” ou “Teste do Casal”, como sugere a tradução de “Test de la Pareja”.

² O autor utiliza o nome original da técnica, pois não encontrou publicação da mesma em português.

³ O autor utiliza o nome original da técnica, pois não encontrou publicação da mesma em português.

Tal confusão foi esclarecida pela consulta à obra de Bell (1964), onde se pôde verificar que são duas técnicas distintas: o “Test del Dibujo de dos Personas”, de Karen Machover e o “Test de la Pareja” de Jaime Bernstein. A este último, Bell dedica pouco mais de uma página, para o esclarecimento da técnica. Esta é a referência mais completa do “Test de la Pareja”, no sentido de Desenho do Casal, encontrada até o momento da conclusão deste estudo. A primeira e única edição desta obra encontra-se esgotada desde a sua publicação, na década de 50. Esta técnica atende aos critérios para o estudo aqui proposto. Outro motivo da sua escolha é a pouca difusão, no Brasil, do “Test de la Pareja”, pois atende ao quesito de ineditismo de tema/método, apontado por Hübner (1998) como essencial a um projeto de doutorado.

A técnica foi apresentada por Bernstein em 1958 e é uma modificação do Desenho da Figura Humana de Karen Machover. É um instrumento que, numa aplicação individual e relativamente rápida, objetiva investigar, de acordo com Bell (1964, p.281) o “[...] par gráfico e o par verbal [...]”. Isso se dá pelo fato de o indivíduo não somente desenhar, mas também contar uma estória sobre o desenho, atribuindo dinamismo a ele.

Curiosamente, apesar de ser distinta do “Teste do Desenho de Duas Pessoas”, esta técnica solicita que se desenhe “duas pessoas” e não “um par” como se supõe, mais uma vez, pela tradução literal de “*pareja*”. Mas a diferença está presente na própria observação de Bell (1964, p.281), de que:

[...] para obter um material adicional ou mais específico, pode-se recorrer a situações limitadas e pedir além, ou somente o par que convenha ao vínculo que se deseja examinar: ‘desenhe uma mãe e um filho’, ou ‘desenhe um casamento’, ou ‘desenhe dois amigos’, etc.

Desta forma, há como solicitar aos sujeitos para que desenhem *um casal*, *um par conjugal*, ou ainda *duas pessoas casadas*. Bell (1964) diz que o “Test de la Pareja” é uma técnica que propõe a análise do par gráfico e verbal, de acordo com diversos aspectos

descritivos e dinâmicos. Temos como exemplos de aspectos descritivos e dinâmicos, apresentados pelo autor:

Descritivos

- A composição do casal (idade e sexo dos personagens, sua orientação sexual, diferenciação clara entre os desenhos de sexos diferentes no caso de casal heterossexual);
- A natureza do vínculo (sexual, materno-filial, paterno-filial, educacional, amigável, etc.);
- O nível de realidade (par real ou idealizado, de acordo com as informações a serem coletadas junto ao casal);
- A situação do casal (em passeio, trabalho, conversa, competição, etc.).

Dinâmicos

- Imagens de si mesmo e do outro (distribuição de papéis, quais as funções do “eu” e do “outro”, bem como se há projeção de aspectos do examinando nos personagens do desenho, do tipo “porção saudável *versus* porção doente”, ou “agressor *versus* agredido”, etc.);
- Contatos e a comunicação do casal (predomínio de comunicação ou de dissociação, se há comunicação nas duas direções ou em uma só, etc.);
- Afetos presentes (tanto em seu tema, por exemplo, se há integração, conflito, retaliação, erotismo, agressividade, ternura, etc., como o tom afetivo de seriedade, bom humor, satírico, etc.).

Associados ao fator do ineditismo de tema/método, citado anteriormente, as características acima apresentadas também justificam a escolha do “Test de la Pareja” como objeto a ser aqui estudado e que será tratado, a partir deste ponto, como “Teste do Desenho do Casal” (TDC). O próximo capítulo trata da outra variável desse estudo e propõe uma apresentação e discussão do tema satisfação conjugal.

2. A SATISFAÇÃO CONJUGAL

Duas pessoas, então, parcialmente cômicas do que estão buscando, e não plenamente capazes de expressá-lo verbalmente, acabam por encontrar-se uma à outra e decidem casar-se. Encontrarão razões sensatas e racionais para a escolha do parceiro, mas, além disso, não se darão conta de muitas razões subjacentes à sua escolha. [...] como muita coisa é inacessível à decisão racional, parece extraordinário que possam existir casamentos satisfatórios. (BALINT, 1968, p.99)

Uma das referências mais importantes para a compreensão dos fatores que envolvem a vida familiar é o seu ciclo vital (LOPES et al., 2006). A constituição do casal é uma das fases iniciais desse ciclo e representa o alicerce onde se apóia o novo sistema familiar em formação. De acordo com Johnson (2001), o subsistema conjugal representa um dos maiores objetos de estudo no que se refere à vida familiar. Um fenômeno cada vez mais freqüente observado no âmbito do casamento, seja ele formalizado ou não por contratos civis e religiosos, é a dificuldade de adaptação à convivência na vida familiar e como isso interfere na satisfação conjugal. Suas causas são alvo de estudos no mundo todo e não são de fácil caracterização, pois os resultados das pesquisas parecem não dar conta da diversidade dos tipos de relacionamentos amorosos - incluindo-se todos aqueles que são chamados de *casamento* - bem como da velocidade das mudanças ocorridas neles. O presente capítulo não tem a pretensão de esgotar o assunto ou explicar a complexidade dos fenômenos que envolvem a vida familiar e conjugal, pois isso seria impossível, pouco parcimonioso e simplista. A intenção deste capítulo é, portanto, apresentar ao leitor algumas das descobertas sobre o tema através dos tempos e das pesquisas.

A experiência clínica do autor dessa pesquisa, no trabalho com casais e com indivíduos casados ou separados, tem demonstrado que são diversos os fatores que interferem significativamente na satisfação conjugal. Por exemplo, nos dias de hoje a busca da igualdade sexual e emocional dos cônjuges, contrária à posição de autoridade *versus* submissão de muitas configurações conjugais do passado, é um fator cada vez mais associado ao conceito de

relacionamento conjugal (GIDDENS, 1993). Verifica-se, ao mesmo tempo, um movimento da construção de uma identidade igualitária do casal e a busca de autonomia que ressalta as diferenças de cada um dos cônjuges. A dificuldade dos casais em lidar com esse paradoxo parece ser uma das bases relativas às queixas clínicas trazidas por casais de todas as idades.

Jablonski (1996, p.113) enfatiza outros fatores ligados aos relacionamentos contemporâneos, destacando:

A realização cada vez mais tardia das uniões, o conseqüente menor número de filhos, o aumento significativo de lares habitados por uma única pessoa ou por lares uniparentais, o elogio psicossocial da individualidade e do descartável, a valorização acrítica e contradições acerca da sexualidade [...] o aumento da longevidade, a modernização e urbanização, as mudanças nas leis concernentes ao divórcio e a custódia dos filhos, o movimento [...] da emancipação feminina.

Mais recentemente, o mesmo autor ratifica sua posição acima exposta, referindo-se desta vez ao avanço tecnológico das últimas décadas, quando:

[...] a pílula anticoncepcional, o aparelho de microondas, a internet, o celular, TVs a cabo, VCRs, DVDs modificaram em maior ou menor grau, uma gama de atividades ligadas à sexualidade, à diminuição de tarefas dentro do lar [...] e à comunicação, facilitando ou dificultando o processo de interação de casais. (JABLONSKI, 2003, p.143)

Adjacente a todos estes aspectos do relacionamento conjugal contemporâneo, a satisfação conjugal é, sem dúvida, um dos temas mais relevantes abordados pela mídia, pela literatura leiga e especializada, nos lares, universidades e consultórios psicológicos. Bystronski (1992, 1995) enfatiza a importância do estudo da satisfação conjugal, afirmando que os relacionamentos satisfatórios são identificados pelos próprios cônjuges como a principal fonte de felicidade pessoal.

Entretanto, é de se esperar que o entendimento acerca da satisfação conjugal também sofra as interferências da modernidade. Walsh (2002) reforça essa idéia ao lembrar que os nossos modelos de preferências, no âmbito do casal, mudaram tanto nos últimos anos que os

paradigmas referentes ao que é ou não é satisfatório já se tornaram obsoletos e não se adaptam mais à vida conjugal contemporânea.

Não obstante, independentemente da época, da evolução tecnológica ou do cenário político-econômico em que nos encontramos, o constante estudo da satisfação conjugal é relevante do ponto de vista individual e social. Tal afirmação é confirmada pelo ponto de vista de Minuchin (1990), que entende as relações satisfatórias como um “porto seguro” dos cônjuges, em relação aos estressores externos ao casamento e serve de modelo para novos contatos sociais. Por outro lado, caso o casamento seja compreendido como um espaço exclusivo ao suporte ou à continência aos fatores estressores do dia-a-dia e às frustrações individuais, pode surgir a insatisfação conjugal. De acordo com Béjin (1987), em muitos casos o cônjuge recebe a sobrecarga de funções de amante, confidente, amigo, pai ou mãe, no caso de ter filhos, administrador do lar, entre outros e isso sobrecarrega o casamento e/ou mesmo o parceiro conjugal de expectativas e responsabilidades além do que se pode arcar ou cumprir.

Arias-Galícia (1989) ressalta também a importância do estudo deste tema, pois afirma que tanto a satisfação quanto a insatisfação conjugal podem interferir em diversas esferas da vida humana como, por exemplo, na própria saúde corporal e mental, no trabalho e na relação com os filhos. Markman e Haldford (2005) ratificam essa idéia, apontando que significativos níveis de satisfação conjugal estão intimamente relacionados à boa saúde física e emocional tanto dos cônjuges como dos filhos e à estabilidade financeira familiar.

Como já abordado anteriormente, a compreensão da satisfação conjugal sofreu muitas mudanças ao longo dos tempos. Sabe-se que o conceito de um fenômeno dentro da Psicologia recebe influências significativas do panorama científico da época histórica em que é estudado, do referencial teórico de seus autores e também dos instrumentos que se propõem a avaliá-lo. Por isso, julga-se relevante fazer uma apresentação do histórico da criação e desenvolvimento dos instrumentos de avaliação das relações conjugais, fatos que se confundem com a própria

trajetória do conceito de satisfação conjugal. Tal apresentação será o tema do próximo tópico, seguido dos principais conceitos contemporâneos de satisfação conjugal, a sua diferenciação com o termo qualidade conjugal, as suas nuances interpretativas entre sexos e a sua dinâmica através do ciclo de vida da família, principalmente antes e logo depois da chegada dos filhos.

2.1 Um breve histórico do estudo e da avaliação da satisfação nas relações conjugais

Os primeiros estudos científicos sobre a satisfação conjugal são datados de 1929, com a publicação pioneira de Gilbert Hamilton, intitulada “*A research in marriage*”. Esta obra, que era baseada em dados sociais e psicológicos, estudava a predominância do prazer nas relações e preocupava-se com o prognóstico das mesmas (LOCKE; WILLIAMSON, 1958; McNAMARA; BAHR, 1980).

Mais adiante na história, na década de 40, os enfoques sociais deram lugar ao estudo da influência da percepção de si e do parceiro sobre a satisfação conjugal. Tal relação foi apresentada nos resultados de estudos desenvolvidos por Corsini (1956) e continuou a ser observada, mais tarde, nos trabalhos de Hendrick (1981a, 1981b). Mesmo em pesquisas mais atuais a percepção de si e do parceiro se mostra como fator determinante na compreensão da satisfação conjugal e é caracterizada como “uma avaliação cognitiva positiva de um objeto, obtida após comparação com objetos semelhantes que possuam características aceitáveis ou boas” (WACHELKE et al., 2004, p.11).

Nas décadas de 40 e 50, o estudo sobre a satisfação conjugal baseava-se em fatores globais e ainda pouco precisos do ponto de vista de seus determinantes. No final desse período surge a primeira tentativa de avaliação global da satisfação conjugal com a criação do *Marital Adjustment Test* (MAT) de Locke e Wallace (1959). Entretanto foi apenas na década de 60 que a

hipótese de a satisfação conjugal ser composta por variáveis específicas ganhou espaço nas pesquisas a respeito da conjugalidade (HICKS; PLATT, 1970). A partir desta época, o aumento da quantidade de estudos destinados a descobrir e organizar determinantes importantes para a satisfação conjugal fez com que o seu próprio conceito recebesse significados múltiplos, de acordo com os referenciais teóricos de seus autores e os métodos de pesquisa utilizados. Já nos anos 60, muitos instrumentos de avaliação da satisfação conjugal foram criados com base nos achados das duas décadas anteriores. Entretanto, eles apenas visavam prever a viabilidade das relações conjugais, ainda como resquícios dos primeiros estudos de prognóstico dos casamentos.

Mas foi a partir da década de 70, após a revolução sexual, que a conjugalidade foi estudada de forma mais cuidadosa e aprofundada. O foco destes novos estudos foi identificar aspectos realmente relevantes e válidos para a determinação da satisfação conjugal. Sobre esta passagem, Spanier e Lewis (1980, p. 826) relatam que “um dos mais significativos desenvolvimentos na pesquisa conjugal dos anos 70 foi o reconhecimento implícito de que a qualidade do casamento envolve um fenômeno multidimensional”. O MAT foi revisado e reeditado por Kimmel e Van der Veen (1974), sob o nome de *Revised Marital Adjustment Test* (RMAT). Desta evolução no estudo da satisfação conjugal, surge ainda a primeira escala de avaliação que se propõe a investigar aspectos específicos do relacionamento, a *Dyadic Adjustment Scale* (DAS) de Spanier (1976), avaliando quatro dimensões do ajustamento conjugal: coesão, satisfação, consenso e expressão do afeto.

Os anos 80 foram o tempo de se colocar à prova as hipóteses criadas na década anterior. Uma das mais relevantes pesquisas da época, realizada por McNamara e Bahr (1980), se propôs a investigar profundamente variáveis conjugais a respeito da satisfação, stress e conflito, com 1.680 casais em Utah, Estados Unidos. O achado mais importante deste estudo foi relativo à psicoterapia de casais. Concluiu-se que não bastam apenas procedimentos terapêuticos voltados à diminuição ou extinção do estresse e conflito na relação, para o pleno estabelecimento da

satisfação conjugal. Desta forma, a observação da satisfação conjugal não se relaciona exclusivamente à ausência do fator stress ou mesmo do conflito entre os cônjuges. Porém, o maior avanço nas pesquisas referentes ao tema, neste período, foi a criação de novas escalas de avaliação da satisfação conjugal. Além disso, os esforços dos pesquisadores concentravam-se também em testar as hipóteses relativas a correlações da satisfação conjugal com outras variáveis, bem como a tentativa de adaptação dos novos instrumentos a realidades culturais diversas, isto é, fora dos Estados Unidos. Um dos novos instrumentos dessa época foi a *Marital Satisfaction Scale* de Roach, Bowden e Franzier (1981). É um instrumento norte-americano composto por 48 itens, sendo o seu formato de resposta uma escala do tipo Likert de 5 pontos. Estudos de padronização deste instrumento são realizados até hoje por pesquisadores em todo o mundo, dada a sua alta validade, consistência e precisão. Outro exemplo foi o desenvolvimento da escala ENRICH, abreviação de *enrichment*, que avaliava a *qualidade conjugal global*, conceito amplo e que será discutido ainda nesse capítulo. Para tanto ela se subdividia em 12 dimensões avaliativas como comunicação, felicidade, resolução de conflitos, igualdade de papéis, entre outras, com respostas também em escala tipo Likert de 5 pontos (OLSON et al., 1982).

Ainda nessa década, Rusbult (1983) apresentou um instrumento dedicado a verificar a satisfação conjugal referente ao relacionamento como um todo, sem se ater a comportamentos ou outros aspectos específicos do casal. Os itens desta escala também são no formato Likert, mas agora de 9 pontos. Neste mesmo formato, Schumm et al. (1983, 1986) desenvolveram a *Kansas Marital Satisfaction Scale* (KMSS). Nela o cônjuge atribuía pesos à veracidade, ou não, de algumas das situações propostas, com respostas também no formato Likert. Por exemplo, ponderavam-se as respostas entre *totalmente verdadeiro*, *parcialmente verdadeiro*, *parcialmente falso* e *totalmente falso*, para afirmações apresentadas pelo teste sobre a vida conjugal. A satisfação com relação ao parceiro conjugal também foi avaliada por Simpson (1987) em 11

aspectos específicos. Alguns desses itens referem-se à similaridade de atitudes e valores, atração sexual e física, similaridade de interesses e atividades, recursos financeiros do casal, entre outros. No México, a criação da Escala de Satisfação Conjugal (ESC) por Pick de Weiss e Andrade Palos (1988) trouxe uma perspectiva da avaliação da conjugalidade para casais de origem latina, ou seja, com características bem diferentes dos avaliados pelas técnicas norte-americanas até então desenvolvidas. Esse instrumento, além de avaliar a satisfação conjugal global, tinha o propósito de aferir três aspectos específicos das relações conjugais: interação conjugal, aspectos emocionais do parceiro e aspectos estruturais da relação, como por exemplo, a negociação de regras e a organização do lar.

Os anos 90 trouxeram a reedição atualizada da DAS por Busby et al. (1995), com a elaboração da *Revised Dyadic Adjustment Scale* (RDAS) e a criação de um instrumento de avaliação global do relacionamento conjugal, intitulado *Relationship Rating Form* (RRF) por Davis (1996). Em sua sub-escala intitulada *Global Satisfaction*, propôs a avaliação de quatro aspectos específicos da satisfação conjugal: sucesso, apreciação, estima e reciprocidade. Cada aspecto citado possui três itens para respostas, mais uma vez do tipo Likert, ora com 7, ora com 9 pontos.

Já o início deste século seguiu a tendência de criação de novas técnicas e aperfeiçoamento/padronização para outras culturas das escalas criadas nas décadas anteriores. Como exemplo de trabalhos desse tipo temos o realizado por Crane, Middleton e Bean (2000) relativo às revisões dos critérios de escores da KMSS e da RDAS. Os estudos descritivos e correlacionais dos anos 80 permaneceram em voga nos anos 90 e foram apontados como insuficientes para a compreensão dinâmica da satisfação conjugal. Tal constatação resultou na observação da necessidade de serem desenvolvidos mais estudos longitudinais e interculturais, a fim de que a compreensão da satisfação conjugal acompanhasse a velocidade das mudanças sociais e tecnológicas. Essas conclusões foram apontadas por Bradburry, Fincham e Beach

(2000). Esses autores realizaram uma revisão crítica sobre a evolução na pesquisa acerca da natureza e determinação da satisfação conjugal nos anos 90 com base em mais de 160 publicações, em sua grande maioria norte-americana, das áreas de Psicologia Comportamental, Clínica e Social, entre outras. A tendência observada foi de que, apesar de a diminuição da duração dos relacionamentos conjugais ser um fato comum nos dias de hoje, os estudos longitudinais devem ganhar espaço entre os pesquisadores. Por outro lado, os efeitos da globalização podem auxiliar na realização de estudos multiculturais a respeito da satisfação conjugal, como já acontece com outros temas de pesquisa.

Nesse sentido, Sharlin, Kaslow e Hammerschmidt (2000) apresentam os primeiros resultados de um estudo multicultural, sobre a satisfação conjugal em casamentos de longa duração, realizado simultaneamente em oito países, entre eles a Suécia, os Estados Unidos, o Chile, a África do Sul e Israel. A apreciação, o amor e o respeito mútuo; a comunicação aberta e franca entre os parceiros; os valores e os interesses comuns e a confiança entre os cônjuges, são apenas algumas das características comuns à satisfação conjugal em casais desses países, de culturas tão contrastantes.

Entretanto, no Brasil, foi a partir da década de 80 que os estudos sobre a conjugalidade, principalmente relativos à satisfação conjugal, ganharam visibilidade. Tal fato se deveu à possibilidade de trabalhar com instrumentos de avaliação desse fenômeno, criados principalmente na América do Norte. Outro fator que auxiliou os pesquisadores em nosso país a desenvolverem pesquisas nesse sentido foi a possibilidade de interação mais próxima com os resultados dos estudos estrangeiros, que traziam consigo as mais recentes abordagens e conceitos sobre a satisfação conjugal.

Entre os estudos brasileiros sobre o tema, encontrados no levantamento bibliográfico realizado em plataformas de busca como o DEDALUS (USP), Medline, Psychinfo, Lilacs, Scielo, entre outras, destacam-se: a dissertação de mestrado de Farias (1980), a respeito da

expectativa de satisfação da necessidade afetiva no casamento; o artigo de Dela Coleta (1989), sobre a adaptação da ESC em uma amostra brasileira; a investigação de Spanhol (1993), acerca das possíveis relações entre sexo, *locus* de controle conjugal e satisfação conjugal, com mais de 300 cônjuges em primeiro casamento; o estudo quantitativo sobre a satisfação no casamento e adaptação do MAT para a realidade brasileira, denominado MAT-MARI (FARIAS, 1994); a revisão bibliográfica crítica sobre satisfação conjugal e transgeracionalidade de Wagner e Falcke (2001); a pesquisa sobre casamentos de longa duração, de Norgren (2002), com 38 casais paulistanos; o artigo de Hernandez e Oliveira (2003), com 146 casais de Porto Alegre, sobre os componentes do amor e a satisfação conjugal; a pesquisa de Jablonski (2003), referente às considerações sobre casamento e separação com uma amostra de 152 pessoas da classe média carioca; a investigação de Féres-Carneiro (2003), sobre o processo de construção do laço conjugal ao longo da terapia de casal, entre 1998 e 2003, a partir de 18 estudos de caso; o trabalho de Wachelcke et al. (2004), sobre a construção e a validação de uma escala de medida da satisfação conjugal; a tese de doutorado de Villa (2005), sobre as habilidades sociais no casamento e sua contribuição para a satisfação conjugal, com 406 cônjuges paulistas; os recentes estudos de Ziviani et al. (2006), com a construção e utilização do Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais (QCP), que pretende avaliar a relação conjugal a partir da percepção dos filhos; as reflexões de Wagner e Mosmann (2008), a respeito das questões contemporâneas na investigação da qualidade conjugal. Muitos dados destas pesquisas serão apresentados no decorrer deste capítulo.

2.2 Satisfação conjugal: um conceito e vários significados

Como observado anteriormente, através dos tempos a maneira de entender a satisfação conjugal modificou-se, ampliou-se e diversificou-se, não apresentando consenso entre os seus

estudiosos. Norgren (2002) cita que todos os estudos relativos à satisfação conjugal sofreram influência direta da ideologia da cultura e da época em que foram realizados. Alguns de forma implícita e outros, de maneira bem visível, trazem consigo modelos ideais de relação conjugal ou até mesmo de casamento. É importante lembrar que a grande maioria das pesquisas relativas à satisfação conjugal são norte-americanas e, de alguma forma, traduzem os valores desta cultura.

De fato, são muitas as causas da diversidade na forma de interpretar a satisfação conjugal. Perlin (2001) acredita que este desencontro conceitual perdurará ainda por um longo tempo. Além dos fatores sócio-culturais, a época histórica e a fundamentação teórica do pesquisador são apenas alguns dos possíveis fatores determinantes das interpretações existentes sobre a conjugalidade e a satisfação conjugal. Quanto a isso, Villa (2005, p.15) lembra que:

[...] além da inexistência de um consenso na conceituação do termo satisfação conjugal, há também divergências e diversidades nos estudos com relação a aspectos envolvidos na determinação da satisfação conjugal. Sabe-se que muitos fatores influenciam na satisfação conjugal, porém não há uma sistematização destes em torno de uma determinação.

Uma das correntes teóricas sobre a determinação da satisfação conjugal valoriza diretamente o papel das características individuais dos parceiros. Segundo Bucher (1996), a complexidade da estruturação do vínculo conjugal, apoiada nas individualidades de cada cônjuge, são fatores determinantes tanto da satisfação conjugal como do êxito da relação. Em seu estudo, Miranda (1987) concluiu que os aspectos mais significativos da satisfação conjugal derivam de duas características individuais: a percepção interpessoal (baseada nas predisposições intrapessoais) e a auto-estima. A percepção interpessoal tem relação direta com a presente pesquisa, sobretudo pela utilização de uma técnica projetiva gráfica envolvendo o Desenho do Casal. Tal percepção refere-se à auto-imagem e à imagem que se tem do parceiro conjugal. Traubenber (1984, *apud* BELLODI, 1994) diz que a auto-representação não é resultado apenas da percepção do corpo conhecido, mas sim do corpo vivenciado, derivado dos

afetos. Segundo a autora, a auto-imagem, e podemos dizer também a imagem do parceiro conjugal, não constituem uma percepção racional do corpo físico próprio e do outro, respectivamente. É a idéia, representada por um conjunto de fatores emocionais e relacionais, que se tem de si próprio e do cônjuge. Mais adiante, será discutido como este aspecto sofre alterações ao longo do ciclo de vida da família e quais as suas possíveis conseqüências para a satisfação conjugal.

Ainda quanto aos fatores individuais, a capacidade que cada um dos cônjuges tem de comunicar ao outro o que pensa e sente é um aspecto importante para a sua satisfação. Costa e Katz (1992) observaram que nos casamentos satisfatórios é característica comum a capacidade dos seus membros de exporem verbalmente suas queixas e expectativas. Johnson e Booth (1998) atentam para o fato de que a comunicação melhora a capacidade de negociar e resolver conflitos amigavelmente. Além disso, a comunicação pode ajudar na solução de problemas cotidianos os quais, se não resolvidos, podem gerar diminuição da intimidade do casal, aumento de sentimentos negativos e, conseqüentemente, insatisfação conjugal. Ressaltam que essa característica é desenvolvida, no *background* social e familiar, antes mesmo do casamento.

Entretanto, a partir do levantamento da bibliografia relativa ao tema, em muitos casos o conceito de satisfação conjugal é baseado, ou mesmo determinado, de acordo com resultados de pesquisas, que visam relacionar fatores diversos da vida conjugal com o conceito de satisfação. Assim, por exemplo, se um pesquisador encontra correlações significativas entre *interesse sexual pelo(a) parceiro(a)* e a satisfação conjugal, é possível que ele conceitue a satisfação plena como a presença desse interesse na vida a dois, ou ainda, que a insatisfação conjugal é a ausência de níveis pré-determinados de *interesse sexual pelo(a) parceiro(a)*.

Nesse sentido, Miller (1976) desenvolveu um modelo de estudo na década de 70, no qual apresenta sete caracteres preditores para relacionamentos satisfatórios. São eles: os antecedentes sociais dos cônjuges, o nível sócio-econômico, o número de filhos e o espaço para eles na

relação familiar, o tempo de casamento, a frequência e a duração da convivência conjugal. Este modelo multivariável apresenta a importância de aspectos transgeracionais e do ciclo de vida da família, voltados ao estabelecimento da satisfação conjugal. Tais aspectos serão abordados mais adiante, ainda neste capítulo.

Outro exemplo de combinações de variáveis para a conceitualização da satisfação conjugal é o de Karpel (1994), em sua obra dirigida a profissionais que trabalham com casais. Caracteriza os relacionamentos satisfatórios como aqueles que, sobretudo, apresentam sentimentos de paixão, alegria, compreensão e proximidade, equilíbrio entre apego e autonomia dos cônjuges e, principalmente, pela aceitação da idéia de que ninguém pode suprir totalmente os desejos e carências do outro.

Não obstante, uma das variáveis mais estudadas e relacionadas à determinação da satisfação conjugal é a expectativa que os cônjuges têm sobre o seu relacionamento. Burr et al. (1979, *apud* DELA COLETA, 1989, p.91) definem satisfação conjugal como:

[...] uma reação subjetivamente experienciada ao casamento, o que vem a ser mais uma conceituação intrapessoal do que interpessoal, tal como a quantidade de congruência entre as expectativas que uma pessoa tem e as recompensas que ela realmente recebe.

A expectativa dos parceiros como parâmetro para a determinação da satisfação conjugal também condiz com a posição conceitual de Arriaga (2001). Ele acredita que um casamento pode ser considerado satisfatório, quando o que acontece na relação conjugal supera o que se espera dela. Sternberg (1989), por sua vez, entende que a maneira mais clara de identificar a satisfação numa relação é determinar a diferença entre o que uma pessoa espera da outra (na relação) e o que esta mesma pessoa está recebendo da outra. Murray, Homes e Griffin (1996), em seus estudos sobre equidade conjugal, também ratificam a relação existente entre as expectativas depositadas na relação e como a realidade se apresenta no cotidiano do casal para a satisfação conjugal.

Mais recentemente, Norgren (2004, p.576) concluiu que a “satisfação conjugal é, sem dúvida, um conceito subjetivo, implicando em ter as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como corresponder, em maior ou menor escala, ao que o outro espera”. Quanto a isso, Féres-Carneiro (2003), em seu estudo sobre dissolução dos laços conjugais, relata que entre os casais pesquisados houve uma predominância de expectativas mais exigentes em detrimento do que recebiam da relação. Apoiadas na idealização dos parceiros conjugais e na impossibilidade de serem satisfeitas, essas expectativas foram determinantes para a separação destes casais.

Tanto Gray-Little e Burks (1983) quanto Bystronski (1995) têm opinião semelhante sobre a forma subjetiva com que a satisfação conjugal é avaliada no casamento. Bystronski (1995) acrescenta, ainda, que o padrão de avaliação da satisfação conjugal varia de acordo com as experiências de vida da pessoa. Assim, se o histórico de relações de um indivíduo apresenta níveis altos de satisfação ele apresentará, conseqüentemente, um nível de exigência maior para avaliar um relacionamento como satisfatório.

Aliás, o nível de exigência dos cônjuges é outro fator importante para a determinação da satisfação conjugal. Quanto a isso, Rusbult (1983) destaca que a determinação da satisfação conjugal resulta da comparação entre as recompensas vindas do relacionamento, em detrimento dos sacrifícios vividos nele. Mas isso não é tão objetivo quanto parece. Para a autora, uma pessoa menos exigente pode se considerar mais satisfeita do que outra, com diferente nível de interpretação ou expectativa com relação à conjugalidade. Por isso, não é raro observar situações onde pessoas de mesma classe social, escolaridade, sexo, entre outras características, avaliam de forma divergente a satisfação conjugal em seus relacionamentos. Há também um grande número de casais onde um dos cônjuges está satisfeito e outro insatisfeito, quando avaliam o seu casamento sob pontos de vista, exigências e expectativas distintas. Neste último caso, variáveis como etapa do ciclo de vida da família e as diferenças entre homens e mulheres podem também

determinar a maneira como se percebe a satisfação conjugal ou mesmo a qualidade da relação como um todo.

2.3 Satisfação e qualidade conjugal: possíveis relações

Dada a amplitude de possibilidades para conceitualizar a satisfação conjugal, surgem as seguintes questões: Pode haver relação conjugal satisfeita, mas infeliz? Ou feliz, porém insatisfeita? Adaptada, mas insatisfeita? De boa qualidade e infeliz? A duração de um casamento é um parâmetro preciso para a satisfação conjugal? Satisfação, boa qualidade, longevidade, ajustamento e felicidade, na esfera conjugal, são sinônimos?

Essas e outras questões já foram destacadas por muitos estudiosos da conjugalidade. Burr (1973, *apud* DELA COLETA, 1989), preocupado com a diferenciação dos conceitos de sucesso, satisfação, estabilidade, funcionalidade, consenso, integração, entre outros, é um destes pesquisadores. Ele relata que tais fenômenos não tinham sido bem diferenciados até o início dos anos 70.

Porchat (1992) aponta que, após a revolução sexual e a partir de todas as mudanças socioeconômicas que as famílias sofreram, as mulheres têm que encarar uma espécie de dupla jornada de trabalho, entre o emprego formal e os afazeres do lar. Os homens, em muitos casos, não são mais os únicos provedores familiares e a manutenção de uma qualidade de vida mínima depende diretamente também dos ganhos de suas esposas. Assim, pode-se falar em qualidade de vida, mas não necessariamente de qualidade no relacionamento, apesar da presença de outros fatores positivos no casamento (como a alta satisfação conjugal, a felicidade e a manutenção de seus relacionamentos por muito tempo). Em consonância com essa idéia, Fincham e Bradbury

(1987) entendem que a qualidade do relacionamento é um conceito bem mais amplo e subjetivo do que a satisfação conjugal, atribuído por um ou ambos os cônjuges, ao casamento.

Nesse sentido, a satisfação conjugal pode ser entendida como um dos componentes da qualidade da relação, como também são a intimidade e o compromisso conjugal. Essas variáveis auxiliam na identificação e na predição da qualidade do relacionamento conjugal (FLETCHER; SIMPSON; THOMAS, 2000). Pensamento semelhante é o de Spanier e Lewis (1980) que retratam, além da satisfação, a comunicação, o ajustamento, a integração e a felicidade como componentes da qualidade da relação conjugal.

Farias (1994) utiliza as expressões *satisfação conjugal* e *felicidade conjugal* como sinônimas, retratando-as como sentimentos positivos dos cônjuges, tanto relativos ao seu parceiro, quanto ao relacionamento conjugal total. A partir deste conceito, afirma que é possível um casal insatisfeito com a relação permanecer casado por muito tempo. Assim, dissocia os conceitos de satisfação conjugal e de estabilidade/continuidade conjugal. Justifica que isso ocorre porque em muitos casos as necessidades materiais, as crenças religiosas ou mesmo as patologias conjugais podem manter o casal junto, ainda que insatisfeitos. Mesmo assim, não nega que estes fatores são componentes de um conceito mais amplo, a qualidade conjugal.

A experiência clínica do autor desta pesquisa tem mostrado também a seguinte realidade: muitos casais permanecem unidos, ainda que com altas doses de sofrimento e desgaste na relação, apoiados em sentimentos de ódio e desejo de vingança que são manifestados em guerras verbais ou mesmo físicas. Parece haver, nesses casos, a predominância do sentimento de orgulho próprio ferido o que faz os cônjuges manterem-se juntos, porém em constante conflito. Isso reforça a idéia de que a longevidade de relacionamento conjugal não tem relação direta e exclusiva com a satisfação ou qualidade conjugal.

Desta forma, a boa qualidade de relacionamento não deve ser entendida como satisfação conjugal, apesar da segunda influir significativamente sobre a primeira. Além disso:

[...] um relacionamento pode ser percebido por um indivíduo como bom (qualidade do relacionamento) mesmo que ele esteja pouco satisfeito com ele; afinal, outras dimensões da qualidade também têm peso na determinação da avaliação da relação. (WACHELKE, 2004, p.12)

Com estas contribuições conceituais as questões apontadas anteriormente podem ser respondidas com mais propriedade. Podemos, então, entender a satisfação conjugal como um aspecto relacionado à percepção individual e avaliação subjetiva dos sentimentos provocados pela relação com o outro (THOMPSON, 1988). Ela é apenas um dos componentes da qualidade da relação conjugal total e não podemos prever com precisão, a partir somente de seu diagnóstico, a longevidade de um casamento.

2.4 A mulher, o homem, o masculino e o feminino: a satisfação conjugal sob olhares diferentes

Como apontado anteriormente, é de se esperar que a interpretação do que é satisfatório ou não numa relação conjugal seja diferente entre homens e mulheres. Mas a complexidade das variáveis que compõem a satisfação conjugal, neste ponto, funde-se aos gêneros masculino e feminino. Num estudo desta natureza, julga-se simplista pensar que homens e mulheres são diferentes, na sua interpretação sobre a satisfação conjugal, apenas pela distinção sexual (orgânica) senão também por nuances no desempenho dos papéis de gênero. Estes últimos não se referem ao sexo biológico, mas sim ao desempenho de um *script* social atribuído ao homem e à mulher. O conceito de *gênero* fomenta discussões profundas no campo da Psicologia e Sociologia. Portanto ele será apresentado aqui de forma concisa e como um componente importante para a compreensão da satisfação conjugal, sem a pretensão de problematizá-lo ainda mais.

Costa (1994) denomina respectivamente *papel de gênero masculino*, por exemplo, ser o principal provedor financeiro da família e encarregar-se da manutenção do carro; e *papel de gênero feminino*, por exemplo, zelar pela saúde dos filhos, cozinhar, cuidar da roupa da família. Assim, podemos observar não apenas homens desempenhando papéis masculinos e mulheres desempenhando papéis femininos, mas também homens que desempenham papéis, ora femininos, ora masculinos, ou predominantemente masculinos, mas com situações em que atuam em papéis femininos e vice-versa. Isso acontece, pois:

[...] as transformações das relações de gênero, ocorridas nas últimas décadas sob influência do feminismo e demais transformações sociais, econômicas e culturais, deram origem a novas subjetivações e arranjos conjugais [...]. Nos dias de hoje o ideal de conjugalidade perseguido pela grande maioria dos casais tem como princípios básicos a igualdade e o respeito às diferenças. (ARAÚJO, 2008, p.43)

É importante ressaltar que a vivência dos papéis de gênero não se relaciona à determinação da orientação sexual, ou seja, para qual sexo o afeto é dirigido (COSTA, 1994). Como abordado anteriormente, a satisfação conjugal sofre interferências diretas do que se espera em detrimento do que se recebe da relação. Isso também sofre interferência das expectativas que recaem sobre os papéis a serem desempenhados por homens e mulheres no casamento, aspecto que mudou bastante através dos tempos. Ramos (2003) aponta para o fato de que se antes um bom marido era considerado aquele que fosse trabalhador e sem vícios e uma boa esposa era aquela que cuidasse bem da prole e administrasse com excelência o lar, atualmente esses quesitos já não são mais suficientes para essa avaliação. Ela complementa seu pensamento dizendo que apesar da mulher não ter abandonado totalmente o desejo de ter um marido provedor, hoje defende sua independência financeira e dirige mais atenção para si mesma.

Outro dado importante sobre as mudanças nos papéis desempenhados por homens e mulheres refere-se ao interesse de cada um dos cônjuges nos dias de hoje. Muitos homens investem abertamente na beleza física, ocupando cada vez mais os salões de beleza e estética,

enquanto as mulheres aplicam seus esforços numa boa formação e ascensão profissional, engrossando assim sua participação no mercado de trabalho (HERMANN, 2003).

O próprio conceito de casamento pode apresentar, por si só, diferenças significativas entre homens e mulheres. Em estudos sobre o tema, Magalhães (1993) e Féres-Carneiro (1997) verificaram nuances importantes. A grande maioria dos homens associou o casamento à construção da família, incluindo ter e educar os filhos, bem como edificar melhores condições de conforto para o grupo familiar. As mulheres por sua vez, em quase sua totalidade, relacionaram o mesmo conceito à relação amorosa, muito mais centrada na vida conjugal e seu relacionamento com o parceiro.

Outra pesquisa concluiu que as mulheres geralmente valorizam, no homem, a sua capacidade de trabalho e ambição. Os homens, por sua vez, valorizam em suas esposas a capacidade reprodutiva, avaliadas a partir de sua juventude e atratividade física (SCHAKELFORD; BUSS, 1997). Inclusive em um estudo mais recente, realizado por Féres-Carneiro (2001), a atração pela beleza física também foi encontrada frequentemente nos relatos de homens que escolheram de forma intensa e repentina suas atuais esposas, fator não presente no discurso delas.

Outro fator importante nessa discussão é o papel que o exercício da sexualidade tem na vida do casal. Nunca como nos dias de hoje a experiência sexual das pessoas, que chegam ao casamento, foi tão grande e acredita-se que isso contribua para a construção de altas expectativas relativas à qualidade da vida sexual. Daí esse fenômeno ser um quesito fundamental para o estudo da satisfação conjugal e suas nuances entre homens e mulheres.

Rabelo (2009) aponta que o ato sexual é colocado pelos homens em terceiro lugar num ranking do que é mais representativo na sua qualidade de vida. Entre as mulheres esse aspecto aparece apenas em oitavo lugar. Esse é um dado que pode evidenciar, mais uma vez, relações entre as prioridades e expectativas individuais – e, por que não, entre sexos - com a satisfação

conjugal. Pesquisando a sexualidade e a conjugalidade na França, Bozon (2003) encontrou informações preciosas quanto à frequência e ao desejo sexual ao longo do casamento. Concluiu que a frequência, o desejo sexual e a fidelidade estão em alta nos dois ou três primeiros anos de casamento. A partir desse ponto a frequência das relações sexuais diminui e, apesar da qualidade se manter em muitos casos, aumentam as diferenças referentes ao desejo sexual do homem e da mulher.

Quanto aos estudos que apontam quem está mais satisfeito na relação conjugal, tem-se como exemplo os trabalhos de Miranda (1987) e Féres-Carneiro (2003). Apesar de uma diferença de quase duas décadas entre os dois estudos, eles apontam o mesmo resultado: as mulheres mais insatisfeitas no casamento do que os seus cônjuges. O primeiro estudo atribui esse fenômeno ao fato de que as mulheres apresentaram menor auto-estima que os homens pesquisados, principalmente com relação à condição de inferioridade de seu papel social. A segunda pesquisa justifica o seu resultado apoiada nos altos níveis de expectativa e exigência das mulheres, quando comparadas aos dos seus cônjuges. Além disso, detecta também que elas são mais explícitas ao expressarem os sentimentos e, portanto, a sua insatisfação. Apesar de todas as mudanças nos papéis desempenhados no casamento contemporâneo, Perlin e Diniz (2005) acreditam que no Brasil a mulher ainda é a que mais abre mão dos seus desejos. Afirmam que em muitos casos é ela que deixa em segundo plano seus interesses pessoais em detrimento das necessidades dos filhos e do marido. Essa afirmação também é ratificada na experiência clínica de Levy (2009, p.30), retratada numa “[...] fixação do modelo ‘homem-ativo-fálico/mulher-passiva-castrada’ que permanece subjacente, à mudança dos tempos”. Esse cenário pode fazer com que o acúmulo de funções, como a maternagem e o cuidado com a administração do lar, ou mesmo de sentimentos de frustração, justifique a observância de maior insatisfação conjugal entre as mulheres (FLECK; WAGNER, 2003).

Com relação a esse cenário, Jablonski (1996, p. 120) cita que:

[...] houve nas últimas décadas mudanças substanciais que proporcionaram uma revolução de mentes e comportamentos femininos. A questão é que a contrapartida masculina alterou-se, mas de modo insuficiente. A transição de uma ideologia que pregava a idéia de esferas separadas para uma de esferas complementares está sendo bem mais custosa e espinhosa do que poderia ser supor e, basicamente, por culpa dos homens.

Assim, grande maioria das pesquisas retrata insatisfação no casamento por parte das mulheres, devido ao fato delas se frustrarem diante das promessas de igualdade na relação conjugal, não cumpridas pelo parceiro (JABLONSKI, 1998). Essa igualdade se relaciona aos papéis de gênero que, apesar das conquistas das mulheres quanto ao desempenho de papéis predominantemente masculinos, ainda estão bem longe de uma realidade igualitária entre homens e mulheres.

Esses dados nos levam a pensar que a própria expectativa sobre a necessidade de mudanças no casamento, mesmo quando as insatisfações estão presentes, parece ser mais um assunto divergente entre homens e mulheres. Estudos realizados por Féres-Carneiro (1987, 1995, 2001), apesar de desenvolvidos em décadas distintas, mas com populações de mesmo perfil, apontam para o mesmo cenário: homens mais acomodados na relação conjugal, sem assumir necessidade de mudanças e mulheres na busca de realizar transformações que possam melhorar cada vez mais a sua situação conjugal, ou seja, mais inquietas e explícitas quanto a suas insatisfações. Tais afirmações são ratificadas mais recentemente pelo pensamento de Féres-Carneiro e Ziviani (2009) que diz respeito à maior frequência dos pedidos de separação realizados pelas mulheres, principalmente quando há insatisfação crônica relacionada à falta de correspondência amorosa pelo parceiro, muitas vezes acomodado com a situação conjugal. Reforçando essa discussão, Spanhol (1993) informa que os homens manifestam estar mais satisfeitos em seus casamentos; por isso têm uma perspectiva mais positiva quanto ao futuro e à continuidade do casamento, quando comparado com suas parceiras.

2.5 A satisfação conjugal e o ciclo de vida familiar

Uma variável importante dos estudos sobre a caracterização e a avaliação da satisfação conjugal é o momento do ciclo de vida familiar em que se encontra o casal, partindo-se do princípio de que é praticamente impossível estudar aspectos do casamento e das relações amorosas sem considerar os conceitos relativos à dinâmica familiar (FÉRES-CARNEIRO, 2003). Cabe ressaltar que, no presente estudo, entende-se *dinâmica* como o movimento necessário para o desenvolvimento familiar e a transição entre fases de seu ciclo vital. Norgren (2002, p.50) justifica essa idéia ao afirmar que “[...] o casamento não é o mesmo ao longo da vida do casal, ele se transforma segundo as mudanças pessoais e familiares que vão ocorrendo”.

Dentre os diversos modelos teóricos sobre o ciclo de vida da família, será utilizado o referencial de Carter e McGoldrick (1995). Elas o caracterizam com base em estudos com famílias norte-americanas intactas nos últimos 25 anos do século XX, em seis estágios distintos, a saber: “1- Saindo de casa: jovens solteiros; 2- A união de famílias: o novo casal; 3- Famílias com filhos pequenos; 4- Famílias com filhos adolescentes; 5- Lançando os filhos e seguindo em frente; 6- Famílias no estágio tardio da vida” (CARTER; MCGOLDRICK, 1995, p.17). A escolha deste modelo deve-se ao fato dele ser largamente aplicado nos estudos brasileiros sobre família e conjugalidade. Cabe ressaltar que se dará aqui atenção especial aos aspectos referentes à segunda e terceira fases do desenvolvimento do ciclo de vida da família, de acordo com os objetivos e método de pesquisa e que serão explicados mais detalhadamente nos próximos capítulos.

É comum se imaginar que os primeiros anos de casamento sejam marcados por altos níveis de satisfação conjugal. Entretanto, cabe ressaltar que é justamente no seu início que o casamento exige dos cônjuges uma capacidade de adaptação maior, derivadas dos contrastes entre o que se espera da relação e o que ela apresenta na realidade. Daí podem surgir as

primeiras frustrações e dificuldades dos cônjuges em lidar com elas. Quanto a isso, Fisher (1995) afirma que, em muitos países, por volta do quarto ano o casamento é marcado por um pico de conflitos conjugais e divórcios. Apesar da autora não relacionar diretamente esse fato ao planejamento ou mesmo à chegada dos filhos, essa é outra questão importante.

Rollins e Cannon (1974), ao apresentarem os dados de sua pesquisa com casais norte-americanos, concluíram que a transição de fases do *casal conjugal* para o *casal parental* é responsável pela queda no nível de satisfação conjugal, tanto dos maridos quanto das esposas. Daí surge a hipótese de que essas alterações apresentem diferenças relacionadas à convivência do casal antes e depois da chegada dos filhos, além de reflexos significativos na satisfação conjugal. Magagnin et al. (2003) apontam que nesta transição os investimentos afetivos direcionados na relação homem-mulher são deslocados para a relação pais-filho. Isso a caracteriza como uma das etapas do ciclo de vida familiar mais impactantes no relacionamento conjugal, sendo necessária uma grande capacidade de adaptação às mudanças na vida do casal e da família. Esse momento é um ponto crítico na vida do casal (PITTMAN, 1994).

Por outro lado, as transformações oriundas do desenvolvimento do ciclo de vida familiar podem, se vividas positivamente, contribuir para a satisfação conjugal. Quanto a isso, Schakelford e Buss (1997) afirmam que o contínuo sucesso na resolução dos problemas e a adaptação às situações cotidianas produzem estados de satisfação e felicidade no casamento. Desta forma, se não houver transformações na relação conjugal, com o propósito de adaptação a mudanças oriundas do seu próprio desenvolvimento, o casamento torna-se inviável (WILLI, 1978).

A velocidade com que as mudanças de valores e normas sociais acontecem nos dias de hoje muitas vezes é maior do que o tempo que cada um dos cônjuges individualmente precisa para se adaptar a elas. Diniz (2009) afirma que o descompasso nesses ritmos resulta em conflitos entre os velhos e novos conceitos, tanto de conjugalidade como de maternidade ou paternidade.

Uma informação relevante sobre essa questão é levantada por Rios (2009). Ela apresenta os resultados de pesquisas quantitativas com casais sem filhos por opção que apontam para um aumento da satisfação conjugal oriunda dessa escolha.

Uma das mudanças na vida familiar que interfere na satisfação conjugal diz respeito à representação que o cônjuge tem de si próprio e a imagem que ele tem do parceiro conjugal. No decorrer do desenvolvimento do ciclo de vida da família há transformações significativas tanto de papéis familiares e sociais, como também em níveis mais concretos. Por exemplo, o corpo da mulher muda já no início da gestação e, em alguns casos, não há o reestabelecimento do corpo pré-gestação após a chegada do primeiro filho. O desejo sexual pode apresentar variações, geralmente para menos, seja por parte de um ou de ambos os cônjuges, mas principalmente por parte dos homens que não se sentem atraídos pelo corpo modificado da mulher grávida (MALDONADO, 1990).

Além das mudanças corporais, a chegada de um filho atribui, como apontado anteriormente, ao homem o papel de pai e à mulher o papel de mãe. Estes novos papéis, que se agregam à representação que cada um tem de si mesmo e do outro, geram modificações significativas na auto-imagem e na imagem que têm do parceiro. Quanto a isso, Gomes (2007, p.19) diz que:

Alguns casais se subtraem, se anulam ou nunca chegam a ter uma existência, independente do fato de terem constituído uma descendência, preponderando apenas as identidades de 'pai' e 'mãe', dentro da família, sem lugar para a relação homem/mulher.

Correa (2000, p.35) acrescenta ainda que “a partir do nascimento de um bebê, articulam-se diversas modalidades típicas econômicas e dinâmicas que organizam os vínculos entre os membros de uma família”. Quanto a isso, não é raro encontrar na situação clínica casais que, quando não há o interesse e o desempenho de uma intimidade sexual antes da gravidez, a idéia

da chegada dos filhos pode ser extremamente aliviadora para ambos, pela possibilidade de concentrarem seus esforços na criação dos mesmos.

Outro aspecto importante no estudo da satisfação conjugal é o fato de que o desenvolvimento da identidade do casal sofre modificações ao longo de sua história. O cultivo da autonomia de cada cônjuge e a manutenção do laço conjugal coeso podem se tornar uma tarefa difícil para muitos casais. Tais condições são apontadas por Walsh (2002) como necessárias para a perpetuação da satisfação conjugal ao longo do ciclo vital familiar. Segundo a autora, precisa haver a renegociação dos papéis conjugais e individuais ao longo da relação, para que eles possam atender aos níveis de satisfação, que também se modificam ao longo do casamento. Sobre o equilíbrio entre os extremos da autonomia e da dependência para a satisfação conjugal Féres-Carneiro (1998, p.383) considera que o casal contemporâneo vive um dilema, em que:

Se por um lado, os ideais individualistas estimularam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade, os desejos e projetos conjugais.

Em contrapartida, verifica-se, em alguns casos, uma dificuldade na diferenciação do “eu” e do “outro” logo na segunda fase do ciclo de vida da família, isto é, na escolha do parceiro conjugal e formação do casal. Esse tipo de fusão de identidades pode perpetuar-se por muito tempo e refletir significativamente, tanto na satisfação conjugal quanto na qualidade do relacionamento familiar.

A este respeito, Fogarty (1976, *apud* CARTER; McGOLDRICK, 1995, p. 187) diz que:

[...] as forças do sentimento de estar unido a outrem originam-se do desejo humano natural de proximidade. Levadas a extremos, elas conduzem a uma busca de complementação. Levadas além do possível essas forças conduzem à fusão, uma união de duas pessoas e resultante distância. Os cônjuges tentam desafiar a natural condição incompleta das pessoas e dos sistemas como se alguém pudesse tornar-se completo, fundindo-se num par unido.

Assim, surge a hipótese de que na fase da chegada dos filhos a fusão traga consigo problemas na adaptação do casal a essa nova condição. Não é raro observar na clínica de casais os atritos oriundos da frustração de um dos cônjuges, ao se perceber incompleto, pelo deslocamento da atenção do parceiro, ao(s) filho(s). Desta forma, a satisfação conjugal sofre alterações significativas neste período. Além disso:

Quando o casal tem filhos [...] os cônjuges precisam reorganizar seu estilo de vida, aprender a serem cuidadores, o que envolve uma boa dose de disponibilidade [...]. Em muitos casos quem acaba abrindo mão de seu projeto profissional são as mulheres, que, às vezes, por causa disso ficam ressentidas com seus parceiros. Além do mais [...] a atenção precisa ser dividida, não podem mais depender exclusivamente um do outro. (NORGREN, 2002, p.54)

Outra variável dessa discussão é a projeção do(a) próprio(a) pai/mãe no cônjuge. Ela gera alterações significativas na imagem que cada um tem de si mesmo - ao desempenhar um papel de filho na relação conjugal - e do par conjugal como progenitor. Satir (1995) explica que este mecanismo faz o indivíduo lidar com a idéia que tem do outro e não com quem realmente ele é. Aponta, ainda, que o relacionamento saudável corresponde àquele que se dá com a pessoa real, não com a imagem que tem dela. Assim, a satisfação conjugal pode sofrer alterações significativas, principalmente na chegada de um filho na vida desse casal. Quanto a isso Siqueira e Duarte (1999) afirmam que, dependendo de como é vivenciada essa nova relação, há a possibilidade de aumentar a coesão familiar, com o fortalecimento da conjugalidade. Mas os relacionamentos em que há a fusão de identidades, projeções de figuras maternas ou paternas no cônjuge ou mesmo fantasia de abandono por parte de um deles em detrimento do nascimento de um bebê, podem ter a satisfação conjugal reduzida drasticamente.

Mas não é apenas no primeiro momento da chegada de um filho na vida de um casal que a satisfação conjugal sofre modificações. No próprio desenvolvimento da parentalidade e com os filhos crescendo a satisfação conjugal também sofre mudanças importantes. Apesar de realizar pesquisas em cenários sócio-culturais distintos, tanto Kurdeck (1993) como Silva e

Relvas (2007) descobriram que o cansaço oriundo da educação e criação dos filhos e a falta de tempo para a intimidade/comunicação do casal são fatores que diminuem a satisfação conjugal. Além disso, Gomes (1998) indica que uma das formas de o casal entrar em contato com seus conflitos é através dos sintomas de seus filhos. A autora, em seu trabalho clínico com casais que procuram a psicoterapia para tratarem seus filhos, relata que na maioria dos diagnósticos infantis dos casos estudados, os sintomas dos filhos decorriam de problemas na relação conjugal de seus pais (GOMES, 2003).

Ainda quanto a essa questão, é de se pressupor que, quando o casal consegue se adaptar às mudanças oriundas da chegada dos filhos na vida familiar e busca negociar soluções inteligentes para os problemas cotidianos, há um aumento tanto na satisfação conjugal, quanto na qualidade na realização das tarefas parentais. Complementando esse pensamento, Wagner e Mosmann (2009) afirmam que cônjuges mais satisfeitos em seus casamentos são pais mais competentes.

Entretanto essa não é a realidade de muitos casais. Apesar das estatísticas governamentais não relacionarem todas as variáveis apresentadas nesse capítulo, pois se baseiam apenas no tempo dos casamentos oficialmente registrados e anulados nos cartórios, os divórcios ocorridos logo após a chegada do primeiro filho ainda são os mais frequentemente observados na prática clínica (MELLO, 2002).

A seguir serão apresentados os objetivos deste estudo e, mais adiante, o método de trabalho realizado.

3. OBJETIVOS

O presente estudo teve dois objetivos principais, a saber:

- Investigar possíveis indicadores relativos à satisfação conjugal no Teste do Desenho do Casal, tanto em seus aspectos gráficos como nos dinâmicos;
- Verificar se existem diferenças relativas à satisfação conjugal entre pessoas sem filho(s) e pessoas com filho(s) pequeno(s), e entre homens e mulheres, por meio da Escala de Satisfação Conjugal (ESC), versão adaptada por Dela Coleta (1989) e do Marital Adjustment Test (MAT), versão adaptada por Farias (1994) e denominada MAT-MARI.

Além disso, esta pesquisa inclui dois objetivos secundários:

- Investigar a correlação entre os instrumentos auxiliares de satisfação conjugal, a Marital Adjustment Test (MAT-MARI) e a Escala de Satisfação Conjugal (ESC);
- Estudar a precisão das avaliações dos Testes do Desenho do Casal, realizadas por seis juízes.

4. MÉTODO

Cabe informar que a intenção inicial do autor deste trabalho ainda na elaboração do projeto para esta pesquisa, era realizar um estudo longitudinal envolvendo todas as fases do ciclo de vida familiar, isto é, avaliando constantemente a satisfação conjugal desde a fase do namoro até o estágio tardio da vida. Porém, uma pesquisa de tal natureza levaria cerca de 30 a 40 anos para ser concluída. Além disso, haveria a necessidade de que os sujeitos permanecessem casados por todo esse tempo e tivessem filhos, dando seqüência contínua ao ciclo de vida familiar em períodos pré-determinados. Dada a impossibilidade da realização da pesquisa nesses moldes, por questões éticas e pelo prazo de conclusão deste trabalho, decidiu-se por outra configuração de estudo, justificada nos capítulos anteriores e detalhada a seguir.

4.1 Sujeitos

Os critérios de inclusão para a formação da amostra foram:

- Homens e mulheres em participação individual, mesmo que cônjuges de um mesmo casal.
- Primeira união (casamento civil e/ou religioso ou união estável, respeitando o intervalo de tempo abaixo).
- Tempo de união: 1 a 10 anos.
- Com ou sem filhos.
- Que não esteja em situação de gravidez.
- Ensino médio incompleto, como grau de instrução mínimo.

Para a participação na pesquisa, os sujeitos deveriam se enquadrar todos os quesitos. O motivo da escolha de um dos critérios de inclusão dos sujeitos de pesquisa, que se refere à condição de ser casado pela primeira vez, foi determinado para que não houvesse risco de coleta de dados relativos a outro(s) casamento(s). A satisfação conjugal de pessoas recasadas é apontada por Coleman, Ganong e Fine (2000) como passível de interferência no relacionamento entre madrastas/padrastos e seus enteados. Assim, levantou-se a hipótese de que ao se pesquisar pessoas recasadas, tanto as suas respostas aos inventários quanto as suas projeções gráficas poderiam sofrer influência das experiências de outros relacionamentos.

O tempo de casamento, primeira década de união, foi assim selecionado excluindo-se a condição do sujeito ser recém-casado, minimizando a interferência de aspectos voltados a um período “apaixonado”, ou mesmo sem um mínimo de tempo para a experiência de convivência com o parceiro. Quanto ao teto de tempo de casamento, julgou-se importante pesquisar pessoas com filho(s) pequeno(s), pois no caso de mais tempo de união haveria o risco de que esses sujeitos tivessem filho(s) em idade de puberdade/adolescência, fato que se refere a uma outra fase específica do ciclo de vida da família (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). A condição de não estar em situação de gravidez justifica-se pelas interferências que esta fase pode acarretar sobre a auto-imagem e a imagem que se tem do parceiro conjugal, já discutidas anteriormente, bem como suas possíveis interferências na projeção gráfica. A escolaridade mínima foi assim determinada para otimizar a compreensão e resposta aos itens dos instrumentos de coleta de dados. Como explanado, esses critérios foram assim estabelecidos para minimizar as possibilidades de viés dos resultados da pesquisa.

Participaram da coleta de dados 202 sujeitos. Apenas um deles retirou o consentimento para a participação no estudo. Desta forma, a amostra para fins de análise dos dados se constituiu em 201 sujeitos distribuídos em relação ao sexo e à condição de possuírem filhos ou não, como mostrado na Tabela 1.

Tabela 1- Distribuição de homens e mulheres participantes do estudo, por grupo.

Sujeitos	Mulheres		Homens	
	A (Sem filhos)	B (Com filhos)	A (Sem filhos)	B (Com filhos)
N (%)	51 (50,5%)	50 (49,5%)	51 (51,0%)	49 (49,0%)
Total	101 (100,0%)		100 (100,0%)	

A distribuição uniforme da amostra quanto a pessoas com filhos e sem filhos, homens e mulheres foi determinada no projeto desta pesquisa. O número de filhos das pessoas do grupo B não ultrapassou o número de três, com maior frequência para um filho, em ambos os sexos. A Tabela 2 mostra as médias de idade dos homens e mulheres participantes do estudo.

Tabela 2 - Idades dos participantes do estudo, por sexo e na amostra total.

Idades (em anos)	Mulheres	Homens	Total
Mínima	23	22	22
Máxima	53	48	53
Média	32,58	33,76	33,17
D. P.	5,43	5,50	5,49

Percebe-se que as médias de idade e os desvios padrão, em ambos os sexos, são semelhantes. Apesar de tal similaridade, cabe ressaltar que não houve determinação prévia de distribuição uniforme desta variável. A tabela 3 apresenta a distribuição das categorias de escolaridade dos sujeitos, por sexo.

Tabela 3 - Escolaridade dos participantes do estudo, por sexo e na amostra total.

Escolaridade	Mulheres (%)	Homens (%)	Total (%)
Ensino Médio Incompleto	1 (1,0%)	9 (9,0%)	10 (5,0%)
Ensino Médio Completo	9 (8,9%)	19 (19%)	28 (13,8%)
Ensino Superior Incompleto	7 (6,9%)	5 (5,0%)	12 (6,0%)
Ensino Superior Completo	32 (31,9%)	27 (27%)	59 (29,4%)
Pós-Graduação	52 (51,5%)	40 (40%)	92 (45,8%)
Total	101 (100,0%)	100 (100,0%)	201 (100,0%)

Neste caso, não houve distribuição uniforme das categorias de escolaridade dos sujeitos. O fato relevante destes dados é o grande número de pessoas com formação superior e pós-graduação, principalmente entre os sujeitos femininos. A Tabela 4 mostra a caracterização da renda pessoal dos homens e mulheres participantes do estudo.

Tabela 4 - Renda pessoal dos participantes do estudo, por sexo e na amostra total.

Renda Pessoal	Mulheres		Homens		Total	
	Em R\$	Em Salários ⁴ Mínimos	Em R\$	Em Salários Mínimos	Em R\$	Em Salários Mínimos
Mínima	Sem renda	0	Sem renda	0	Sem renda	0
Máxima	20.000,00	48,19	30.000,00	72,28	30.000,00	72,28
Média	2.814,30	6,78	5.169,80	12,45	3.986,19	9,60
D. P.	3.050,54	7,35	4.741,40	11,42	4.144,27	9,98

As médias de renda pessoal em ambos os sexos se apresentaram bem abaixo da média aritmética exata, isto é, a diferença entre a mínima e a máxima renda. Isso demonstra uma distribuição desigual deste dado entre os sujeitos de pesquisa. Apesar da Tabela 3 mostrar altos níveis de escolaridade na maioria dos sujeitos de pesquisa, seus rendimentos não condizem com tal situação, pois muitos deles encontravam-se desempregados no momento da coleta de dados e, portanto, sem renda.

A Tabela 5 apresenta a distribuição das religiões declaradas pelos participantes do estudo. A religião católica, entre praticantes ou não praticantes, foi a mais freqüente entre as apontadas pelos sujeitos.

⁴ Salário Mínimo Paulista no valor de R\$ 415,00, em vigor no ano da coleta de dados.

Tabela 5 - Religiões dos participantes do estudo, por sexo e na amostra total.

Religião	Mulheres (%)	Homens (%)	Total (%)
Sem religião	22 (21,8%)	28 (28,0%)	50 (24,9%)
Católica praticante	18 (17,8%)	9 (9,0%)	27 (13,4%)
Católica não praticante	36 (35,6%)	35 (35,0%)	71 (35,3%)
Espírita praticante	9 (8,9%)	5 (5,0%)	14 (7,0%)
Espírita não praticante	1 (1,0%)	1 (1,0%)	2 (1,0%)
Evangélico Praticante	8 (7,9%)	10 (10,0%)	18 (9,0%)
Evangélico não praticante	2 (2,0%)	2 (2,0%)	4 (2,0%)
Judaica	2 (2,0%)	2 (2,0%)	4 (2,0%)
Judaica não praticante	0 (0%)	3 (3,0%)	3 (1,5%)
Outras	3 (3,0%)	5 (5,0%)	8 (4,0%)
Total	101 (100,0%)	100 (100,0%)	201 (100,0%)

Um fato que chama atenção é a alta frequência de pessoas que se declararam “sem religião”, quando comparadas com as outras categorias. Na Tabela 6, são apresentados dados relativos ao tempo de casamento dos sujeitos.

Tabela 6 - Tempo de casamento de homens e mulheres participantes do estudo.

Tempo de casamento	Mulheres	Homens	Total
Mínimo	0,98	1,05	0,98
Máximo	10,82	10,92	10,92
Média	5,22	5,52	5,37
Desvio Padrão	3,00	3,13	3,07

O tempo de casamento dos participantes da pesquisa não foi fracionado em meses, mas em decimais, por ano. Vale lembrar que os dados, quando fracionados em décimos, representam uniões entre 1 ano e 1 mês e 10 anos e 11 meses. Eles se mostraram bastante semelhantes em ambos os sexos, tanto em seus índices mínimos, máximos e médias. Inclusive estes últimos

fatores estão bem próximos das médias aritméticas exatas das idades de casamento para homens e mulheres.

4.2 Instrumentos

4.2.1 Teste do Desenho do Casal

Foram utilizados os materiais para a aplicação da técnica, propostos por Bernstein (1958, *apud* BELL, 1964), para o “Test de la Pareja”:

- Duas folhas tipo A4, brancas
- Um lápis preto n° 2
- Uma borracha
- Gravador e cronômetro (materiais adicionados nesta pesquisa)

4.2.2 Formulário Complementar de Satisfação Conjugal (FCSC)

Esse instrumento foi idealizado juntamente com a banca examinadora no exame de qualificação, pois se entendeu que era relevante compreender qual o conceito de satisfação conjugal dos participantes do estudo, antes deles entrarem em contato com as questões dos inventários. Além disso, o formulário solicitava que se atribuísse uma nota, de 0 a 10, para a satisfação conjugal atual do sujeito de pesquisa.

4.2.3 Escala de Satisfação Conjugal (ESC)

Criada por Pick de Weiss e Andrade Palos (1988), a Escala de Satisfação Conjugal (ESC) visa avaliar, além da satisfação conjugal total, três aspectos específicos do casamento, divididos em sub-escalas, a saber: a satisfação com aspectos emocionais do cônjuge; a satisfação com a interação conjugal; a satisfação com a forma de organização e de estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge. Dela Coleta (1989) realizou um estudo de tradução, adaptação e validação da ESC para a nossa população, ressaltando que:

nos estudos originais de desenvolvimento e validação todas as sub-escalas apresentaram altos níveis de confiabilidade e validade, e na forma em que se apresentam demonstraram sua aplicabilidade também à população de médio e baixo nível cultural, possuindo a vantagem adicional de terem sido desenvolvidas em país latino-americano, numa cultura relativamente semelhante à brasileira. (DELA COLETA, 1989, p. 98)

A ESC é composta de 24 itens, com três opções de resposta, o que a torna simples em sua realização e de rápida aplicação. Ela já foi utilizada com sucesso por Villa (2005) em seu estudo sobre habilidades sociais e satisfação conjugal. A escala é apresentada em duas versões distintas, uma para mulheres e outra para homens, apesar das situações apresentadas serem as mesmas.

4.2.4 Marital Adjustment Test (MAT-MARI)

Desenvolvido por Locke (1951), o Marital Adjustment Test (MAT) é um instrumento que avalia a satisfação conjugal. A partir de sua forma original, o MAT foi estudado e reestruturado por Locke e Williamson (1958), Locke e Wallace (1959), e também por Kimmel e Van Der Veen (1974). No Brasil, o estudo de adaptação e validação deste instrumento foi realizado por Farias (1994). Tal pesquisa constou de sua tradução, retirada de alguns itens do protocolo original, inclusão de um item do estudo de Locke e Williamson (1958), mudança na ordem dos itens, reconstituição da numeração e redistribuição da ordem dos atuais 19 itens.

Como consequência destas mudanças, a forma de pontuação do teste também foi alterada. Esta versão, adaptada e validada para a realidade brasileira, recebeu o nome de MAT-MARI.

4.2.5 Formulário de caracterização dos participantes

Criado especialmente para essa pesquisa, visa levantar de forma objetiva dados relativos à idade, escolaridade, religião, raça, renda mensal, profissão, local de nascimento e residência atual dos participantes da pesquisa e de seus cônjuges. Sobre a relação conjugal, investigou-se informações sobre o tempo de relacionamento total, tempo somente de casamento, como conheceu o cônjuge, se há filho(s) no casamento - a(s) idade(s), planejado(s)/desejado(s), escolaridade, com quanto tempo de casamento tiveram o(s) filho(s) e sua condição de saúde.

4.3 Procedimentos de coleta de dados

Todo o procedimento de divulgação, agendamento, coleta de dados e arquivamento do material foi realizado exclusivamente pelo pesquisador. O convite para a participação na pesquisa ocorreu principalmente por e-mail (ANEXO A), no qual o pesquisador apresentava os critérios para a participação na pesquisa e outras informações úteis aos possíveis candidatos.

4.3.1 Agendamento da coleta de dados

Após a resposta dos e-mails, o pesquisador entrava em contato por telefone com a pessoa interessada e confirmava se ela cumpria todos os critérios para a participação. Se sim, agendava um horário para a coleta de dados. No caso da participação de ambos os cônjuges, a coleta de dados era agendada e realizada individualmente. Ela poderia ocorrer em três locais: numa sala

disponibilizada pelo pesquisador (tipo consultório), no domicílio ou no local de trabalho do sujeito de pesquisa. Cabe ressaltar que nas duas últimas situações, era informado ao sujeito de pesquisa que deveria se tratar de um ambiente sem a presença ou trânsito de outras pessoas (em respeito às condições mínimas de sigilo da identidade dele e dos dados ali coletados) e necessitaria haver uma mesa com duas cadeiras.

4.3.2 O momento da coleta de dados

No local, o pesquisador solicitava ao participante a leitura da carta de informação sobre a pesquisa e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO B), deixando uma cópia desse documento com ele. As dúvidas sobre a pesquisa e a possibilidade de devolutiva dos dados eram esclarecidas antes da aplicação das técnicas específicas.

Feito isso, o TDC foi a primeira técnica a ser aplicada. Acionava-se o gravador e solicitava-se ao indivíduo que desenhasse, numa folha em branco, um casal. Ao aviso do sujeito sobre a finalização do desenho, anotava-se o tempo parcial e pedia-se que, olhando para os personagens produzidos, atribuísse nomes a eles e os escrevessem no papel. O mesmo era feito para as idades dos personagens. Depois, era solicitado ao sujeito que contasse uma estória sobre o desenho. Após o relato da estória, que em muitos casos eram constituídas de poucas palavras, era realizado o inquérito complementar a fim de se levantar os seguintes dados a respeito do desenho: O que acontece na cena? O que pensam e como se sentem os personagens? Qual o tipo de relação deles? Eles têm filhos? O que fazem da vida? Qual a principal característica de cada um? Como é a relação entre eles? O que aconteceu antes da cena? O que vai acontecer depois da cena? Mais algum comentário que o sujeito quisesse fazer sobre o seu desenho.

Terminado o relato da estória e resposta ao inquérito complementar, pedia-se que fosse escrito um título para aquele desenho ou estória produzida. Somente nesse momento, anotava-se

o tempo total de execução do TDC, desligava-se o gravador e recolhia-se o material ali produzido.

Concluído o TDC, o pesquisador entregava para o sujeito, empilhados e nessa ordem, o FCSC, a ESC e o MAT-MARI. Instruía para que ele lesse o que se encontrava nesses materiais e respondesse o que era solicitado, na ordem apresentada. O pesquisador lembrava que estava a disposição para sanar dúvidas que eventualmente surgissem, quanto ao preenchimento das respostas. Após o término do preenchimento dos três protocolos o pesquisador guardava esse material.

Como última parte da coleta de dados, o pesquisador preenchia o formulário de caracterização dos participantes da pesquisa, fazendo perguntas diretamente ao sujeito. Ele também era informado que se quisesse abster-se da resposta de alguma questão, poderia fazê-lo sem problemas.

O material coletado foi envelopado individualmente e codificado por números sequenciais de 1 a 201. Os termos de consentimento livre e esclarecido, únicos materiais com a identificação do sujeito, foram arquivados separadamente. Tais procedimentos visaram proteger a identidade dos sujeitos participantes do estudo, bem como qualquer relação desta com as respostas dos instrumentos de coleta de dados.

4.4 Procedimentos de análise dos dados

As avaliações dos instrumentos utilizados na coleta de dados dos 201 participantes também foram realizadas exclusivamente pelo pesquisador, exceto no caso dos desenhos como será visto mais adiante. Após o arquivamento do material coletado, as informações contidas no formulário de caracterização dos participantes da pesquisa foram processadas, a fim de realizar a

caracterização da amostra, apresentada no início deste capítulo. Outra tabulação realizada foi a dos dados do FCSC. Neste caso houve a necessidade da criação de categorias de respostas, pois a primeira questão solicitava resposta do tipo dissertativa.

4.4.1 A avaliação dos inventários de satisfação conjugal

Após essa etapa, os inventários de satisfação conjugal MAT-MARI e ESC foram avaliados para determinar quais sujeitos eram classificados como satisfeitos, insatisfeitos conjugalmente ou se encontravam numa *zona neutra* de avaliação. Vale lembrar que as avaliações dos instrumentos foram realizadas a partir das normas apresentadas respectivamente, por Farias (1994) e Dela Coleta (1989). As Tabelas 7 e 8 apresentam os escores possíveis e os intervalos de avaliação do MAT-MARI e da ESC, respectivamente.

Tabela 7 - Amplitude dos escores e critérios de classificação do MAT-MARI.

Amplitude	Escore
Amplitude total	de 18 a 78
Satisfação conjugal	≥ 68 (\geq percentil 70)
Insatisfação conjugal	≤ 62 (\leq percentil 30)
Neutro	de 63 a 67 pontos

Tabela 8 - Amplitude dos escores e critérios de classificação da ESC.

Amplitude	Escore
Amplitude total	de 24 a 72
Satisfação conjugal	de 24 a 40
Insatisfação conjugal	de 56 a 72
Neutro	de 41 a 55

A ESC também foi avaliada em suas três sub-escalas que se referem à: *1- satisfação com os aspectos emocionais do cônjuge, 2- satisfação com a interação conjugal e 3- satisfação com a organização/estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge*. Os dados sobre os escores possíveis e intervalos de avaliação de cada escala encontram-se na Tabela 9.

Tabela 9 - Amplitude dos escores e critérios de classificação das sub-escalas da ESC.

Amplitude	Sub-escala 1	Sub-escala 2	Sub-escala 3
Amplitude total	de 5 a 15	de 10 a 30	de 9 a 27
Satisfação conjugal	de 5 a 8	de 10 a 17	de 9 a 15
Insatisfação conjugal	de 12 a 15	de 23 a 30	de 21 a 27
Neutro	de 9 a 11	de 18 a 22	de 16 a 20

Após a avaliação desses instrumentos, foi possível selecionar os participantes cujos desenhos poderiam ser avaliados. Foram separados apenas os desenhos de pessoas satisfeitas ou insatisfeitas conjugalmente. O fato de a satisfação conjugal ter sido avaliada por dois instrumentos, e em cada um deles haver a possibilidade de um resultado satisfeito (S), insatisfeito (I) ou neutro (N), fez com que se estabelecessem os seguintes critérios de seleção de desenhos:

- Desenho de pessoa satisfeita conjugalmente: quando as combinações de avaliação dos inventários de satisfação conjugal forem *S e S, S e N* ou *N e S*.
- Desenho de pessoa insatisfeita conjugalmente: quando as combinações de avaliação dos inventários de satisfação conjugal forem *I e I, I e N* ou *N e I*.
- Desenho excluído da análise: quando as combinações de avaliação dos inventários de satisfação conjugal forem *I e S, S e I* ou *N e N*.

No caso da ESC, o resultado utilizado para a seleção de desenhos foi o da escala global. Esse critério de determinação de quais sujeitos estavam satisfeitos ou insatisfeitos conjugalmente apoiou-se no estudo de correlação dos escores totais dos instrumentos. Ele apresentou correlação de Pearson $-0,735$ ($p < 0,01$) entre os resultados dos dois inventários, para os 201 sujeitos, o que é significativo estatisticamente. O valor negativo do índice ocorreu porque os escores totais têm significados inversos nos dois instrumentos, isto é, no MAT-MARI quanto maior o escore mais satisfeito é o sujeito, enquanto na ESC ocorre exatamente o inverso. As Figuras 1 e 2 ilustram exatamente essa distribuição inversa dos escores totais das escalas MAT-MARI e ESC, respectivamente.

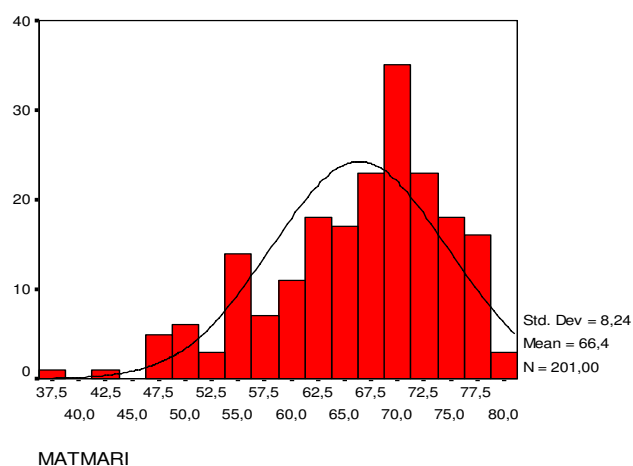


Figura 1 - Distribuição dos escores totais do MAT-MARI.

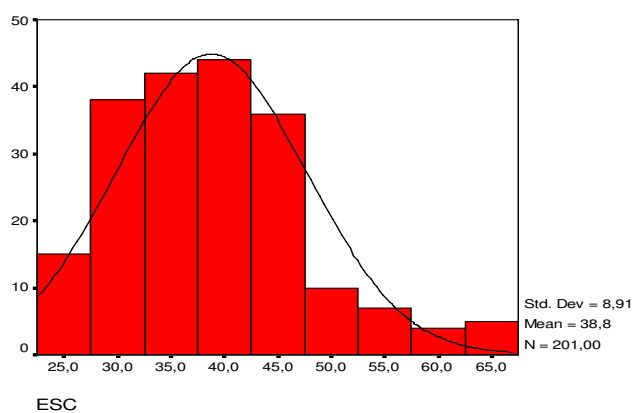


Figura 2 - Distribuição dos escores totais da ESC.

Percebe-se, pelas Figuras 1 e 2, que as distribuições formam curvas com sentidos inversos. Isto significa que esses inventários se complementam na avaliação da satisfação conjugal de uma mesma pessoa. Outro dado que reforça esta conclusão é que apenas dois sujeitos apresentaram a combinação *I* e *S* em suas escalas de satisfação conjugal, representando menos que 1% da amostra.

4.4.2 A seleção dos desenhos para avaliação

Foram excluídos da análise os desenhos de pessoas que não puderam ser determinadas como satisfeitas ou insatisfeitas conjugalmente, segundo os critérios apresentados anteriormente. Dois casos de desenhos nos quais o casal não foi representado por figuras humanas também foram excluídos da análise. No total, 27 sujeitos foram excluídos do estudo. Dos 174 desenhos selecionados para a análise, 87 foram feitos por homens e 87 por mulheres. A Tabela 10 apresenta a distribuição dos participantes selecionados por sexo e também em relação à condição de possuírem filhos ou não.

Tabela 10 - Distribuição dos sujeitos selecionados para análise.

Sujeitos	Mulheres	Homens	Total
Satisfeitos, sem filhos	40	37	77
Satisfeitos, com filhos	24	29	53
Insatisfeitos, sem filhos	9	7	16
Insatisfeitos, com filhos	14	14	28
Total	87	87	174

4.4.3 Caracterização dos sujeitos com os TDCs selecionados para a análise

Por se tratar de uma amostra reduzida, em relação à da coleta de dados e análises preliminares, julgou-se importante apresentar os dados de sua caracterização, para esclarecer eventuais diferenças entre elas. Essa amostra selecionada refere-se tanto ao estudo dos indicadores de satisfação conjugal no TDC, quanto ao das diferenças relativas à satisfação conjugal entre pessoas com e sem filhos, pelos instrumentos-controle. A Tabela 11 mostra a distribuição dos sujeitos satisfeitos e insatisfeitos conjugalmente, por sexo.

Tabela 11 - Percentual de mulheres e homens selecionados, pela satisfação conjugal.

Satisfação	Mulheres		Homens		Total	
	Satisfeitas	Insatisfeitas	Satisfeitos	Insatisfeitos	Satisfeitos	Insatisfeitos
Grupo						
N (%)	64 (73,6%)	23 (26,4%)	66 (75,9%)	21 (24,1%)	130 (74,7%)	44 (25,3%)
Total	87 (100%)		87 (100%)		174 (100%)	

A relação entre satisfeitos e insatisfeitos deu-se de forma semelhante, ou seja, aproximadamente 2/3 da amostra se apresentou satisfeita em ambos os sexos. O fato do número total de homens e mulheres ser o mesmo ocorreu ao acaso e foi determinado de acordo com os procedimentos apresentados anteriormente. A Tabela 12 apresenta a distribuição dos sujeitos com e sem filhos, por sexo.

Tabela 12 - Percentual de mulheres e homens selecionados, com e sem filhos.

Selecionados	Mulheres		Homens		Total	
	Sem Filho(s)	Com Filho(s)	Sem Filho(s)	Com Filho(s)	Sem Filho(s)	Com Filho(s)
Grupo						
N (%)	49 (56,3%)	38 (43,7%)	44 (50,6%)	43 (49,4%)	93 (53,4%)	81 (46,6%)
Total	87 (100%)		87 (100%)		174 (100%)	

Pela condição de ter ou não filhos, a distribuição dos dados se apresenta mais uniforme no grupo dos homens, quando comparada ao do grupo das mulheres. A Tabela 13 mostra a caracterização das idades de homens, mulheres e do total da amostra reduzida.

Tabela 13 - Idades dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total.

Idades (em anos)	Mulheres	Homens	Total
Mínima	23	22	22
Máxima	53	48	53
Média	32,43	33,68	33,05
D. P.	5,39	5,49	5,46

Percebe-se que as idades mínimas e máximas, em ambos os sexos e na amostra total, são as mesmas da amostra da coleta de dados. Isso quer dizer que os sujeitos descartados possuíam idades intermediárias aos da primeira amostra. Essa afirmação pode ser comprovada pelas semelhanças entre as médias e desvios padrão em todos os grupos, nessa e na primeira amostra. A Tabela 14 apresenta a distribuição dos sujeitos selecionados, quanto a sua escolaridade.

Tabela 14 - Escolaridade dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total.

Escolaridade	Mulheres (%)	Homens (%)	Total (%)
Ensino Médio Incompleto	1 (1,1%)	9 (10,3%)	10 (5,7%)
Ensino Médio Completo	6 (6,9%)	17 (19,5%)	23 (13,2%)
Ensino Sup. Incompleto	7 (8,0%)	5 (5,7%)	12 (6,9%)
Ensino Sup. Completo	27 (31,0%)	21 (24,1%)	48 (27,6%)
Pós-Graduação	46 (52,9%)	35 (40,2%)	81 (46,6%)
Total	87 (100,0%)	87 (100,0%)	174 (100,0%)

A desigualdade nas frequências das classes de escolaridade vistas na amostra original repetiu-se na amostra selecionada. Pode-se perceber, inclusive, que os valores relativos, em cada grupo e no total, são bem semelhantes entre as Tabelas 3 e 14. Isso quer dizer que os sujeitos

excluídos possuíam níveis diferentes de escolaridade, sendo uniforme a diminuição dos sujeitos, entre as categorias. Na Tabela 15 são apresentados os dados de renda pessoal mensal da amostra reduzida. O cálculo do salário mínimo seguiu o mesmo critério do apresentado na Tabela 4.

Tabela 15 - Renda pessoal dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total.

Renda	Mulheres		Homens		Total	
	Em R\$	Em Salários Mínimos	Em R\$	Em Salários Mínimos	Em R\$	Em Salários Mínimos
Mínima	Sem renda	0	Sem renda	0	Sem renda	0
Máxima	20.000,00	48,19	30.000,00	72,28	30.000,00	72,28
Média	2.806,83	6,76	5.067,59	12,21	3.937,21	9,48
D. P.	3.201,35	7,71	4.922,12	11,86	4.295,60	10,35

A caracterização da renda dos participantes selecionados, em suas médias e desvios padrão, são muito semelhantes aos da amostra inicial. No caso das rendas máximas e mínimas, elas são exatamente as mesmas das mostradas na Tabela 4, em ambos os sexos e na amostra total. Isso significa que os sujeitos excluídos dessa análise possuíam rendas intermediárias, quando comparados com os da amostra inicial.

Os dados referentes às religiões dos participantes selecionados encontram-se na Tabela 16. Mais uma vez os dados de caracterização mostram uma frequência bastante parecida entre a amostra selecionada e a total. Ao comparar os dados das Tabelas 5 e 16, pode-se observar que a distribuição entre as categorias de religião mantém-se praticamente inalterada no grupo das mulheres, dos homens e na amostra total. Assim, tanto o fato da religião católica, entre praticantes ou não praticantes, ser a mais frequente entre as apontadas pelos sujeitos, quanto a alta frequência de pessoas que se declararam *sem religião* repetem-se aqui.

Tabela 16 - Religiões dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total.

Religião	Mulheres (%)	Homens (%)	Total (%)
Sem religião	18 (20,7%)	25 (28,7%)	43 (24,7%)
Católica praticante	16 (18,4%)	8(9,2%)	24 (13,8%)
Católica não praticante	33 (37,9%)	31 (35,6%)	64 (36,8%)
Espírita praticante	7(8,0%)	3 (3,4%)	10 (5,7%)
Espírita não praticante	0 (0%)	1 (1,1%)	1 (0,6%)
Evangélico Praticante	7(8,0%)	10 (11,5%)	17 (9,8%)
Evangélico não praticante	1 (1,1%)	2 (2,3%)	3 (1,7%)
Judaica	2 (2,3%)	1 (1,1%)	3 (1,7%)
Judaica não praticante	0 (0%)	2 (2,3%)	2 (1,1%)
Outras	3 (3,4%)	4 (4,6%)	7 (4,0%)
Total	87 (100,0%)	87 (100,0%)	174 (100,0%)

Na Tabela 17 são apresentados dados relativos ao tempo de casamento dos sujeitos de pesquisa. Assim como explicado na Tabela 6, essas idades, quando fracionadas em décimos, representam uniões entre 1 ano e 1 mês e 10 anos e 11 meses. Novamente os valores mostraram-se muito semelhantes aos do tempo de casamento da população pesquisada entre sexos e na amostra total.

Tabela 17 - Tempo de casamento dos participantes selecionados, por sexo e na amostra total.

Tempo de casamento	Mulheres	Homens	Total
Mínimo	0,98	1,10	0,98
Máximo	10,82	10,92	10,92
Média	5,05	5,46	5,23
D. P.	2,97	3,11	3,04

De forma geral, a seleção dos sujeitos para a amostra reduzida não alterou significativamente a distribuição entre sexos, idades, escolaridade, religião e tempo de casamento em relação à amostra inicial.

Uma vez apresentadas essas informações, pode-se dar seqüência ao detalhamento dos procedimentos de análise dos dados referentes ao TDC.

4.4.4 Organização dos critérios para a avaliação do TDC

Uma das questões mais controversas no trabalho com as técnicas projetivas gráficas são os critérios de avaliação de desenhos. As técnicas possuem critérios bem específicos, sendo que algumas delas podem apresentar características diferentes, de acordo com o autor que a estuda, sua fundamentação teórica ou mesmo a finalidade para a qual ela é aplicada. Roback (1968) afirma que a variedade e profundidade dos critérios e escores de avaliação das técnicas projetivas gráficas são tantos quanto os autores que os estudam.

Como apresentado no primeiro capítulo, são considerados como exemplo pioneiro na avaliação de aspectos emocionais o Teste do Desenho da Figura Humana de Machover (1949). Exemplos de variantes na avaliação deste tipo de produção são os propostos por Van Kolck (1963); os critérios de Buck (1948, 1987) para o Desenho da Pessoa no HTP; os de Corman (1979) para o Desenho da Família; os dados do Desenho Cinético da Família de Burns e Kaufman (1972); os dados de desenhos de adultos de Levy (1971); e os indicadores de defesa nos testes gráficos de Piccolo (1974), entre outros.

É importante lembrar que um dos objetivos deste estudo foi identificar possíveis dados relativos à satisfação conjugal, no Teste do Desenho do Casal, tanto em seus aspectos gráficos como nos dinâmicos. Mas como identificá-los, se não havia critérios de avaliação e interpretação desta técnica previamente determinados até o momento da análise dos dados desta pesquisa?

Diante dessa questão, procedeu-se como nos estudos pioneiros: seleção de critérios previamente apresentados e testados pelos antecessores nas pesquisas com desenhos sendo, neste caso específico, com o Teste do Desenho da Figura Humana e o Teste do Desenho da Família. Cada um desses critérios foi aqui chamado de 'item'. Todo item possui alternativas para a sua avaliação, de acordo com o que se pretende avaliar. Além disso, após a coleta de dados, surgiram aspectos dos desenhos que até então não haviam sido estudados ou mesmo apresentados por outros autores, mas foram julgados importantes para investigar possíveis relações destes com a satisfação conjugal. Assim, também houve a criação de itens e alternativas para a avaliação do TDC.

4.4.5 Avaliação do TDC pelos juízes

Outra questão crucial na análise dos critérios do TDC diz respeito à subjetividade da avaliação dos indicadores gráficos e dinâmicos por parte de diferentes avaliadores. Na tentativa de evitar vieses ou qualquer tipo de tendenciosidade na avaliação dos desenhos, foram convidados seis juízes, três homens e três mulheres, para a realização da avaliação dos TDCs. O quesito básico para a seleção dos juízes foi o de serem comprovadamente experientes no trabalho com técnicas projetivas gráficas, em nível de ensino, pesquisa e/ou trabalho clínico. Eles eram, no mínimo, formados há oito anos e a maioria possuía mestrado, com pesquisas voltadas à avaliação psicológica utilizando-se de métodos projetivos. Os juízes trabalharam em pares de avaliação formados por um homem e uma mulher. Cada par de juízes avaliou 58 desenhos individualmente, ou seja, cada desenho foi analisado duas vezes. Desta forma pôde-se testar a precisão da avaliação do TDC entre juízes.

Após a elaboração do manual de avaliação do TDC, houve uma reunião com os três primeiros juízes avaliadores. Nesse encontro cada um deles recebeu um 'kit' contendo: 58 Desenhos do Casal; a folha de transcrição da estória/inquérito de cada um deles (ANEXO J); um

protocolo de avaliação preliminar do TDC; 58 protocolos de avaliação dos indicadores gráficos e dinâmicos do TDC, o manual de avaliação do TDC; uma régua padronizada; um crivo de avaliação da localização do desenho na folha e um crivo de avaliação do tamanho do desenho na folha. Houve também nesse momento o treinamento dos juízes, discutindo-se todos os itens de avaliação, visando assim debater e sanar possíveis dúvidas. Avaliações-piloto, com desenhos excluídos da amostra de análise, também foram realizadas para apurar a técnica de avaliação e “calibrar” as análises dos juízes. Depois da análise dos TDCs pelos primeiros juízes, o mesmo procedimento de treinamento foi realizado com o segundo bloco de avaliadores, sempre com os mesmos desenhos e materiais de cada ‘kit’. Em nenhum momento os avaliadores tiveram acesso aos resultados dos inventários de satisfação conjugal ou ao resultado da avaliação dos outros juízes. Cabe informar, também, que os 58 desenhos de cada ‘kit’ foram separados em número uniformemente aproximado de homens e mulheres, com e sem filhos, bem como satisfeitos e insatisfeitos. Todos esses procedimentos e critérios foram aplicados visando proporcionar a maior excelência possível na avaliação dos desenhos.

Após a avaliação dos desenhos pelas três duplas de juízes, procedeu-se ao estudo da precisão das avaliações entre pares de juízes pelo coeficiente Kappa. Como apresentado anteriormente, havia itens em que os juízes poderiam assinalar mais de uma alternativa. Entretanto o método de análise pelo coeficiente Kappa não permite processar mais de uma alternativa para cada item. Assim, criaram-se alternativas adicionais de análise, por agrupamento das respostas marcadas pelos juízes nos itens 17, 18, 19, 20 e 27. As novas alternativas seguem abaixo:

- Itens 17 e 18: alternativa J = D e F; alternativa K = D e E; alternativa L = B e D; alternativa M = C, D e F; alternativa N = B, F, e D; alternativa O = B e F.

- Itens 19 e 20: alternativa G = B e D; alternativa H = A, B, C, D e E; alternativa I = A, B, C e D; alternativa J = D e E; alternativa K = A, B, D e E; alternativa L = A, B e C; alternativa M = B, D e E; alternativa N = B e E; alternativa O = B, C e D.
- Item 27: alternativa E = A e C; alternativa F = A e B.

A seguir serão apresentados os resultados obtidos nas análises dos dados. A discussão dos mesmos e alguns procedimentos específicos que justifiquem a sua forma de apresentação também são conteúdos do próximo capítulo.

5. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os resultados mais significativos encontrados tanto na investigação dos itens do Teste do Desenho do Casal, incluindo a precisão de juízes, como as principais relações existentes entre aspectos específicos da satisfação conjugal entre pessoas com filhos e sem filhos e entre homens e mulheres.

5.1 O Teste do Desenho do Casal

Como esta pesquisa buscou estudar um novo instrumento, mesclando critérios de avaliação novos e tradicionais, é importante verificar quais dos itens elaborados apresentam um mesmo padrão de avaliação entre avaliadores distintos. Seguindo um mesmo manual de orientação e recebendo o mesmo treinamento, a hipótese é que diversos avaliadores tenham um olhar único ou ao menos semelhante para o mesmo desenho. Mas a subjetividade de alguns itens, ou mesmo da percepção próprios juízes, pode resultar em interpretações distintas. Daí a relevância de um estudo prévio da precisão das avaliações de um mesmo desenho realizadas, neste caso, por dois juízes. Os resultados desta investigação podem apontar falhas na elaboração dos critérios, tanto nos itens como em suas alternativas, além de detectar necessidades específicas de melhoria no treinamento de futuros profissionais que possam vir a trabalhar com essa técnica. Buscam também auxiliar na elaboração e investigação de novos critérios de avaliação, otimizando cada vez mais o instrumento diagnóstico.

5.1.1 Precisão da Avaliação dos Juízes

A Tabela 18 apresenta os coeficientes Kappa (k) indicativos da precisão das avaliações dos aspectos gráficos dos TDCs, realizadas pelos pares de juízes.

Tabela 18 - Correlações entre as avaliações dos aspectos gráficos realizadas pelos pares de juízes.

Itens Gráficos	Pares de Juízes					
	1 - 6		2 - 4		3 - 5	
	<i>k</i>	<i>p</i>	<i>k</i>	<i>p</i>	<i>k</i>	<i>p</i>
Impacto do desenho	0,140	0,080*	0,156	0,012	0,265	0,000
1	0,931	0,000	1,000	0,000	1,000	0,000
2	0,742	0,000	0,737	0,000	0,830	0,000
3	0,812	0,000	0,859	0,000	0,874	0,000
4	0,755	0,000	0,714	0,000	0,924	0,000
5	0,701	0,000	0,813	0,000	0,762	0,000
6	0,645	0,000	0,586	0,000	0,374	0,000
7	0,789	0,000	0,572	0,000	0,640	0,000
8	1,000	0,000	1,000	0,000	0,920	0,000
9	0,709	0,000	0,585	0,000	0,853	0,000
10	0,932	0,000	0,828	0,000	0,821	0,000
11	0,676	0,000	0,714	0,000	0,812	0,000
12	0,298	0,002	0,687	0,000	0,394	0,000
13	0,468	0,000	0,746	0,000	0,469	0,000
14	0,784	0,000	0,670	0,000	0,900	0,000
15	0,814	0,000	0,615	0,000	0,880	0,000
16	0,870	0,000	0,806	0,000	0,785	0,000
17	0,857	0,000	0,947	0,000	0,947	0,000
18	0,856	0,000	0,947	0,000	0,902	0,000
19	0,845	0,000	0,513	0,000	0,715	0,000
20	0,830	0,000	0,673	0,000	0,891	0,000
21	0,893	0,000	0,692	0,000	0,926	0,000
22	0,929	0,000	0,631	0,000	0,713	0,000
23	0,877	0,000	0,525	0,000	0,820	0,000
24	0,575	0,000	0,352	0,000	0,455	0,000
25	0,527	0,000	0,439	0,000	0,535	0,000
26	1,000	0,000	1,000	0,000	1,000	0,000
27	0,869	0,000	1,000	0,000	0,795	0,000
28	1,000	0,000	1,000	0,000	1,000	0,000

* $p > 0,05$

Entre coeficientes k dos aspectos gráficos, apenas um não foi significativo ao nível de 0,05, o *impacto do desenho* no par de juízes 1-6. Contudo, neste trabalho, foram considerados somente os coeficientes de precisão $\geq 0,600$, pois este é o nível de significância adotado pela Resolução 002/2003 do Conselho Federal de Psicologia (2003) para a aprovação de testes. Os itens com coeficientes $< 0,600$ estão assinalados em negrito nas Tabela 18 e 19.

Mesmo assim, observa-se que a grande maioria dos itens relativos aos aspectos gráficos dos TDCs avaliados pelos juízes apresenta coeficientes de correlações significativos. Entretanto, alguns itens foram avaliados de maneira bastante distinta entre os juízes de um mesmo par e cabe aqui comentá-los.

Inicialmente, era esperado que o item *impacto do desenho* apresentasse baixos coeficientes entre as avaliações dos juízes, pois se trata de uma percepção totalmente subjetiva de uma condição nunca por eles avaliada pela produção gráfica: a satisfação conjugal. Ou seja, foi solicitado ao avaliador que respondesse às alternativas apenas pela primeira impressão que lhe causava o desenho, sem parâmetro algum do que indicaria a satisfação ou a insatisfação conjugal. Contudo, apenas o coeficiente de um dos pares (1-6; $p=0,080$) não foi significativo.

Na Tabela 19, são apresentados os dados da precisão das avaliações dos aspectos dinâmicos dos TDCs realizadas pelos pares de juízes, nos mesmos moldes da tabela anterior. Entre os coeficientes k dos aspectos dinâmicos, apenas dois deles não foram significativos ao nível de 0,05, o *impacto da estória* e o *impacto da avaliação global* no par de juízes 2-4. Esses itens, assim como ocorreu inicialmente com o *impacto do desenho*, apresentaram valores abaixo de 0,600 em todos os pares de juízes. Isso pode ter ocorrido, pois os avaliadores reafirmaram suas posições iniciais em relação a muitos dos desenhos analisados.

Tabela 19 - Correlações entre as avaliações dos aspectos dinâmicos realizadas pelos pares de juízes.

Itens Dinâmicos	Pares de Juízes					
	1 - 6		2 - 4		3 - 5	
	<i>k</i>	<i>p</i>	<i>k</i>	<i>p</i>	<i>k</i>	<i>p</i>
Impacto da estória	0,232	0,003	0,014	0,751*	0,373	0,000
30	1,000	0,000	1,000	0,000	0,949	0,000
31	0,912	0,000	0,976	0,000	0,900	0,000
32	0,844	0,000	0,952	0,000	0,953	0,000
33	0,920	0,000	0,867	0,000	0,929	0,000
34	0,910	0,000	0,919	0,000	0,919	0,000
35	0,224	0,036	0,380	0,000	0,416	0,000
36	0,538	0,000	0,322	0,000	0,536	0,000
Impacto da avaliação global	0,179	0,008	0,007	0,875*	0,448	0,000

* $p > 0,05$

Também foram obtidas as correlações entre a avaliação dos juízes nos itens *impacto do desenho*, *impacto da estória* e *impacto da avaliação global* com o *critério externo*, ou seja, com a real situação de satisfação/insatisfação dos sujeitos que desenharam, avaliados pelo MAT-MARI e ESC. Essa investigação buscou verificar se os referidos itens do TDC são válidos para avaliar a satisfação ou insatisfação conjugal. É importante lembrar que os juízes não possuíam a informação de quais desenhos foram realizados por pessoas satisfeitas ou insatisfeitas conjugalmente.

Foram agrupadas as 174 avaliações, reunidas em função dos sexos dos avaliadores. O tratamento estatístico utilizado foi o de correlação de Spearman (*rho*). Como esse tratamento estatístico considera apenas variáveis ordinais, foi necessário atribuir valores numéricos às

mesmas. Assim, as alternativas dos itens de impacto *a* (satisfeito conjugalmente), *b* (insatisfeito conjugalmente) e *c* (sem possibilidade de avaliar a satisfação conjugal) receberam respectivamente valores 2, 0, 1. Já a condição real de satisfação ou insatisfação conjugal dos sujeitos recebeu valores 1 e 0, respectivamente. A tabela 20 apresenta os coeficientes das correlações, por sexo dos juízes.

Tabela 20 - Correlações entre as avaliações dos *itens de impacto* por juízes de cada sexo e o *critério externo*.

Impacto	mulheres		homens	
	<i>rho</i>	<i>p</i>	<i>rho</i>	<i>p</i>
Desenho	0,131	0,085	0,079	0,301
Estória	0,297	0,000	0,215	0,004
Avaliação Global	0,260	0,001	0,232	0,002

Observa-se pelos resultados apresentados que as avaliações do *impacto do desenho* não tiveram correlações significantes em ambos os sexos de juízes, indicando que este critério não é adequado para avaliar a satisfação conjugal. Isso pode ter ocorrido, pois este era o primeiro contato dos juízes com os desenhos, sem parâmetro algum de que conteúdos poderiam indicar satisfação ou insatisfação conjugal. Entretanto, para os itens *impacto da estória* e *impacto da avaliação global*, as correlações foram significativas ao nível de *0,01*, em ambos os grupos de juízes. A partir desses dados pode-se dizer que esses itens são válidos para a avaliação da satisfação conjugal. Supõe-se que as informações contidas na estória/inquérito do TDC representam um recurso valioso para a avaliação da satisfação conjugal. Outro resultado importante foi que apesar das avaliações dos juízes do sexo feminino apresentarem correlações mais altas do que as dos juízes homens, foram semelhantes em ambos os sexos para a avaliação

dos três itens. Isso pode indicar que, para esses itens, o sexo do avaliador não interfere na validade da avaliação.

5.1.2 Indicadores de satisfação/insatisfação conjugal no TDC

Como comentado nos resultados da precisão de juízes, alguns itens de um mesmo desenho apresentavam avaliações divergentes. Todos os 174 desenhos continham pelo menos um item com alternativas diferentes, assinaladas pelos juízes de um mesmo par, fato esperado pela complexidade e diversidade da avaliação. Para a investigação de possíveis indicadores de satisfação/insatisfação conjugal no TDC, foi necessário realizar uma reavaliação, em todos os desenhos, apenas dos itens que apresentavam diferenças nas escolhas das alternativas. Esse procedimento teve o objetivo de desempatar as divergências nas avaliações para o tratamento estatístico dos indicadores de satisfação e insatisfação conjugal. Por isso julga-se importante explaná-lo.

Um sétimo juiz, do sexo feminino, foi convidado a participar do estudo. Os critérios de seleção e treinamento dele foram os mesmos dos seis primeiros juízes, bem como o 'kit' de avaliação, entretanto com algumas instruções diferentes: em cada desenho, avaliar somente os itens que apresentaram divergência na escolha das alternativas entre juízes e optar por apenas uma das alternativas escolhidas pelos juízes anteriores, isto é, julgar a avaliação dos outros juízes sem a possibilidade de qualquer outra escolha. Os itens de *impacto do desenho*, *impacto da estória* e *impacto da avaliação global* não foram avaliados por este juiz, pois não foram estudados como indicadores de satisfação/insatisfação conjugal no TDC. Tais procedimentos viabilizaram o tratamento estatístico dos dados e minimizaram ainda mais os riscos de viés dos resultados. A partir de então, os dados relativos à avaliação dos itens puderam ser analisados.

O primeiro estudo realizado com os desenhos foi a investigação dos itens e alternativas esperadas no TDC. De acordo com Koppitz (1973), um item esperado para desenhos de figuras

humanas é aquele que está presente em, pelo menos, 85% da amostra, neste caso sem distinção entre satisfeitos e insatisfeitos conjugalmente. Eles serão chamados, a partir deste ponto, de *indicadores esperados*. A Tabela 21 apresenta os dados relativos a esses indicadores, com suas frequências também por sexo.

Tabela 21 - Indicadores esperados no TDC entre sexos e na amostra total.

INDICADOR	Mulheres (N=87)	Homens (N=87)	Total (N=174)
1 - a	78 (89,7%)	74 (85,0%)	152 (87,3%)
6 - a	77 (88,5%)	72 (82,7%)	149 (85,6%)
14 - a	81 (93,1%)	73 (83,9%)	154 (88,5%)
15 - a	81 (93,1%)	76 (87,3%)	157 (90,2%)
24 - d	79 (90,8%)	77 (88,5%)	156 (89,6%)
26 - b	85 (97,7%)	81 (93,1%)	166 (95,4%)
28 - e	83 (95,4%)	76 (87,3%)	159 (91,4%)

Foram identificados sete indicadores esperados no TDC, todos eles gráficos, a saber:

- Indicador 1-a
- Indicador 6-a
- Indicador 14-a:
- Indicador 15-a
- Indicador 24-d
- Indicador 26-b
- Indicador 28-e

Após a identificação dos indicadores esperados para o TDC, procedeu-se ao teste de diferença das médias, pelo *cálculo* do qui-quadrado (χ^2), para se investigar quais indicadores do TDC diferenciavam os dois grupos de sujeitos. A relação de todos os dados, divididos por sexo e relativos à amostra geral, podem ser consultados na Tabela 22 (ANEXO C). Para melhor visualização, são apresentados neste capítulo somente os itens, com suas respectivas alternativas, que apresentaram diferenças estatisticamente significantes, ou seja, $p < 0,05$. Para fins de discussão dos resultados, eles serão chamados de *indicadores* de satisfação/insatisfação conjugal, como por exemplo, *o item 22, alternativa c*, é o indicador de satisfação 22-c.

Nas Tabelas 22 a 25, observa-se que foi usado o teste de Fisher, para o cálculo de alguns indicadores. De acordo com Siegel (1975), essa prova deve ser utilizada quando as categorias da variável estudada não atingem a frequência mínima esperada para cada célula. Em alguns casos específicos deste tratamento estatístico havia um número baixo de alternativas assinaladas em determinados itens para a utilização do teste de χ^2 , tendo sido calculado o Fisher e indicado nas tabelas como *F*.

Tabela 23 - Indicadores com $p \leq 0,05$ em desenhos realizados por mulheres.

INDICADOR	Satisfeitas (N=64)	Insatisfeitas (N=23)	χ^2	Nível Signif.
2 - d	15 (23,4%)	11 (47,8%)	4,803	0,028
4 - d	17 (26,5%)	12 (52,1%)	4,994	0,025
11 - a	32 (50,0%)	17 (73,9%)	3,933	0,047
16 - b	0 (0%)	3 (13,0%)	<i>F</i>	0,017
20 - b	20 (31,2%)	2 (8,7%)	4,556	0,033
21 - a	41 (64,0%)	22 (95,6%)	8,452	0,004
22 - a	40 (62,5%)	22 (95,6%)	9,081	0,003
22 - c	17 (26,5%)	0 (0%)	<i>F</i>	0,004
36 - b	6 (9,3%)	7 (30,4%)	<i>F</i>	0,035

Na Tabela 23 são mostrados os dados relativos à frequência dos indicadores com diferenças significantes, e os χ^2 correspondentes, entre satisfeitos e insatisfeitos para o sexo feminino.

Foram obtidos nove indicadores, sendo oito deles correspondentes a aspectos gráficos. Pelas frequências percentuais foi possível identificar se o indicador determina satisfação ou insatisfação conjugal. Para a satisfação conjugal, os indicadores nos desenhos das mulheres foram:

- Indicador 20-b
- Indicador 22-c

Para a insatisfação conjugal, os indicadores nos desenhos das mulheres foram:

- Indicador 2-d
- Indicador 4-d
- Indicador 11-a
- Indicador 16-b
- Indicador 21-a
- Indicador 22-a
- Indicador 36-b

Os dados da Tabela 24 mostram um número significativamente menor de indicadores nos desenhos dos homens, quando comparados com os encontrados nos das mulheres.

Tabela 24 - Indicadores com $p \leq 0,05$ em desenhos realizados por homens.

INDICADOR	Satisfeitos (N=66)	Insatisfeitos (N=21)	χ^2	Nível Signif.
30 - a	17 (25,7%)	11 (52,4%)	5,174	0,023
30 - b	49 (74,2%)	10 (47,6%)	5,174	0,023
32 - e	9 (13,6%)	8 (38,1%)	F	0,024

Um fato curioso é que todos eles referem-se a aspectos dinâmicos, contrariando a tendência apresentada pelas mulheres. Ainda na comparação entre os sexos, a proporção de indicadores para satisfação e insatisfação conjugal mostra-se semelhante, sendo que para a satisfação conjugal, o indicador nos desenhos dos homens foi:

- Indicador 30-b

Para a insatisfação conjugal, os indicadores nos desenhos dos homens foram:

- Indicador 30-a
- Indicador 32-e

Como o item 30 possui apenas duas alternativas, ou seja, tanto a *ausência* como a *presença* do item diferenciaram os grupos de satisfeitos e insatisfeitos, foi necessário excluir um dos indicadores. Optou-se por manter o indicador 30-b, pois ele se refere à *presença* do item, além de se apresentar mais freqüente entre os desenhos de satisfeitos e insatisfeitos.

Uma relação importante dos dados apresentados nas tabelas 18, 19, 23 e 24 é que nenhum dos indicadores dos TDCs que discriminam satisfação/insatisfação conjugal obteve baixa correlação entre as avaliações dos pares de juízes. Isso diminui a possibilidade de viés dos resultados até então apresentados.

A Tabela 25 apresenta os indicadores com $p \leq 0,05$ da amostra total. Foram obtidos 10 indicadores com diferenças significativas nos desenhos da amostra total. Neste caso já foi excluído o indicador 30-a.

Tabela 25 - Indicadores com $p \leq 0,05$ da amostra total.

INDICADOR	Satisfeitos (N=130)	Insatisfeitos (N=44)	χ^2	Nível Signif.
2 - g	19 (14,6%)	1 (2,3%)	4,923	0,027
4 - d	47 (36,1%)	25 (56,8%)	5,787	0,016
16 - b	4 (3,1%)	5 (11,4%)	<i>F</i>	0,047
21 - a	87 (66,9%)	41 (93,2%)	11,655	0,001
21 - c	28 (21,5%)	2 (4,5%)	6,653	0,010
22 - a	86 (66,1%)	39 (88,6%)	8,214	0,004
22 - c	32 (24,6%)	3 (6,8%)	6,480	0,011
30 - b	103 (79,2%)	28 (63,6%)	4,297	0,038
32 - e	16 (12,3%)	11 (25,0%)	4,040	0,044
36 - b	15 (11,5%)	13 (29,5%)	7,894	0,005

A distribuição de indicadores gráficos e dinâmicos mostrou-se, nesta análise, mais equilibrada quando comparada com as análises por sexo. Mesmo assim, os indicadores gráficos ainda predominam. Seis indicadores dos TDCs da amostra total relacionam-se à insatisfação conjugal e quatro à satisfação. Para essa última, os indicadores nos desenhos foram:

- Indicador 2-g
- Indicador 21-c
- Indicador 22-c
- Indicador 30-b

Para a insatisfação conjugal, os indicadores nos desenhos da amostra total foram:

- Indicador 4-d
- Indicador 16-b
- Indicador 21-a
- Indicador 22-a
- Indicador 32-e
- Indicador 36-b

Todos os indicadores de satisfação e insatisfação conjugal dos desenhos feitos pelos homens aparecem nos dados da amostra total, porém nem todos os indicadores de insatisfação conjugal nos desenhos das mulheres aparecem nos dados da amostra total. Isso ocorre porque esses indicadores se apresentaram com $p < 0,05$, ou mesmo com alta frequência nos desenhos das mulheres, mas quando foram analisados e comparados com o universo total da amostra deixaram de apresentar diferenças significantes. Esse fato já era esperado, pois os desenhos dos homens e das mulheres contribuíram, com suas particularidades, para a amostra total.

O inverso também aconteceu, isto é, indicadores apareceram entre os dados da amostra total e não foram verificados em nenhum dos sexos, como nos casos de *satisfação 2-g* e *insatisfação 36-b*. Dentro de cada grupo esses indicadores não revelaram índices com significância estatística, mas quando os seus dados foram reunidos, apresentaram-se com diferenças significantes. Inclusive, o indicador de *insatisfação 36-g* foi o único que aparece na tabela da amostra total, que se refere a um item de avaliação com baixos coeficientes de precisão, porém com $p=0,000$ em todos os pares de juízes. Como comentado anteriormente, apesar de ser um indicador de avaliação subjetiva, a decisão tomada pelo sétimo juiz na aferição

dos desenhos em que esse item apresentava escolha divergente de alternativas, foi fundamental para o tratamento estatístico em questão. Outro dado importante é que nenhum dos *indicadores esperados* apareceu entre os indicadores de satisfação/insatisfação conjugal, tanto na análise por sexo, quanto na amostra geral.

Para investigar se havia a possibilidade de encontrar um total de indicadores que pudesse ser indicativo de satisfação/insatisfação conjugal pelo TDC, realizou-se o estudo da distribuição das freqüências dos mesmos nos desenhos de pessoas satisfeitas e insatisfeitas conjugalmente. Como alguns indicadores referem-se à satisfação e outros à insatisfação, para o cálculo do total de pontos foi atribuído um ponto para a presença de cada indicador de insatisfação e um ponto para a *ausência* de cada um dos indicadores de satisfação. Como resultado desse procedimento, foram analisados dez indicadores de insatisfação conjugal, sendo seis deles originalmente de insatisfação e quatro de satisfação com suas ocorrências invertidas, ou seja, sua *ausência*).

Curiosamente, o indicador *30-a*, excluído anteriormente, retornou à análise devido ao fato do indicador de satisfação conjugal *30-b* ter sido invertido em sua ocorrência. Determinados os dez indicadores de insatisfação conjugal, cada um deles recebe um ponto na avaliação e para determinar quantos pontos são capazes de diferenciar os satisfeitos dos insatisfeitos foi realizado o *Teste t* para a diferença das médias entre os dois grupos.

Tendo em vista que a média de pontos das pessoas satisfeitas é $4,56$ com $DP=2,04$, e das insatisfeitas é $6,27$ com $DP=1,37$ (*ambos* $p<0,01$), foi possível observar que o “ponto de corte” mais adequado para a determinação da insatisfação conjugal seria seis ou mais indicadores, já que até com cinco pontos o sujeito estaria numa zona intermediária de avaliação e sem possibilidade de conclusões fidedignas. A Tabela 26 apresenta a distribuição do total de indicadores encontrados nos desenhos.

Tabela 26 - Distribuição de frequências do total de indicadores nos desenhos.

Quantidade de indicadores	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Total
Desenhos de satisfeitos	3	15	9	10	11	24	42	14	2	0	130
Desenhos de insatisfeitos	0	0	1	0	3	7	12	15	4	2	44
Total	3	15	10	10	14	31	54	29	6	2	174

Assim, estabeleceu-se como critério uma “nota de corte” no valor de 6 indicadores. A Tabela 27 mostra a porcentagem de desenhos feitos por pessoas satisfeitas e insatisfeitas conjugalmente, abaixo e acima da nota de corte.

Tabela 27: Porcentagem dos desenhos de acordo com a quantidade de indicadores.

Número de indicadores	Desenhos de pessoas satisfeitas	Desenhos de pessoas insatisfeitas
de 0 a 4	36,9%	9,1%
5	18,5%	16,0%
6 ou mais	44,6%	74,9%

Verifica-se que porcentagem acumulada de desenhos realizados por pessoas satisfeitas com até cinco indicadores (55,4%) é bem maior do que a das pessoas insatisfeitas (25,1%), enquanto o percentual de desenhos realizados por pessoas insatisfeitas conjugalmente com seis ou mais pontos é muito maior do que no outro grupo. Assim, pode-se afirmar que, para essa amostra, os TDCs que somaram seis ou mais pontos discriminaram a insatisfação conjugal de seus autores.

5.2 As particularidades da satisfação conjugal

Desde a elaboração do projeto para este estudo, já era esperado que o número de variáveis apresentadas pelos seus resultados seria muito grande. A expectativa se confirmou nos dados dos indicadores de insatisfação conjugal no TDC e com relação a esse segundo objetivo de investigação não foi diferente. Desta forma, serão apresentados e discutidos apenas os resultados que se mostraram estatisticamente relevantes para a discussão e pertinentes às idéias apresentadas pela revisão teórica da satisfação conjugal, no capítulo 2.

5.2.1 O conceito de satisfação conjugal na amostra total

São muitos os elementos que constituem o conceito satisfação conjugal. Para essa análise, foram tratados os dados referentes às respostas dos sujeitos de pesquisa ao Formulário Complementar de Satisfação Conjugal (FCSC) à seguinte solicitação: *Por favor, defina o que você entende por satisfação conjugal.* De forma aberta e livre, os sujeitos discorreram sobre o que, para eles, significava satisfação conjugal. A partir do conteúdo das respostas abertas, foram criadas 17 categorias de análise, a saber:

- Admiração
- Amizade/Companheirismo
- Amor
- Confiança/Cumplicidade
- Cooperação/Apoio
- Diálogo
- Expectativas no casamento
- Felicidade
- Filhos
- Mesmas idéias/Valores

- Paciência/Compreensão
- Paixão/Romantismo
- Questões financeiras
- Respeitar as individualidades
- Respeito mútuo
- Sentir-se bem/Seguro
- Vida Sexual

As respostas se relacionavam pelo menos a uma das categorias citadas. A partir de então, foram realizados testes das diferenças das médias, pelo cálculo do χ^2 , para se identificar possíveis diferenças entre os grupos por sexo, satisfação conjugal e condição de ter ou não filhos.

Aspectos ligados ao conceito da satisfação conjugal ressaltados por Karpel (1994) referem-se aos sentimentos de amor, paixão, alegria e compreensão, que neste estudo foram analisados nas categorias de respostas *amor*, *felicidade*, *paixão/romantismo*, e *paciência/compreensão*. O *amor* foi o mais freqüente na caracterização dos sujeitos a respeito da satisfação conjugal entre todas as categorias de resposta. Foi estatisticamente capaz de diferenciar os grupos de satisfeitos (36,2%) e insatisfeitos (13,6%) conjugalmente ($\chi^2=7,869$; $p=0,005$), e o grupo de pessoas com (38,3%) e sem (23,6%) filhos ($\chi^2=4,366$; $p=0,037$). Em ambas as análises, o *amor* teve freqüências mais altas nas respostas dos sujeitos satisfeitos e com filhos, quando comparadas com os outros grupos.

O elemento *felicidade*, no conceito da satisfação conjugal, apresentou diferença significativa entre os sexos (*mulheres* 20,7%; *homens* 0%; ($\chi^2=20,077$; $p<0,001$) e entre os grupos de pessoas com (4,9%) e sem (15,1%) filhos ($\chi^2=4,776$; $p=0,029$). Um fato relevante encontrado nessa análise é que nenhum dos homens fez menção à *felicidade* em seus conceitos de satisfação conjugal.

A variável *paixão* foi analisada na categoria *paixão/romantismo*. Apesar da sua baixa frequência nas respostas da amostra total e mesma incidência entre os grupos de pessoas com e sem filhos, um fato chamou atenção: nenhum homem relacionou a *paixão* ao conceito de satisfação conjugal. A discussão sobre os resultados dessas e outras diferenças entre as respostas de homens e mulheres será aprofundada na próxima seção.

Ainda a respeito dos elementos importantes para o conceito de satisfação conjugal na visão de Karpel (1994), a categoria *paciência/compreensão* apresentou diferença significativa entre as pessoas satisfeitas (12,3%) e insatisfeitas (27,3%) conjugalmente ($\chi^2=5,452$; $p=0,020$) e foi mais frequente nas respostas dos insatisfeitos.

O *respeito às individualidades* também foi uma das categorias estudadas em 23,6% da amostra geral. Foi um dos elementos mais frequentes na caracterização da satisfação conjugal pela amostra total, juntamente com a *confiança/cumplicidade* (24,7%) e *amor* (30,5%). Essa frequência acentuada está de acordo com as idéias de Bucher (1996) sobre a importância da percepção e respeito às características individuais de cada cônjuge, para a determinação da satisfação conjugal. Um dado que complementa essa idéia é que o *respeito às individualidades* foi mais frequente nas respostas de pessoas satisfeitas conjugalmente (25,4%), quando comparadas com os insatisfeitos (18,2%).

Outro fator importante, relativo ao conceito de satisfação conjugal, é a comunicação, que também foi estudada como uma categoria de respostas, identificada pelo termo *diálogo*. Apesar de apresentar-se de forma tímida na amostra geral (7,5%), teve o dobro da frequência nos protocolos dos satisfeitos, o triplo da incidência entre as pessoas sem filhos e diferenciou significativamente as respostas entre sexos ($\chi^2=14,050$; $p=0,000$), sendo observado somente nos conceitos de satisfação conjugal dados pelas mulheres (15%).

Esses resultados podem confirmar as observações cotidianas na clínica de casais, onde a falta de diálogo e problemas na comunicação entre os cônjuges representam uma das grandes

causas da insatisfação conjugal. Eles também confirmam as idéias tanto de Johnson e Booth (1998) como as de Costa e Katz (1992), sobre a importância da comunicação para a resolução de conflitos e, conseqüentemente, prevenção da insatisfação conjugal. A falta de comunicação, inclusive, pode encobrir ou sub-valorizar estados de insatisfação crônicos, principalmente nos ambientes familiares em que há dificuldade de verbalizar problemas e sentimentos ruins. Além disso:

O que comunicar e o como comunicar é um desafio dentro de um cotidiano marcado, às vezes, por desencontros e divergências. Nesse cenário, a evitação da comunicação constitui-se em estratégia de minimização das insatisfações. (GARCIA; TASSARA, 2003, p.130)

As *expectativas no casamento*, depositadas tanto no parceiro como na relação conjugal em si, são apontadas por Norgren (2003), Sternberg (1989) e Féres-Carneiro (2003) como um fator primordial na determinação do que é ou não satisfatório para os cônjuges. Entretanto, verificou-se que apenas uma mulher, insatisfeita conjugalmente e sem filhos, inseriu esse elemento em sua resposta. Esse fato não ratificou a hipótese levantada no início deste estudo, pois se esperava uma incidência maior dessa categoria no conceito de satisfação conjugal apontado pela amostra. Isso pode ter ocorrido, pois, apesar das expectativas depositadas na relação conjugal atuarem de forma significativa sobre o conceito de satisfação ou insatisfação, elas são pouco conscientes para muitas pessoas.

As categorias de resposta que não foram comentadas nesta seção não apresentaram dados significativamente relevantes para essa discussão. A seguir serão comentados os resultados voltados à satisfação conjugal para homens e mulheres.

5.2.2 A satisfação conjugal para homens e mulheres

Uma questão levantada pela literatura refere-se a quem é mais satisfeito no casamento, homens ou mulheres? Numa análise quantitativa, verificou-se na amostra estudada uma proporção de três pessoas satisfeitas para cada insatisfeita. Esse dado já era esperado, mas o resultado entre os sexos não.

A hipótese levantada ainda no projeto de pesquisa, pelo levantamento bibliográfico, era de que o número de mulheres insatisfeitas seria significativamente maior do que dos homens. A Tabela 28 apresenta a distribuição de pessoas satisfeitas e insatisfeitas, por sexo.

Tabela 28 - Frequências absolutas de sujeitos satisfeitos e insatisfeitos, por sexo.

Satisfação Conjugal	Mulheres	Homens	Amostra Total
Satisfeitos	64	66	130
Insatisfeitos	23	21	44
Total	87	87	174

A similaridade nas frequências de satisfeitos e insatisfeitos, por sexo, diverge dos resultados dos estudos de Miranda (1987) e Féres-Carneiro (2003), que apontam as mulheres como mais insatisfeitas conjugalmente e de Spanhol (1993), referentes aos homens se manifestarem mais satisfeitos com a relação conjugal. Talvez a época em que foram coletados os dados pelas autoras, mesmo que a pesquisa mais recente tenha ocorrido na mesma década do presente estudo, tenha relação com essas diferenças. Além disso, a pesquisa de Miranda (1987) não foi realizada individualmente e contou com um número menor de pessoas (48 casais), sem restrições quanto à idade, tempo de casamento e escolaridade, e utilizou cinco instrumentos de coleta de dados diferentes dos aplicados neste trabalho. Féres-Carneiro (2003) realizou um estudo de casos clínicos, durante cinco anos, via análise do discurso e com um número ainda menor de pessoas (18 casais), com tempo de casamento entre dois e 30 anos. A amostra da

pesquisa de Spanhol (1998) foi bem maior, 157 homens e 159 mulheres, com tempos de casamento que variavam entre seis e 25 anos. As diferenças tanto das caracterizações das amostras quanto das metodologias empregadas podem justificar o as diferenças desses resultados.

Na busca de se identificar outras possíveis diferenças quantitativas entre sexos, realizou-se estudos comparativos com os escores totais da MAT-MARI, da ESC, bem como de suas sub-escalas e auto-avaliação do FCSC. A Tabela 29 mostra os dados comparativos da satisfação conjugal, medida pelo MAT-MARI. Verifica-se também que os resultados não apresentaram diferenças significativas entre os escores de homens e de mulheres. Inclusive as médias de escores se encontram exatamente na zona neutra para avaliação de satisfação conjugal. Os valores para satisfação e insatisfação conjugal do MAT-MARI podem ser revistos na Tabela 7, página 66.

Tabela 29 - Dados relativos aos escores do MAT-MARI, por sexo.

Escores MAT-MARI				
	por sexo	Mulheres	Homens	Total
Mínimo		37	43,5	37
Máximo		80	79	80
Média		66,7	67,4	67,1
D. P.		8,7	8,2	8,4

Na Tabela 30, são apresentados os dados referentes ao escore total da ESC e de suas sub-escalas, lembrando que: 1- *satisfação com os aspectos emocionais do cônjuge*; 2- *satisfação com a interação conjugal* e 3- *Satisfação com a organização/ estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge*.

Mais uma vez os resultados apontam para uma similaridade na satisfação conjugal entre homens e mulheres. Pelos escores totais da ESC, percebe-se que as médias em ambos os sexos estão na faixa dos satisfeitos conjugalmente, fato esperado pelo maior número de pessoas satisfeitas que participaram do estudo.

Tabela 30 - Dados relativos aos escores da ESC e suas sub-escalas, por sexo.

Escores ESC e sub-escalas por Sexo	Mulheres	Homens	Total
Mínimo ESC total	24	24	24
Máximo ESC total	67	66	67
Média ESC total	39	37,9	38,4
D. P. ESC total	9,5	9,0	9,2
Mínimo ESC 1	5	5	5
Máximo ESC 1	15	15	15
Média ESC 1	8,8	9,4	9,1
D. P. ESC 1	2,5	2,7	2,6
Mínimo ESC 2	10	10	10
Máximo ESC 2	29	26	29
Média ESC 2	14,8	14,2	14,5
D. P. ESC 2	4,7	4,1	4,4
Mínimo ESC 3	9	9	9
Máximo ESC 3	27	26	27
Média ESC 3	15,3	14,2	14,7
D. P. ESC 3	4	3,5	3,8

Nas sub-escalas esses resultados também são muito semelhantes, sem condições para constatar diferenças significativas entre a satisfação conjugal de homens e mulheres. Os escores de satisfação e insatisfação conjugal da ESC, bem como das suas sub-escalas, podem ser consultados nas Tabelas 8 e 9 nas páginas 66 e 67, respectivamente.

Numa última tentativa de encontrar alguma diferença nesse sentido, uma análise complementar foi realizada, quanto ao auto-conceito dado pelos sujeitos de pesquisa à satisfação conjugal no FCSC. Cabe lembrar que foi solicitado a cada um dos sujeitos que *atribuísse uma nota de zero a dez para a sua satisfação conjugal*. A tabela 31 apresenta esses resultados.

Tabela 31 - Dados relativos às notas de auto-avaliação da satisfação conjugal, por sexo.

Auto-avaliação	Mulheres	Homens	Amostra Total
Mínimo	1	3	1
Máximo	10	10	10
Média	8,0	8,4	8,2
D. P.	1,8	1,4	1,6

Mais uma vez, as médias entre homens e mulheres foram bastante similares. As mesmas hipóteses levantadas a respeito das diferenças desses e dos resultados das pesquisas de Miranda (1987), Féres-Carneiro (2003) e Spanhol (1993), são reafirmadas. A partir de então foram realizadas outras análises, agora com vistas a encontrar nuances qualitativas entre a satisfação conjugal de homens e mulheres.

Como apontado na seção anterior, a *paixão* foi um dos elementos que diferenciou significativamente os conceitos de satisfação conjugal entre homens e mulheres. O fato de nenhum homem participante da pesquisa citá-lo em suas respostas pode ter relação com uma queixa freqüente, trazida pelas mulheres na clínica de casais, com relação aos seus casamentos. Muitas delas reclamam da “frieza” com que seus maridos lidam com a relação conjugal, faltando ritos românticos, gentilezas e até contato físico, exceto quando se trata do ato sexual em si. Para verificar a variável *demonstração de afeto no relacionamento conjugal*, foi realizada uma análise qualitativa dos dados do MAT-MARI. Os referentes à *extensão da concordância/discordância entre marido e esposa na demonstração de afeto* apontam para uma

altíssima frequência de respostas *sempre concordam* e *quase sempre concordam* (97%) entre os participantes satisfeitos quando comparados com os insatisfeitos (45,4%).

Ainda nesse sentido, uma variável importante nas diferenças da satisfação conjugal entre homens e mulheres apontada pela literatura é a questão sexual. Cinco análises foram efetuadas para se investigar possíveis nuances entre esses dois grupos de sujeitos, quanto às questões sexuais. A primeira foi relativa à categoria *vida sexual* do FCSC, na construção do conceito de satisfação conjugal. Observou-se que o número de mulheres que relacionaram essa variável ao conceito de satisfação conjugal foi o dobro do apresentado pelos homens. Outra análise do MAT-MARI foi quanto à associação de *relações sexuais insatisfatórias a fatores que já teriam causado dificuldades sérias no casamento*. Mais uma vez as mulheres se apresentaram valorizando as questões sexuais de forma mais freqüente quando comparadas com os homens. Ainda no MAT-MARI, as respostas relativas à *extensão da concordância/discordância entre marido e esposa nas relações íntimas/sexuais* também foram avaliadas. Não houve diferenças significativas entre grupos na avaliação desse item.

Analisando, agora pela ESC, *a forma que o meu cônjuge me pede para termos relações sexuais* e *a reação do meu cônjuge quando eu não quero ter relações sexuais*, tanto homens quanto mulheres, em sua maioria, responderam que *gostam como têm acontecido* esses eventos, na sua relação conjugal. Infelizmente não houve como avaliar a frequência das relações sexuais na vida conjugal dos sujeitos. Dessa forma, não foi possível relacionar os dados deste estudo com os dados apresentados por Rabelo (2009), quanto à importância que os homens dão ao ato sexual em sua qualidade de vida. Apesar de estatisticamente não haver diferença significativa entre os sexos, percebe-se que as mulheres atribuem à *vida sexual* um lugar de destaque no conceito de satisfação conjugal, principalmente pela sua qualidade. Tal importância é reafirmada quando elas também manifestam mais freqüentemente que *relações sexuais insatisfatórias já causaram dificuldades sérias no casamento*.

Aliás, quanto à manifestação do que se sente e pensa, cabe lembrar que o *diálogo* ($\chi^2=14,050$; $p<0,001$) foi outro elemento com diferença estatisticamente significativa no conceito de satisfação conjugal e que distinguiu as respostas entre os sexos, presente exclusivamente nas respostas das mulheres. No levantamento feito pela ESC, outro dado relativo à essa questão é a satisfação quanto à *comunicação com o meu marido/esposa*. As respostas apresentaram diferenças estatísticas significantes entre os grupos de satisfeitos e insatisfeitos conjugalmente ($\chi^2=75,511$; $p<0,001$), em que 72,3% dos satisfeitos *gostam como tem acontecido a comunicação com o parceiro(a)* e 88,6% dos insatisfeitos *gostariam que essa comunicação fosse um pouco ou muito diferente*. Esses dados confirmaram as discussões anteriores a respeito da importância do diálogo e da comunicação para a satisfação conjugal.

Outros elementos do conceito de satisfação conjugal que diferenciaram significativamente os sexos foram a *confiança/cumplicidade* (mulheres 12,6%; homens 0%; $\chi^2=11,742$; $p=0,001$), a *cooperação/apoio* (mulheres 6,9%; homens 0%; F ; $p=0,029$), o *sentir-se bem/seguro* (mulheres 19,5%; homens 4,6%; $\chi^2=9,152$; $p=0,002$) e a *felicidade* (mulheres 20,7%; homens 0%; $\chi^2=20,077$; $p=0,000$). A frequência de respostas das mulheres para esses quatro aspectos foi consideravelmente mais alta do que a dos homens, sendo que não apareceram as categorias de *confiança/cumplicidade*, *cooperação/apoio* e *felicidade* nos conceitos de satisfação conjugal dos homens. Um fato curioso é que nenhuma das categorias de conceito de satisfação conjugal diferenciadas estatisticamente entre os sexos foi mais frequente nas respostas dos homens.

5.2.3 A satisfação conjugal para pessoas com e sem filhos

Serão apresentados aqui somente os dados mais relevantes encontrados nas análises comparativas dos grupos de pessoas sem e com filhos. Inicialmente cabe informar como a satisfação conjugal se distribuiu entre esses grupos. Um fato esperado e confirmado pelos dados

da Tabela 32 é que a satisfação conjugal mostrou-se mais freqüente nas pessoas sem filhos e a insatisfação conjugal, nas com filhos.

Tabela 32 - Freqüências de sujeitos satisfeitos e insatisfeitos sem e com filhos.

Filhos	Satisfeitos	Insatisfeitos	Total
Sem filho(s)	77 (59,2%)	16 (36,4%)	93 (53,5%)
Com filho(s)	53 (40,8%)	28 (63,6%)	81 (46,5%)
Total	130 (100%)	44 (100%)	174 (100%)

Entretanto, outras análises foram realizadas para melhor compreender as nuances entre os grupos. Uma delas referiu-se aos resultados das escalas de satisfação conjugal. As Tabelas 33 e 34, respectivamente, apresentam os dados comparativos entre grupos dos escores do MAT-MARI e ESC, e suas sub-escalas: 1- *satisfação com os aspectos emocionais do cônjuge*; 2- *satisfação com a interação conjugal* e 3- *Satisfação com a organização/estabelecimento e cumprimento de regras pelo cônjuge*.

Tabela 33 - Dados relativos aos escores do MAT-MARI, por grupo de pessoas sem e com filhos.

Escore MAT-MARI	Sem Filhos	Com filhos	Total
Mínimo	47	37	37
Máximo	80	78	80
Média	69	64,9	67,1
D. P.	6,8	8,6	8,4

Pelos dados apresentados na Tabela 33 observa-se que a média dos escores do MAT-MARI das pessoas sem filhos está na zona de avaliação *satisfeito conjugalmente*. Isso identifica nas pessoas sem filhos da amostra uma maior satisfação conjugal do que nas pessoas com filhos. Os maiores escores mínimos e máximos deste grupo, quando comparados aos das pessoas com

filhos, ratificam essa interpretação. Os dados da Tabela 34 revelam que pessoas sem filhos, na média da avaliação pela ESC, são mais satisfeitas do que as que já são pais.

Tabela 34 - Dados relativos aos escores da ESC e suas sub-escalas, por grupo de pessoas sem e com filhos.

Escores ESC e sub-escalas	Sem Filhos	Com Filhos	Total
Mínimo ESC total	24	24	24
Máximo ESC total	66	67	67
Média ESC total	36,8	40,3	38,4
D. P. ESC total	8,2	10	9,2
Mínimo ESC 1	5	5	5
Máximo ESC 1	15	15	15
Média ESC 1	8,9	9,3	9,1
D. P. ESC 1	2,8	2,4	2,6
Mínimo ESC 2	10	10	10
Máximo ESC 2	28	29	29
Média ESC 2	13,6	15,9	14,5
D. P. ESC 2	5,1	3,5	4,4
Mínimo ESC 3	9	9	9
Máximo ESC 3	26	27	27
Média ESC 3	14,2	15,4	14,7
D. P. ESC 3	3,7	3,8	3,8

Essa tendência repetiu-se nas três sub-escalas. Como complemento dessas análises, realizou-se a investigação das notas atribuídas no FCSC, isto é, à auto-avaliação da satisfação conjugal. A Tabela 35 apresenta os dados referentes a essa análise. As médias apontam para uma tendência de auto-avaliação da satisfação conjugal melhor no grupo dos sujeitos sem filhos do que no outro grupo.

Tabela 35 - Dados relativos às notas de auto-avaliação da satisfação conjugal, por grupo de pessoas sem e com filhos.

Auto-avaliação	Sem filhos	Com filhos	Total
Mínimo	3	1	1
Máximo	10	10	10
Média	8,6	7,7	8,2
D. P.	1,3	1,8	1,6

Todos os dados das Tabelas 33, 34 e 35 vão ao encontro das hipóteses iniciais que apontavam para uma maior frequência de sujeitos satisfeitos conjugalmente entre as pessoas sem filhos. Apesar deste não se tratar de um estudo longitudinal, seus resultados podem confirmar as concepções de diversos autores de que a chegada dos filhos interfere na satisfação conjugal.

Quanto ao conceito de satisfação conjugal, realizou-se uma análise para verificar possíveis diferenças entre grupos. Das 17 categorias de respostas criadas para a interpretação dos dados do FCSC, o *amor* (com filhos 38,3%; sem filhos 23,6%; $\chi^2=4,366$; $p=0,037$), o *respeito* (com filhos 33,3%; sem filhos 11,8%; $\chi^2=11,730$; $p=0,001$) e a *felicidade* (com filhos 4,9%; sem filhos 15,0%; $\chi^2=7,776$; $p=0,029$) foram elementos que diferenciaram significativamente os conceitos nos dois grupos. O *amor* e o *respeito* se mostraram fatores bem mais frequentes entre os sujeitos com filhos e a *felicidade*, no outro grupo. Cabe lembrar que a *felicidade* também foi um item que diferenciou significativamente os sexos, nas respostas exclusivamente femininas.

Um aspecto que recebeu atenção especial no tratamento dos dados dos grupos foi o exercício da sexualidade, incluindo não somente o ato sexual em si, mas todos os elementos que o envolvem. Buscando identificar possíveis divergências entre os resultados foram realizadas

seis análises distintas, em três itens do MAT-MARI e mais três da ESC, que se relacionavam direta ou indiretamente ao tema.

Como dados mais relevantes, verificou-se que 91,4% dos sujeitos sem filhos beijam o cônjuge todos os dias, enquanto no grupo dos que já são pais essa frequência cai para 72,8%. Além disso, 80,6% das pessoas sem filhos *gostam como tem sido a frequência com que o cônjuge o abraça*, para apenas 48,1% dos sujeitos com filhos. Dois aspectos que chamaram a atenção se referiam aos sujeitos com filhos: 27,2% deles revelam que *apenas de vez em quando ou quase nunca beijam seus cônjuges* e 51,9% *gostariam que fosse um pouco ou bem diferente a frequência com que o cônjuge o abraça*, demonstrando descontentamento quanto a esse aspecto. Inclusive, quando solicitados a responder sobre *quais aspectos já causaram dificuldades sérias no casamento*, a *falta de afeição mútua* ($\chi^2=4,192$; $p=0,041$) foi estatisticamente mais significativa nos protocolos das pessoas com filhos (11,1%), quando comparadas com o outro grupo (3,2%).

Esses dados confirmam um fenômeno muito observado na clínica de casais com filhos. A falta de proximidade física e/ou demonstração de afeto entre os cônjuges, seja pelo beijo ou mesmo pelo contato das mãos/abraços. Muitos dos casais justificam isso pelo “ciúme dos filhos” ou mesmo “falta de tempo para estarem juntos devido à criação dos filhos”.

Tais resultados corroboram o pensamento de Gomes (2007) ao afirmar que, em alguns casais com filhos, destacam-se os papéis de pais em detrimento dos papéis homem/mulher, ou seja, do casal conjugal. Complementando essa discussão, tais fenômenos ilustram os achados de Kurdeck (1993) e Silva e Relvas (2007), que identificaram relações entre o cansaço proveniente da educação/criação dos filhos e a falta de tempo para a intimidade do casal, o que leva à diminuição da satisfação conjugal. Como resultado desse cenário, apesar da insatisfação ocasionada pelo afastamento físico no cotidiano, parece que, com relação à qualidade do ato sexual, isso não se confirma. Isso porque não foram observadas diferenças significativas nas

respostas ligadas a esse tema específico, isto é, quando há a relação sexual, esta pode ou não ser satisfatória em proporções iguais entre os grupos.

A partir dessas reflexões, outra hipótese foi testada em seis análises distintas, cinco pela ESC e uma pelo MAT-MARI e se refere a possíveis diferenças no tempo dedicado ao casamento e ao cônjuge, entre pessoas com e sem filhos. Observou-se, com frequências similares entre grupos, que a maioria dos sujeitos *gosta como têm sido* os seguintes aspectos da relação conjugal: *o tempo que o meu cônjuge dedica ao nosso casamento, o quanto o meu cônjuge me atende, o tempo que o meu cônjuge dedica a mim e o interesse que o meu cônjuge tem pelo o que eu faço*. Entretanto, enquanto 53,8 % dos sujeitos sem filhos *gostam como tem sido o tempo que passam juntos*, 63% das pessoas que já são pais *gostariam que esse tempo fosse um pouco ou muito diferente*, revelando insatisfação quanto a esse quesito. Esse resultado se confirmou pela investigação do MAT-MARI, onde a frequência de respostas das pessoas sem filhos é relativamente maior (84,9%) nas categorias *sempre concordam e quase sempre concordam com o tempo que poderia ser gasto juntos*, quando comparados com o outro grupo (71,6%). Em ambos os casos, nos quais foram identificadas diferenças, o tempo que o casal passa junto parece escasso em detrimento do tempo esperado pelos cônjuges. Esses dados ratificam tanto as idéias de Gomes (2007), Kurdeck (1993) e Silva e Relvas (2007) apresentadas anteriormente, como as queixas apresentadas por pais, na experiência clínica do autor deste estudo.

Um aspecto apontado por Wagner e Mosmann (2009), como importante para a satisfação conjugal das pessoas com filhos, é a cooperação e o apoio dos cônjuges na tarefa da criação dos filhos. Na investigação de possíveis diferenças entre os grupos, foram realizadas quatro análises distintas, uma pelo FCSC, uma pela ESC e duas pelo MAT-MARI. Dos dados mais representativos tem-se que o *egoísmo/falta de cooperação* (com filhos 22,2%; sem filhos 8,6%; $\chi^2=6,319$; $p=0,012$) e a *falta de apoio* (com filhos 19,8%; sem filhos 4,3%; $\chi^2=10,161$; $p=0,001$) são aspectos que *já causaram dificuldades sérias no casamento* de pessoas com filhos,

numa frequência significativamente maior do que no caso dos sujeitos ainda sem filhos. É importante ressaltar que, em análises adicionais, os dois aspectos diferenciaram estatisticamente as respostas entre satisfeitos e insatisfeitos conjugalmente, sendo que tanto a *falta de apoio* (*satisfeitos 2,3%; insatisfeitos 38,6%; $\chi^2=42,648$; $p=0,000$*) quanto o *egoísmo/falta de cooperação* (*satisfeitos 6,1%; insatisfeitos 40,9%; $\chi^2=31,243$; $p=0,000$*) foram muito mais freqüentes nas respostas das sujeitos insatisfeitos.

Desta forma, parece haver entre pessoas com filhos uma relação entre estes dois aspectos com a insatisfação conjugal. Apesar da investigação sobre diferenças entre sexos não apresentar diferenças estatísticas significantes, observou-se que as mulheres manifestam, mais freqüentemente do que os homens, que a *falta de apoio* e o *egoísmo/falta de cooperação* do parceiro já causaram sérios problemas no casamento. A constatação desse cenário na clínica de casais não é rara. Mães insatisfeitas conjugalmente revelam que os seus maridos “não cooperam” ou “só pensam neles e nas coisas deles”. Essas queixas vêm acompanhadas de relatos de discussões e desentendimentos freqüentes entre os cônjuges, dado que apareceu de maneira estatisticamente significativa, sob a forma de *brigas constantes* (*com filhos 26%; sem filhos 10,7%; $\chi^2=6,807$; $p=0,009$*), nas respostas de pessoas com filhos ao manifestarem fatos que *já causaram dificuldades sérias no casamento*. Ratificando esses dados e discussão, Norgren (2002) alerta sobre a necessidade do casal, na chegada de um filho, reorganizar o seu estilo de vida e a disponibilidade para as tarefas diárias, para que não haja ressentimento pela falta de cooperação do cônjuge.

5.2.4 Análises complementares da insatisfação conjugal

Antes de concluir a apresentação e discussão dos resultados, cabe apresentar alguns outros dados, encontrados em análises complementares, que apresentaram diferenças estatisticamente significantes para o grupo de pessoas insatisfeitas conjugalmente. Eles podem

contribuir, caso sejam feitos estudos mais aprofundados, com informações referentes principalmente ao diagnóstico clínico da insatisfação conjugal. Como já abordado anteriormente, os aspectos *paciência/compreensão* ($\chi^2=5,452$; $p=0,020$) e *amor* ($\chi^2=7,869$; $p=0,005$) foram, respectivamente, os únicos a serem valorizados de forma diferenciada no conceito de satisfação conjugal das pessoas insatisfeitas e satisfeitas. Entretanto, o que mais chamou atenção nas análises complementares foi o grande número de fatores que *já causaram problemas sérios no casamento*, com diferenças significantes nas respostas entre esses grupos e mais frequentes entre as pessoas insatisfeitas. São eles:

- Tentativa do parceiro em controlar gastos (*satisfeitos 9,7%; insatisfeitos 15,5%;* $\chi^2=9,734$; $p=0,002$)
- Interesses diferentes em diversão (*satisfeitos 12,3%; insatisfeitos 38,6%;* $\chi^2=14,828$; $p=0,000$)
- Falta de amigos mútuos (*satisfeitos 5,4%; insatisfeitos 22,7%; F;* $p=0,005$)
- Brigas constantes (*satisfeitos 6,9%; insatisfeitos 50,0%;* $\chi^2=41,662$; $p=0,000$)
- Interferência de parentes dos cônjuges (*satisfeitos 23,0%; insatisfeitos 38,6%;* $\chi^2=4,037$; $p=0,045$)
- Falta de afeição mútua (*satisfeitos 0,7%; insatisfeitos 25,0%; F;* $p=0,000$)
- Relações sexuais insatisfatórias (*satisfeitos 16,1%; insatisfeitos 34,1%;* $\chi^2=6,446$; $p=0,011$)
- Egoísmo e falta de cooperação (*satisfeitos 6,1%; insatisfeitos 40,9%;* $\chi^2=31,243$; $p=0,000$)
- Desejo de ter filhos (*satisfeitos 3,8%; insatisfeitos 15,9%; F;* $p=0,006$)
- O cônjuge paquerou outra pessoa (*satisfeitos 0%; insatisfeitos 9,1%; F;* $p=0,004$)
- Falta de apoio (*satisfeitos 2,3%; insatisfeitos 38,6%;* $\chi^2=42,648$; $p=0,000$)

Os resultados de análises qualitativas complementares, que buscaram identificar relações entre a satisfação conjugal e a idade, o grau de instrução, a religião, a renda pessoal e o tempo de casamento dos sujeitos de pesquisa, não se apresentaram significativos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo fato do Teste do Desenho do Casal não possuir critérios claramente definidos no momento da elaboração do projeto de pesquisa, foram avaliados os riscos de não haver sucesso na identificação de resultados com níveis de significância que embasassem interpretações válidas. Por isso, os cuidados tomados na coleta e tratamento das informações receberam atenção especial. Então, ao longo do desenvolvimento da análise dos dados, os resultados foram superando todas as expectativas iniciais, principalmente no que se refere à quantidade de indicadores de insatisfação conjugal.

Entretanto, a partir dos resultados já apresentados e das reflexões que deles derivaram, surgiram outras questões: além dos itens de *impacto da estória e impacto da avaliação global*, quais, entre os outros itens, também são válidos para avaliar a satisfação e insatisfação conjugal? Entre os indicadores de insatisfação conjugal encontrados, o que exatamente cada um deles avalia? Outros aspectos do TDC como o tipo de traçado, pressão do lápis, tempo de execução parcial e total, qualidade dos comentários realizados na confecção dos desenhos, etc., seriam também indicadores de insatisfação conjugal? Seria possível, num estudo com uma amostra maior, estabelecer indicadores de insatisfação conjugal exclusivamente nos desenhos feitos por mulheres? E por homens? Um estudo sobre a qualidade dos comentários realizados antes/durante a confecção do TDC poderia detalhar ainda mais a investigação da insatisfação conjugal? Essas e outras questões são pistas para futuros estudos que envolvam o TDC, para otimizar, validar e multiplicar as possibilidades de diagnóstico da satisfação conjugal via projeção gráfica.

Por outro lado, com relação às nuances da satisfação conjugal entre homens e mulheres, com e sem filhos, os resultados responderam bem às observações clínicas informais e aos dados da literatura especializada. As definições do conceito de satisfação conjugal realizadas pelos sujeitos de pesquisa foram ao encontro do pensamento dos estudiosos da área. Talvez, o dado

que mais tenha se distanciado dos apresentados na revisão bibliográfica foi a semelhança na quantidade de sujeitos insatisfeitos conjugalmente, entre homens e mulheres. Contrariando as afirmações dos autores que realizaram pesquisas de diferenças entre sexos, não somente o número de homens e mulheres foi bastante parecido, mas também se verificou que não houve diferenças significativas entre os grupos de sujeitos, nos escores do MAT-MARI e da ESC.

Esses dados, por sua vez, não confirmaram os resultados de pesquisas anteriores, que apontam as mulheres como mais insatisfeitas do que os homens no casamento. Entretanto, quando se trata da qualidade das insatisfações e de quanto elas são manifestadas, as diferenças aparecem de forma muito clara. Os relatos das mulheres sobre o conceito de satisfação conjugal, bem como sobre as suas insatisfações, foram determinantes para a interpretação dos resultados. Contudo, considerar que, por isso, os homens estão mais satisfeitos nas relações conjugais é contrariar a afirmação anterior. É importante destacar a diferença entre viver a insatisfação e manifestá-la. Esse é um assunto muito discutido no atendimento clínico de casais, principalmente nos casos em que a comunicação entre os cônjuges está prejudicada. Isso pode ocorrer, pois, apesar de já estarmos no terceiro milênio, os homens em nossa cultura ainda não são incentivados a expressar seus pensamentos e sentimentos, como acontece com as mulheres. Outro resultado que pode reforçar a idéia apresentada por esses dados, ainda que seja numa produção menos acessível ao controle consciente, é a diferença no número dos indicadores de insatisfação conjugal entre desenhos de mulheres (nove) e de homens (três)

Quanto às hipóteses iniciais de que a satisfação conjugal sofre alterações a partir da chegada dos filhos, geralmente para pior, foram confirmados nos resultados quantitativos e qualitativos. De fato, o despreparo de algumas pessoas, constatado na exigente transição e adaptação do papel conjugal ao parental, faz surgir questões não planejadas no casamento e, portanto, sem solução prévia.

Os resultados deste estudo não têm a pretensão de oferecer “receitas mágicas” para a solução de problemas e o pleno estabelecimento da satisfação conjugal. Tal idéia seria, além de pouco parcimoniosa, impossível do ponto de vista da complexidade das relações conjugais. Ratificando essa afirmação, Garcia e Tassara (2003, pp. 132) comentam que “a reprodutibilidade dos problemas conjugais sugere, assim, a existência de um manancial do qual se originam – que é da esfera da ideologia – que configura expectativas, riscos e possibilidades”.

Os achados deste estudo promovem reflexões relativas a alguns indicativos de insatisfação no casamento e, portanto, de eventuais caminhos a *não* serem percorridos na jornada conjugal e familiar. Visam também repensar as diversas expectativas depositadas no cônjuge e na relação conjugal, em detrimento das reais possibilidades que ambos têm de supri-las. De posse das informações contidas aqui, além do estudo sobre um instrumento diferente de diagnóstico para contextos já estabelecidos de insatisfação conjugal, há a possibilidade de se refletir clinicamente e desenvolver métodos para a sua profilaxia. Afinal, se não é possível determinar um caminho seguro e garantido para a satisfação conjugal, por que não refletir por onde *não* ir? Quais os cuidados a tomar? Quais os riscos das expectativas excessivas ou mesmo equivocadas, presentes já em épocas pré-nupciais ou pré-parentais? Essas questões, até certo ponto filosóficas, poderiam ser estudadas posteriormente de forma teórica e/ou numa pesquisa longitudinal.

Por fim, entende-se que essa pesquisa cumpriu, além dos seus objetivos, o legítimo ofício da ciência. No entendimento de seu autor, tal função significa muito mais do que levantar hipóteses, projetar e desenvolver métodos, apresentar e discutir resultados, mas também provocar, a partir de suas conclusões, mais e mais indagações, semeando assim o gosto pelas buscas e a satisfação nas descobertas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, K.A.; LOUREIRO, S.R. Representação gráfica da família em um grupo de pacientes esquizofrênicos. **Psico**. Porto Alegre, v. 25, n. 1, pp.75-89, jan/jun 1994.

AMENÓS, T.P. **Possibilidad de detección de conflicto sexual a través de las técnicas proyectivas** (especial referência al Test de Rorschach, T.R.O. de Philipson y Tests Gráficos). 2007. Disponível em: <<http://www.grafologiauniversitaria.com>>. Acesso em: 08 fev. 2007.

ANASTASI, A. **Testes Psicológicos**. 2ª ed. São Paulo: EPU, 1977.

ARAÚJO, M. F. A abordagem de Gênero na clínica com casais. In: GOMES I. C. (coord.) **Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, pp. 38-44.

ARIAS-GALICIA, F. Una investigación sobre la escala de satisfacción marital. **Revista Latino Americana de Psicología**. Bogotá, v. 21, n. 3, pp. 423-436, 1989.

ARRIAGA, X.B. The ups and downs of dating: fluctuations in satisfaction in newly formed romantic relationships. **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington,DC, v.80, n. 5, pp.754-765, 2001.

ARZENO, M.E.G. **Psicodiagnóstico clínico: novas contribuições**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BALINT, M. **A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1968.

BÉJIN, A. O casamento extraconjugal. In: AIRES, P. **Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp 183-193.

BELL, J.E. **Técnicas proyectivas: exploración de la dinámica de la personalidad**. 2ª ed. Buenos Aires: Paidós, 1964.

BELLODI, P.L. **Contribuição das técnicas de exame psicológico ao estudo de pacientes com insuficiência renal numa unidade de diálise infantil**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 1994.

BERNSTEIN, J. La técnica del dibujo de una persona de Machover. In: GOODENOUGH, F.L. **Test de inteligência infantil por medio del dibujo de la figura humana: manual para aplicación.** Buenos Aires: Paidós, 1951, pp. 234-249.

BOUTONIER, J. **Les dessins des enfants.** Paris: Editions du Scarabeé, 1953.

BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Cadernos Pagu**, n. 20, pp.131-156, 2003.

BRADBURY, T.N.; FINCHAM, F.D.; BEACH, S. R. H. Research on the nature and determinants of marital satisfaction: a decade in review. **Journal of Marriage and Family.** Chicago, v. 62, n. 4, pp. 964-980, nov. 2000.

BUCHER, J.S.N.F. Vínculo conjugal: da união à separação e o controle mútuo do destino. In: CARNEIRO, T. F. **Relação amorosa, Casamento, Separação e Terapia de Casal.** Coletâneas da ANPEPP, Rio de Janeiro, set. 1996, v.1, n.1, pp.59-69.

BUCK, J. N. H-T-P Test, **Journal of Clinical Psychology**, n. 4, pp. 151-159, abr. 1948.

BUCK, J. N. **House-tree-person technique.** Los Angeles: WPS, 1987.

BUCK, J. N. **H.T.P.- casa-árvore-pessoa, técnica projetiva do desenho: manual e guia de interpretação.** São Paulo: Vetor, 2003.

BURNS, R.C. **Kinetic-House-Tree-Person Drawings (KHTP): an interpretative manual.** New York: Brunner/Mazel, 1987.

BURNS, R.C.;KAUFMAN, S.H. **Actions, styles and symbols in kinetic family drawings (KFD): an interpretative manual.** New York: Brunner/Mazel, 1972.

BUSBY, D.M. et al. A revision of the Dyadic Adjustment Scale for use with distressed and nondistressed couples: construct hierarchy and multidimensional scales. **Journal of Marital and Family Therapy**, , v. 21, pp.289-308, 1995.

BYSTRONSKI, B. **A liberação dos costumes e suas conseqüências sobre os relacionamentos amorosos heterossexuais.** Dissertação (Mestrado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.

BYSTRONSKI, B. Teorias e processos psicossociais da intimidade interpessoal. In: RODRIGUES, A. **Psicologia social para principiantes: estudo da interação humana**. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 1995, pp.86-126.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. e cols. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CELLI, A. **Sinais de ansiedade nos desenhos da figura humana de crianças surdas e de crianças normais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1974.

COLEMAN, M.; GANONG, L.; FINE, M. Reinvestigating remarriage: another decade of progress. **Journal of Marriage and Family**. Chicago, v. 62, n. 4, pp.1288-1307, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº025/2001**. Disponível em: <http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2001_25.pdf> Acesso em: 07 out. 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº002/2003**. Disponível em: <http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2003_02.pdf> Acesso em: 08 mai. 2009.

CORMAN, L. **El test del dibujo de la familia en la práctica médico-pedagógica**. Buenos Aires: Libro de Edición Argentina, 1967.

CORMAN, L. **O teste do desenho da família**. São Paulo: Mestre Jou, 1979.

CORREA, O. B. R. **O legado familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

CORSINI, R. J. Understanding and similarity in marriage. **Journal of Abnormal and Social Psychology**. Boston, n. 52, pp. 327-332, 1956.

COSTA, G.P.; KATZ, G. **Dinâmica das relações conjugais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

COSTA, R. P. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Ed. Gente, 1994.

CRANE, D.R.; MIDDLETON, K.; BEAN, R. Establishing criterion scores for the Kansas Marital Satisfaction Scale and the Revised Dyadic Adjustment Scale. **American Journal of Marital of Family Therapy**, v. 28, pp.53-60, 2000.

DAVIS K. E. **The Relationship Rating Form (RRF)**: a measure of the characteristics of romantic relationships and friendships. 1996, Disponível em: <http://www.people.cas.sc.edu/daviskez/LoveFriendsMeasure_rrf.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2007.

DELA COLETA, M.F. A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala. **Psico**. Porto Alegre, v.18, n. 2, pp. 90-112, jul/dez 1989.

DINIZ, G. O casamento contemporâneo em revista. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Casal e Família**: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, pp.135-155.

DUARTE, W. F. **Crianças desenha a escola**: Um estudo do Desenho Cinético da Escola (KSD) e sua relação com o desempenho escolar em crianças paulistanas da primeira a quarta série. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 1992.

FARIAS, M.A. **Expectativa de satisfação da necessidade afetiva no casamento**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Departamento de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1980.

FARIAS, M.A. **Satisfação conjugal no casamento**: um estudo quantitativo. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 1994.

FARIAS, M.A. Avaliação Conjugal. In: TRINCA W. (org.) **Formas de investigação clínica em psicologia**: procedimento de desenhos-estórias, procedimentos de desenhos de família com estórias. São Paulo: Vetor, 1997, pp. 97-113.

FÉRES-CARNEIRO, T. Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento contemporâneo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.3, n. 3, pp. 250-261, 1987.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casais em terapia: um estudo sobre a manutenção e ruptura do casamento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.44, n.2, pp. 67-70, 1995.

FÉRES-CARNEIRO, T. Escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.10, n. 2, pp. 354-368, 1997.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.11, n. 2, pp. 379-394, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: NAU, 2001, pp.67-80.

FÉRES-CARNEIRO, T. Construção e dissolução do laço conjugal na psicoterapia de casal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2003, pp.201-214.

FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos da atualidade. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Casal e Família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, pp.83-107.

FINCHAM, F.D.; BRADBURY, T.N. The assessment of marital quality: a re-evaluation. **Journal of Marriage and Family**. Chicago, v. 49, pp.797-810, 1987.

FISHER, H. **Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio**. Rio de Janeiro: Eureka, 1995.

FLECK, A. C.; WAGNER, A. A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 8, n. especial, pp.31-38, 2003.

FLETCHER, G. J. O.; SIMPSON, J. A.; THOMAS, G. The measurement of perceived relationship quality components: a confirmatory factor analytic approach. **Personality and Social Psychology Bulletin**. Washington DC, v. 26, n. 3, pp. 340-354, 2000.

FONSECA, W. C. **Como as crianças vêem seus professores através da técnica do desenho do professor**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 1995.

GARCIA, M. L. T.; TASSARA, E. T. O. Problemas no casamento: uma análise qualitativa. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 1, n.8, pp. 127-133, 2003.

GIDDENS, A. **Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GOMES I. C. **A avaliação psicológica infantil denunciando os conflitos do casal parental.** São Paulo: Escuta, 1998.

GOMES I. C. Alcances e limites da psicoterapia psicanalítica com casais e famílias. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas.** Rio de Janeiro: PUC-Rio/Ed. Loyola, 2003, pp.215-224.

GOMES I. C. **Uma clínica específica de casais.** São Paulo: Escuta/Fapesp, 2007.

GOODENOUGH, F.L. **Measurement of intelligence by drawings.** Chicago: World Book Company, 1926.

GRASSANO, E. **Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

GRAY-LITTLE, B.; BURKS, N. Power and satisfaction in marriage: a review and a critique. **Psychological Bulletin**, Lancaster, 1983, v. 93, n. 3, pp.513-538.

HAMMER, E.F. Hierarchal organization of personality and the H.T.P., achromatic and cromatic. In: BUCK, J.N.; HAMMER E.F. **Advances in the house-tree-person technique: variations and applications.** Los Angeles: Western Psychological Services, 1969, pp.1-35.

HAMMER, E.F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

HANDLER, L. Anxiety indexes in the draw a person test: a scoring manual. **Journal of Projective Techniques & Personality Assessment**, Grendale, v.31, n.3, pp: 46-57, jun. 1967.

HENDRICK, S.S. Self-discourse and marital satisfaction. **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington DC, v.6, n. 40, pp.150-159, 1981a.

HENDRICK, S.S. A generic measure of relationship satisfaction. **Journal of Marriage and Family**. Chicago, v.50, pp.93-98, 1981b.

HERMANN, F. Amor, guerra e o casamento de hoje. In: GOMES, P.B. (org) **Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das estruturas familiares.** São Paulo: Callis, 2003, pp.147-157.

HERNANDEZ, J. A. E.; OLIVEIRA, I. M. B. Os componentes do amor e da satisfação. **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, v.21, n. 3, pp. 58-69, 2003.

HICKS, M.; PLATT, M. Marital happiness and stability: a review of research in the 60's. **Journal of Marriage and Family**. Chicago, v. 32, pp.553-574, 1970.

HÜBNER, M.M. **Guia para elaboração de monografias e projetos de dissertação de mestrado e doutorado**. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 1998.

JABLONSKI, B. Papéis conjugais: conflito e transição. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal**. Coletâneas da ANPEPP, Rio de Janeiro, set. 1996, v.1, n.1, pp.113-123.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

JABLONSKI, B. Afinal o que é um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Ed. Loyola, 2003, pp.141-168.

JOHNSON, D.R. Measuring marital relations. In: TUOLIATOS, J. PERLMUTTER, B.F.; STRAUSS M.A. **Hand-book of family measurements techniques**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2001, pp. 73-86.

JOHNSON, D.R.; BOOTH, A. Marital quality: a product of dyadic environment or individual factors? **Social Forces**. Chapel Hill, v.76, n. 3, pp. 883-904, 1998.

JURI, L.J. **Teste de la pareja en interacción: Técnicas proyectivas grupales**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1979.

KARPEL, M.A. **Evaluating couples: a handbook for practitioners**. New York: WW Norton & Company, 1994.

KFOURI, N. J. **Wartegg: da teoria à prática**. São Paulo: Vetor, 1999.

KIMMEL, D.; VAN DER VEEN, F. Factors of marital adjustment in Locke's marital adjustment test. **Journal of Marriage and Family**, v. 36, pp.57-63, 1974.

KLEPSCH, M.; LOGIE, L. **Crianças desenham e se comunicam**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

KOCK, K. **Teste da árvore**. São Paulo: Mestre Jou, 1965.

KOPPITZ, E. M. **El dibujo de la figura humana en los niños: evaluación psicológica**. Buenos Aires: Guadalupe, 1973.

KURDECK, L. Predicting marital dissolution: a 5-year prospective longitudinal study of newlywed couples. **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington DC, v.64, n. 2, pp.221-242, 1993.

LEVY, L. Terapia de casal e questões contemporâneas. In: GOMES, I. C. (coord) **Clínica psicanalítica de casal e família: a interface com os estudos psicossociais**. São Paulo: GEN/Santos, 2009, pp.25-32.

LEVY, S. Projective figure drawing. In: HAMMER, E. F. **The clinical Application of Projective Drawings**. 3ª ed. Springfield: Thomas Books, 1971. pp.83-112.

LIMA, R.A. Estímulos ambientais e os conteúdos do teste Wartegg: um estudo em ambiente militar. In: XXVII CONGRESSO INTERAMERICANO DE PSICOLOGIA, 2001, Santiago (Chile). **Caderno de programas e resumos**, p.43.

LOCKE, H.J. **Predicting adjustment in marriage a comparison of a divorced an happily married group**. New York: Henry Holt Company, 1951.

LOCKE, H.J.; WALLACE, K.M. Short marital adjustment and prediction tests: their reliability and validity. **Marriage and Family Living**, v.21, n. 3, pp.251-255, ago. 1959.

LOCKE, H.J.; WILLIAMSON, R.C. Marital adjustment: a factor analysis study. **American Sociological Review**, v. 23, n.5, pp.562-569, out. 1958.

LOPES, R. C. S. et al. Ritual de casamento e planejamento do primeiro filho. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.11, n. 1, pp.55-61, 2006.

LOWENFELD, V. ; BRITAIN, W.L. **Desarrollo de la capacidad creadora: nueva edición revisada e actualizada**. Buenos Aires: Kapelusz, 1972.

MACHOVER, K.A. **Proyección de la personalidad en el dibujo de la figura humana: un método de investigación de la personalidad.** Havana: Cultural, 1949.

MAGAGNIN, C. et al. Da conjugalidade à parentalidade: gravidez, ajustamento e satisfação conjugal. **Alethéia.** Canoas, n.17/18, pp.41-52, jan/dez 2003.

MAGALHÃES A. S. **Individualismo e conjugalidade:** um estudo sobre o casamento contemporâneo. Dissertação (Mestrado em Psicologia), PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1993.

MALDONADO, M. T. **Nós estamos grávidos.** Rio de Janeiro: Bloch, 1990.

MARKMAN, H. J.; HALDFORD, W. K. International perspectives on couple relationship education. **Family Process**, v. 44, pp. 139-146, 2005.

McNAMARA, M.L.L.; BAHR, H.M. The dimensionality of marital role satisfaction. **Journal of Marriage and Family.** Chicago, v. 1, n.42, pp.45-55, 1980.

MELLO, M.I.V. **Família e transições no ciclo de vida.** Disponível em: <www.instituto-h-ellis.com.br/unidade_freicaneca/textosDet.asp?=31>, 2002. Acesso em 05 out. 2007.

MILLER, B. C. A multivariate development model of marital satisfaction. **Journal of Marriage and Family.** Chicago, v. 38, pp.643-657, 1976.

MINUCHIN, S. **Famílias, funcionamento e tratamento.** Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

MIRANDA E. S. Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. **Arquivos Brasileiros de Psicologia.** Rio de Janeiro, v. 3, n.39, pp.96-107, jul/set 1987.

MURRAY, S.L; HOLMES, J.G; GRIFFIN, D.W. The self-fulfilling nature of positive illusions in romantic relationships: love is not blind, but prescient. **Journal of Personality and Social Psychology**, v.71, n. 6, pp.1155-1180, 1996.

NORGREN, M. B. P. **Para o que der e vier:** estudo sobre casamentos de longa duração. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Psicologia Clínica, PUC/SP, São Paulo, 2002.

NORGREN, M. B. P. et al. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 3, n.9, pp. 575-584, 2004.

OLSON D.H. et al. **Family inventories**: inventories used in a national survey of families across the family life-cycle. 2ª ed. St Paul: University of Minnesota, 1982.

OSTERRIETH, P.A.; CAMBIER A. **Les deux personnages**: l'être humain dessiné par les garçons et les filles de 6 à 18 ans. Bruxelles: Editest, 1976.

PASIAN, S.R.; OKINO, E.T.K.; SAUR, A.M. Padrões normativos do desenho da figura humana em adultos. In: VAZ, C.E.; GRAEFF, R.L. **Técnicas Projetivas**: produtividade em pesquisa. Porto Alegre: Casa do Psicólogo/SBRo, 2004, pp.59-63.

PERES, R.S.; JUSTO, J.S. Contribuições das técnicas projetivas gráficas para a compreensão da personalidade de andarilhos de estrada. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.10, n.2, pp.305-312, ago 2005.

PERLIN, G.B. **Casais que trabalham e são felizes**: mito ou realidade? Dissertação (Mestrado em Psicologia), Departamento de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

PERLIN, G.B.; DINIZ, G. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pp. 15-29, 2005.

PICCOLO, E.G. Defensas en los tests gráficos. In: OCAMPO, M.L.S; ARZENO, M.E.G. e cols. **El proceso psicodiagnóstico y las técnicas proyectivas**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974. pp.235-388.

PICHOT P. **Los testes mentales**. 2ª ed. Buenos Aires: Paidós, 1963.

PICK DE WEISS, S.; ANDRADE PALOS, P. Desarrollo y validación de la escala de satisfacción marital. **Psiquiatria**, n. 1, pp.9-20, 1988.

PITTMAN, F. **Mentiras privadas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PORCHAT, I. **Amor, casamento, separação**: a tolerância de um mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RABELO, C. O casamento esfriou. E aí? **Isto É**, n. 2070, pp.62-66, 15 jul 2009.

RAMOS, M. Novas parcerias, novos conflitos. In: GOMES, P.B. (org) **Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das estruturas familiares**. São Paulo: Callis, 2003, pp.57-75.

RETONDO, M.F.N.G. **Manual prático de avaliação do HTP (casa-árvore-pessoa) e família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

REYNOLDS, C.R. A quick-scoring guide to the interpretation of children's Kinetic Family Drawings (KFD). **Psychology in the Schools**. Hoboken, v. 15, n.4, pp. 489-492, oct. 1978.

RIOS, M. G. Casais que optam por não terem filhos: a família em transformação. In: GOMES, I. C. (coord) **Clínica psicanalítica de casal e família: a interface com os estudos psicossociais**. São Paulo: GEN/Santos, 2009, pp.41-55.

ROACH, A. J.; BOWDEN, S. R; FRAZIER, L. P. The Marital Satisfaction Scale: development of a measure for intervention research. **Journal of Marriage and Family**. Chicago, v. 43, n. 3, pp. 537-546, ago. 1981.

ROBACK, H. B. Human Figure Drawings: their utility in the clinical psychologist's armamentarium for personality assessment. **Psychological Bulletin**. Washington DC, v. 70, n.1, pp.1-19, jul. 1968.

ROLLINS, B. C.; CANNON, K. L. Marital satisfaction over the family life cycle: a reevaluation. **Journal of Marriage and Family**. Chicago, v. 36, n. 2, pp. 271-282, mai. 1974.

RUSBULT, C.E. A longitudinal test of the investment model: the development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington DC, n. 45, pp.101-117, 1983.

SATIR, V. A mudança no casal. In: ANDOLFI, M; ANGELO, C; SACCU, C (org.) **O Casal em Crise**. São Paulo: Summus, 1995, pp. 29-37.

SCHACKELFORD, T; BUSS D. Marital satisfaction in evolutionary psychological perspective. In: STERNBERG, R; HOJJAT, M. (org) **Satisfaction in close relationships**. New York:Guilford, 1997, pp.7- 25.

SCHILDER, P. **Image and appearance of the human body**. New York : John Wiley & Sons, 1950.

SCHUMM, W. R. et al. Characteristics of responses to the Kansas Marital Satisfaction Scale by a sample of 84 married mothers. **Psychological Reports**, v. 53, pp.567-572, 1983.

SCHUMM, W. R. et al. Current an discriminant validity of Kansas Marital Satisfaction Scale. **Journal of Marriage and Family**. Chicago, v. 48, pp.381-388, 1986.

SHARLIN, A. S.; KASLOW, F; HAMMERSCHMIDT, H. **Together trough tick and thin: a multinational picture of long marriages**. Nova York: The Haworth Clinical Practice Press, 2000.

SIEGEL, S. **Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento**. São Paulo: McGraw-Hill, 1975.

SILVA, M. H.; RELVAS, A. P. Casal, casamento e união de facto. In: RELVAS, A. P.; ALARCÃO, M (coord.). **Novas formas de família**. 2ª ed. Coimbra: Editora Quarteto, 2007, pp.189-244.

SIMPSON, J. A. The dissolution of romantic relationships: factors involved in relationship stability and emotional distress. **Journal of Personality and Social Psychology**. Washington DC, v.6, n. 53, pp.683-692, 1987.

SIQUEIRA, R. C.; DUARTE, W. F. Transformações observadas nas relações do casal com o nascimento do primeiro filho. In: CASTRO, P. F. (coord.) II ENCONTRO DE PSICOLOGIA CLÍNICA, 1999, São Paulo, **Anais**, pp. 311-317.

SOUZA, A.M.D.R. **Implicação do fator cultural regional nos desenhos da figura humana (DFH), produzidos por sujeitos adultos: análise da diferenciação sexual e de aspectos projetivos**. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2000.

SPANHOL, C. I. D. A. Locus de controle, satisfação conjugal e perspectiva do casamento. In: XXIII REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 1993, Ribeirão Preto. **Resumos de comunicações científicas**, p.293.

SPANIER, G.B. Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. **Journal of Marriage and Family**. Chicago, v. 38, pp.15-28, 1976.

SPANIER, G.B.; LEWIS, R.A. Marital quality: a review of the seventies. **Journal of Marriage and Family**. Chicago, v. 42, n. 4, pp.825-839, 1980.

STERNBERG, R.J. **El triángulo del amor: intimidad, pasión y compromiso**. Barcelona: Paidós, 1989.

SWENSEN, C.H. Empirical evaluations of human figure drawings. **Psychological Bulletin**. Washington DC, v. 54, pp.431-466, 1957.

THOMPSON, L. Women, men, and marital quality (comment). **Journal of Family Psychology**, v. 2, n. 1, pp.95-100, 1988.

VAN KOLCK, O.L. **Sobre a técnica do desenho da figura humana na exploração da personalidade: Estudo de adolescentes de centros urbanos**. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 1963.

VAN KOLCK, O.L. **Interpretação psicológica de desenhos**. São Paulo: Pioneira, 1966.

VAN KOLCK, O.L. O Desenho da Figura Humana no estudo de problemas específicos. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 58, n.65, pp. 151-181, 1973a.

VAN KOLCK, O.L. Sinais de ansiedade e de distúrbios emocionais no Desenho da Figura Humana de crianças: tentativa de validação. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 58, n.65, pp. 11-45, 1973b.

VAN KOLCK, O.L. **Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico**. São Paulo: EPU, 1984.

VELS, A. **Dibujo y Personalidad**. 2007. Disponível em: <http://www.grafologiauniversitaria.com/libro_vels.htm> Acesso em: 08 set. 2007.

VILLA, M.B. **Habilidades sociais no casamento: avaliação e contribuição para a satisfação conjugal**. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, Ribeirão Preto, 2005.

WACHELKE, J. F. R. et al. Medida da satisfação em relacionamento de casal. **Psico-USF**, São Paulo, v. 9, n. 1, pp.11-18, jan/jun 2004.

WAGNER A.; FALCKE, D. Satisfação conjugal e transgeracionalidade. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v.13, n. 2, pp.11-24, 2001.

WAGNER A.; MOSMANN, C. Investigando a qualidade conjugal: questões contemporâneas. In: GOMES I. C. (coord.) **Família: diagnóstico e abordagens terapêuticas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, pp. 60-66.

WAGNER A.; MOSMANN, C. A promoção da qualidade conjugal como uma estratégia de proteção dos filhos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (org) **Casal e Família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, pp.169-180.

WALSH, F. Casais saudáveis e casais disfuncionais: qual a diferença? In: ANDOLFI, M. (org.) **A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002, pp.13-28.

WEAHLER, C.A. Drawing bridges between science and practice. **Journal of Personality Assessment**. New York, v.3, n.69, pp. 482-487, 1997.

WILLI, J. **La Pareja Humana: relación y conflicto**. Madrid: Morata, 1978.

ZIVIANI, C. et al. Avaliação da conjugalidade. In: NORONHA, A. P. P.; SANTOS, A. A. A.; SISTO, F. F. (org.) **Facetas do fazer em avaliação psicológica**. São Paulo: Vetor, 2006, pp. 13-55.

ANEXO A: Modelo de e-mail com convite para participação na pesquisa.

PESQUISA SOBRE CONJUGALIDADE, COM PESSOAS CASADAS.

GOSTARIA DE CONVIDAR HOMENS E MULHERES CASADOS PARA PARTICIPAREM DE UMA PESQUISA DE DOUTORADO, PELO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP. OS CRITÉRIOS PARA A PARTICIPAÇÃO SÃO:

- ADULTOS CASADOS, HOMENS ou MULHERES (PODEM PARTICIPAR AMBOS OU APENAS UM DOS CÔNJUGES)
- PRIMEIRA UNIÃO (CIVIL e/ou RELIGIOSO ou UNIÃO ESTÁVEL) E QUE RESIDA JUNTO COM O CÔNJUGE.
- TEMPO DE CASAMENTO: 1 a 10 ANOS
- COM OU SEM FILHOS.
- QUE NÃO ESTEJAM EM SITUAÇÃO DE GRAVIDEZ.
- GRAU DE INSTRUÇÃO MÍNIMO: ENSINO MÉDIO INCOMPLETO.

A ENTREVISTA DE COLETA DE DADOS PODERÁ OCORRER EM SEU DOMICÍLIO OU EM CONSULTÓRIO DO PESQUISADOR (COM ESTACIONAMENTO GRATUITO), TEM DURAÇÃO APROXIMADA DE 30 A 40 MINUTOS E É REALIZADA INDIVIDUALMENTE E COM ABSOLUTO SIGILO DOS DADOS. AOS INTERESSADOS, UMA DEVOLUTIVA DOS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO INDIVIDUAL PODERÁ SER AGENDADA, APÓS O TÉRMINO DO ESTUDO.

CASO TENHA INTERESSE EM PARTICIPAR, OU MESMO OBTER MAIORES INFORMAÇÕES SOBRE O ESTUDO EM QUESTÃO, FAVOR ENTRAR EM CONTATO, RESPONDENDO A ESTE EMAIL ricardo.lima@usp.br OU PELO TELEFONE 11-3237-3525.

GRATO

RICARDO LIMA
PSICÓLOGO
IP- USP

ANEXO B: Modelo de Carta de Informação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

CARTA DE INFORMAÇÃO SOBRE PESQUISA

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre as principais características de desenhos em adultos casados. Para isso, será necessária a realização de uma breve entrevista, um desenho e a resposta a dois questionários. Todo e qualquer dado de identificação dos colaboradores será mantido em absoluto sigilo, guardado pela ética profissional e do desenvolvimento de pesquisas. As atividades a serem desenvolvidas neste estudo não oferecem nenhum risco significativo aos participantes. O colaborador poderá, a qualquer momento, retirar seu consentimento e deixar de participar da pesquisa. Para contatos, poderá ser utilizado o telefone 11-3237-3525 ou o e-mail ricardo.lima@usp.br. Este estudo refere-se a minha tese de doutorado, no Programa de Pós Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Irai Cristina Boccato Alves. Com os seus resultados, esta pesquisa poderá auxiliar profissionais que trabalham com desenhos. Caso concorde em colaborar com o desenvolvimento deste trabalho, solicito que preencha o termo abaixo, que foi redigido em duas vias de igual teor: uma delas será arquivada pelo pesquisador e outra deverá ficar em poder do colaborador:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende as exigências legais, eu _____, portador da Cédula de Identidade (R.G). _____, sujeito de pesquisa realizada pelo psicólogo Ricardo Alves de Lima, CRP 06/49216-8, após ter lido a Carta de Informação sobre Pesquisa (acima), ciente dos procedimentos que serão adotados para a coleta de dados na referida pesquisa, não restando nenhuma dúvida acerca do lido e do explicado, assino este Consentimento Livre e Esclarecido de concordância em participar da pesquisa proposta.

Assinatura _____

Data: ___/___/___

ANEXO C: Tabela22 - Freqüência absoluta das alternativas dos itens do TDC e χ^2 para cada sexo e amostra total.

ITENS E ALTERNATIVAS	Mulheres				Homens				Amostra Total			
	Satisf. (N=64)	Insatisf. (N=23)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=66)	Insatisf. (N=21)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=130)	Insatisf. (N=44)	X ²	Nível Signif.
Item 1 - a	57	21	F	1,000	55	19	F	0,726	112	40	0,673	0,412
Item 1 - b	07	02	F	1,000	11	02	F	0,726	18	04	0,673	0,412
Item 2 - a	01	00	F	1,000	00	00	-	-	01	00	F	1,000
Item 2 - b	01	00	F	1,000	01	00	F	1,000	02	00	F	1,000
Item 2 - c	05	03	F	0,431	05	02	F	0,673	10	05	F	0,535
Item 2 - d	15	11	4,803	0,028	31	11	0,187	0,666	46	22	2,950	0,086
Item 2 - e	08	02	F	1,000	08	02	F	0,473	16	06	0,053	0,819
Item 2 - f	01	00	F	1,000	00	00	-	-	01	00	F	1,000
Item 2 - g	15	01	F	0,059	04	00	F	0,568	19	01	4,923	0,027
Item 2 - h	10	02	F	0,504	05	02	F	0,673	15	04	F	0,785
Item 2 - i	08	04	F	0,725	12	02	F	0,502	20	06	0,079	0,779
Item 3 - a	02	00	F	1,000	00	01	F	0,241	02	01	F	1,000
Item 3 - b	03	00	F	0,563	03	00	F	1,000	06	00	F	0,339
Item 3 - c	14	03	F	0,541	06	02	F	1,000	20	05	0,432	0,511
Item 3 - d	19	10	1,448	0,229	35	12	0,108	0,742	54	22	0,957	0,328
Item 3 - e	02	02	F	0,284	01	02	F	0,143	03	04	F	0,069
Item 3 - f	04	01	F	1,000	04	00	F	0,568	08	01	F	0,452
Item 3 - g	02	01	F	1,000	01	00	F	1,000	03	01	F	1,000
Item 3 - h	16	06	0,011	0,918	14	03	F	0,753	30	09	0,130	0,718
Item 3 - i	02	00	F	1,000	02	01	F	0,568	04	01	F	1,000
Item 4 - a	04	00	F	0,569	02	01	F	0,568	06	01	F	0,681
Item 4 - b	06	00	F	0,334	03	00	F	1,000	09	00	F	0,114
Item 4 - c	08	04	F	0,725	08	02	F	1,000	16	06	0,53	0,819
Item 4 - d	17	12	4,994	0,025	30	13	1,725	0,189	47	25	5,787	0,016
Item 4 - e	02	00	F	1,000	05	01	F	1,000	07	01	F	0,681
Item 4 - f	10	04	F	1,000	07	01	F	0,673	17	05	0,87	0,768
Item 4 - g	04	00	F	0,569	00	00	-	-	04	00	F	0,573
Item 4 - h	12	02	F	0,337	10	03	F	1,000	22	05	0,775	0,379
Item 4 - i	01	01	F	0,461	01	00	F	1,000	02	01	F	1,000
Item 5 - a	00	00	-	-	02	00	F	1,000	02	00	F	1,000
Item 5 - b	09	00	F	0,105	06	02	F	1,000	15	02	F	0,245
Item 5 - c	31	11	0,003	0,960	28	07	0,548	0,459	59	18	0,267	0,605

Itens e alternativas (Continuação)	Mulheres				Homens				Amostra Total			
	Satisf. (N=64)	Insatisf. (N=23)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=66)	Insatisf. (N=21)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=130)	Insatisf. (N=44)	X ²	Nível Signif.
Item 5 - d	22	10	0,603	0,437	24	09	0,285	0,593	46	19	0,854	0,335
Item 5 - e	02	02	F	0,284	06	03	F	0,681	08	05	F	0,318
Item 6 - a	57	20	F	0,720	56	16	F	0,344	113	36	0,696	0,404
Item 6 - b	03	02	F	0,605	03	02	F	0,590	06	04	F	0,275
Item 6 - c	04	01	F	1,000	07	03	F	0,699	11	14	F	1,000
Item 7 - a	49	18	0,028	0,868	51	15	0,297	0,586	100	33	0,067	0,795
Item 7 - b	05	02	F	1,000	07	04	F	0,450	12	06	F	0,401
Item 7 - c	10	03	F	1,000	08	02	F	1,000	08	15	0,177	0,674
Item 8 - a	39	11	1,190	0,275	46	12	1,130	0,288	85	23	2,401	0,121
Item 8 - b	25	12	1,190	0,275	20	09	1,130	0,288	45	21	2,401	0,121
Item 9 - a	38	15	0,243	0,622	25	10	0,629	0,428	63	25	0,918	0,338
Item 9 - b	22	08	0,001	0,972	33	09	0,326	0,568	55	17	0,183	0,669
Item 9 - c	04	00	F	0,569	08	02	F	1,000	12	02	F	0,522
Item 10 - a	32	12	0,032	0,858	32	10	0,005	0,945	64	22	0,008	0,930
Item 10 - b	32	11	0,032	0,858	34	11	0,005	0,945	66	22	0,008	0,930
Item 11 - a	32	17	3,933	0,047	42	15	0,428	0,513	74	32	3,449	0,063
Item 11 - b	06	00	F	0,334	05	00	F	0,330	11	00	F	0,068
Item 11 - c	11	03	F	0,752	08	04	F	0,473	19	7	0,043	0,835
Item 11 - d	04	02	F	0,653	02	01	F	0,568	06	03	F	0,694
Item 11 - e	08	01	F	0,435	04	01	F	1,000	12	02	F	0,522
Item 11 - f	01	00	F	1,000	05	00	F	0,330	06	00	F	0,339
Item 11 - g	02	00	F	1,000	00	00	-	-	02	00	F	1,000
Item 12 - a	29	09	0,263	0,608	27	06	1,030	0,310	56	15	1,099	0,294
Item 12 - b	30	13	0,630	0,427	32	12	0,478	0,489	62	25	1,095	0,295
Item 12 - c	04	00	F	0,569	03	03	F	0,149	07	03	F	0,715
Item 12 - d	00	01	F	0,264	03	00	F	1,000	03	01	F	1,000
Item 12 - e	01	00	F	1,000	01	00	F	1,000	02	00	F	1,000
Item 13 - a	24	09	0,019	0,890	24	05	1,130	0,288	48	14	0,374	0,541
Item 13 - b	33	12	0,003	0,960	34	15	2,568	0,109	67	27	1,279	0,258
Item 13 - c	06	01	F	0,670	04	01	F	1,000	10	02	F	0,733
Item 13 - d	00	01	F	0,264	03	00	F	1,000	03	01	F	1,000
Item 13 - e	01	00	F	1,000	01	00	F	1,000	02	00	F	1,000
Item 14 - a	59	22	F	1,000	53	20	F	0,172	112	42	2,795	0,095
Item 14 - b	03	00	F	0,563	08	01	F	0,446	11	01	F	0,300

Itens e alternativas (Continuação)	Mulheres				Homens				Amostra Total			
	Satisf. (N=64)	Insatisf. (N=23)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=66)	Insatisf. (N=21)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=130)	Insatisf. (N=44)	X ²	Nível Signif.
Item 14 - c	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 14 - d	01	00	F	1,000	02	00	F	1,000	03	00	F	0,572
Item 14 - e	01	00	F	1,000	00	00	-	-	01	00	F	1,000
Item 14 - f	00	01	F	0,264	03	00	-	1,000	03	01	F	1,000
Item 15 - a	59	22	F	1,000	56	20	F	0,283	115	42	F	0,245
Item 15 - b	03	00	F	0,563	05	01	F	1,000	08	01	F	0,452
Item 15 - c	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 15 - d	00	00	-	-	02	00	F	1,000	02	00	F	1,000
Item 15 - e	02	00	F	1,000	00	00	-	-	02	00	F	1,000
Item 15 - f	00	01	F	0,264	03	00	F	1,000	03	01	F	1,000
Item 16 - a	16	08	0,811	0,368	26	06	0,802	0,370	42	14	0,004	0,952
Item 16 - b	00	03	F	0,017	04	02	F	0,628	04	05	F	0,047
Item 16 - c	40	11	1,502	0,220	30	12	0,872	0,351	70	23	0,033	0,856
Item 16 - d	08	01	F	0,435	06	01	F	1,000	14	02	F	0,364
Item 17 - a	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 17 - b	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 17 - c	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 17 - d	23	09	0,074	0,785	29	11	0,457	0,499	52	20	0,403	0,525
Item 17 - e	01	01	F	0,461	00	00	-	-	01	01	F	0,443
Item 17 - f	22	04	2,329	0,127	28	09	0,001	0,972	50	13	1,131	0,287
Item 17 - g	33	12	0,003	0,960	29	08	0,223	0,637	62	20	0,066	0,797
Item 17 - h	00	01	F	0,264	03	00	F	1,000	03	01	F	1,000
Item 17 - i	01	01	F	0,461	01	01	F	0,427	02	02	F	0,265
Item 18 - a	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 18 - b	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 18 - c	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 18 - d	23	10	0,409	0,523	29	11	0,457	0,499	58	21	0,806	0,369
Item 18 - e	00	01	F	0,264	00	00	-	-	00	01	F	0,253
Item 18 - f	19	05	0,535	0,464	29	09	0,008	0,931	48	14	0,374	0,541
Item 18 - g	35	10	0,851	0,356	28	08	0,123	0,726	63	18	0,754	0,385
Item 18 - h	00	01	F	0,264	03	00	F	1,000	03	01	F	1,000
Item 18 - i	02	01	F	1,000	01	01	F	0,427	03	02	F	0,602
Item 19 - a	04	01	F	1,000	09	06	F	0,181	13	07	1,128	0,288
Item 19 - b	16	02	F	0,136	16	08	2,741	0,098	32	10	0,064	0,800

Itens e alternativas (<i>Continuação</i>)	Mulheres				Homens				Amostra Total			
	Satisf. (N=64)	Insatisf. (N=23)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=66)	Insatisf. (N=21)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=130)	Insatisf. (N=44)	X ²	Nível Signif.
Item 19- c	04	02	F	0,653	10	06	F	0,200	14	08	1,635	0,201
Item 19- d	12	02	F	0,337	35	12	0,108	0,742	47	14	0,271	0,602
Item 19- e	06	01	F	0,670	20	06	0,023	0,880	26	07	0,358	0,550
Item 19- f	44	19	1,627	0,202	26	08	0,011	0,915	70	27	0,753	0,386
Item 20- a	05	01	F	1,000	09	05	F	0,311	14	06	0,266	0,606
Item 20- b	20	02	4,556	0,033	18	08	0,891	0,345	38	10	0,696	0,404
Item 20- c	04	02	F	0,653	08	05	F	0,289	12	07	F	0,263
Item 20- d	40	17	0,976	0,323	17	05	0,032	0,858	57	22	0,502	0,479
Item 20- e	12	01	F	0,170	09	02	F	1,000	21	03	2,410	0,121
Item 20- f	22	06	0,533	0,466	41	11	0,629	0,428	63	17	1,278	0,258
Item 21- a	41	22	8,452	0,004	46	19	3,641	0,056	87	41	11,655	0,001
Item 21- b	06	00	F	0,334	05	00	F	0,330	11	00	F	0,68
Item 21- c	17	00	F	0,004	11	02	F	0,726	28	02	6,653	0,010
Item 21- d	00	01	F	0,264	04	00	F	0,568	04	01	F	1,000
Item 22- a	40	22	9,081	0,003	46	17	1,010	0,315	86	39	8,214	0,004
Item 22- b	06	00	F	0,334	04	01	F	1,000	10	01	F	0,294
Item 22- c	17	00	F	0,004	15	03	F	0,543	32	03	6,480	0,011
Item 22- d	01	01	F	0,461	01	00	F	1,000	02	01	F	1,000
Item 23- a	55	20	F	1,000	44	11	1,398	0,237	99	31	0,565	0,452
Item 23- b	01	00	F	1,000	03	01	F	1,000	04	01	F	1,000
Item 23- c	02	00	F	1,000	05	04	F	0,210	07	04	F	0,473
Item 23- d	06	03	F	0,694	14	05	F	0,770	20	08	0,190	0,663
Item 24- a	03	00	F	0,563	05	00	F	0,330	08	00	F	0,204
Item 24- b	01	02	F	0,169	01	00	F	1,000	02	02	F	0,265
Item 24- c	02	00	F	1,000	02	02	F	0,244	04	02	F	0,643
Item 24- d	58	21	F	1,000	58	19	F	1,000	116	40	F	1,000
Item 25- a	08	01	F	0,435	07	02	F	1,000	15	03	F	0,568
Item 25- b	02	02	F	0,284	03	01	F	1,000	05	03	F	0,419
Item 25- c	06	03	F	0,694	10	02	F	0,722	16	05	0,028	0,868
Item 25- d	48	17	0,011	0,918	46	16	0,328	0,567	94	33	0,121	0,728
Item 26- a	00	02	F	0,068	04	02	F	0,628	04	04	F	0,113
Item 26- b	64	21	F	0,068	62	19	F	0,628	126	40	F	0,113
Item 27- a	05	00	F	0,319	07	01	F	0,673	12	01	F	0,189
Item 27- b	12	03	F	0,750	17	02	F	0,141	29	05	2,504	0,114

Itens e alternativas (<i>Continuação</i>)	Mulheres				Homens				Amostra Total			
	Satisf. (N=64)	Insatisf. (N=23)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=66)	Insatisf. (N=21)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=130)	Insatisf. (N=44)	X ²	Nível Signif.
Item 27- c	03	00	F	0,563	01	02	F	0,143	04	02	F	0,643
Item 27- d	47	20	1,747	0,186	46	17	1,010	0,315	93	37	2,742	0,098
Item 28- a	02	00	F	1,000	07	03	F	0,699	09	03	F	1,000
Item 28- b	00	00	-	-	00	01	F	0,241	00	01	F	0,253
Item 28- c	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 28- d	02	00	F	1,000	00	00	-	-	02	00	F	1,000
Item 28- e	60	23	F	0,569	59	17	F	0,450	119	40	F	1,000
Item 30- a	10	05	F	0,529	17	11	5,174	0,23	27	16	4,297	0,038
Item 30- b	54	18	F	0,529	49	10	5,174	0,23	103	28	4,297	0,038
Item 31- a	32	07	2,619	0,106	26	11	1,099	0,294	58	18	0,184	0,668
Item 31- b	03	01	F	1,000	03	02	F	0,590	06	03	F	0,694
Item 31- c	00	00	-	-	02	00	F	1,000	02	00	F	1,000
Item 31- d	00	00	-	-	07	00	F	0,188	07	00	F	1,000
Item 31- e	10	07	F	0,137	08	01	F	0,446	18	08	0,486	0,486
Item 31- f	05	03	F	0,431	10	06	F	0,200	15	09	2,198	0,138
Item 31- g	15	05	0,028	0,868	11	01	F	0,279	26	06	0,887	0,346
Item 32- a	28	08	0,561	0,454	26	08	0,011	0,915	54	16	0,366	0,545
Item 32- b	04	03	F	0,375	04	02	F	0,628	08	05	F	0,318
Item 32- c	00	00	-	-	02	00	F	1,000	02	00	F	1,000
Item 32- d	00	01	F	0,264	05	00	F	0,330	05	01	F	1,000
Item 32- e	07	03	F	0,720	09	08	F	0,024	16	11	4,040	0,044
Item 32- f	08	03	F	1,000	11	02	F	0,726	19	05	0,292	0,589
Item 32- g	17	05	0,208	0,648	08	01	F	0,446	25	06	0,703	0,402
Item 33- a	42	14	0,167	0,683	48	15	0,013	0,908	90	29	0,168	0,682
Item 33- b	00	01	F	0,264	00	00	-	-	00	01	F	0,253
Item 33- c	02	00	F	1,000	01	00	F	1,000	03	00	F	0,572
Item 33- d	16	05	0,098	0,754	14	06	F	0,555	30	11	0,067	0,795
Item 33- e	03	01	F	1,000	00	00	-	-	03	01	F	1,000
Item 33- f	01	01	F	0,461	00	00	-	-	01	01	F	0,443
Item 33- g	00	01	F	0,264	03	00	F	1,000	03	01	F	1,000
Item 34- a	10	08	F	0,072	21	09	0,859	0,354	31	17	3,600	0,058
Item 34- b	54	15	F	0,072	45	12	0,859	0,354	99	27	3,600	0,058
Item 34- c	00	00	-	-	00	00	-	-	00	00	-	-
Item 35- a	46	12	2,955	0,086	47	17	0,777	0,378	93	29	0,497	0,481

Itens e alternativas (Continuação)	Mulheres				Homens				Amostra Total			
	Satisf. (N=64)	Insatisf. (N=23)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=66)	Insatisf. (N=21)	X ²	Nível Signif.	Satisf. (N=130)	Insatisf. (N=44)	X ²	Nível Signif.
Item 35- b	08	07	F	0,062	11	01	F	0,279	19	08	0,319	0,572
Item 35- c	10	04	F	1,000	08	03	F	0,722	18	07	0,114	0,736
Item 36- a	48	13	2,757	0,097	50	15	0,158	0,691	98	28	2,271	0,132
Item 36- b	06	07	F	0,035	09	06	F	0,181	15	13	7,894	0,005
Item 36- c	10	03	F	1,000	07	00	F	0,188	17	03	1,266	0,261
Item 38- a	47	15	0,558	0,455	38	13	0,123	0,726	85	28	0,44	0,834
Item 38- b	17	08	0,558	0,455	28	08	0,123	0,726	45	16	0,44	0,834